meditações para o ADVENTO *e para o NATAL*

SANTO TOMÁS DE AQUINO

ECCLESIAE

meditações para o ADVENTO *e para o NATAL*

SANTO TOMÁS DE AQUINO

ECCLESIAE

Meditações para o Advento e para o Natal
Santo Tomás de Aquino
Pe. Denys Mézard, O. P. (org.)
1ª edição – outubro de 2018 – CEDET

Ilustração da capa: St. Thomas Aquinas, do 'Crabbes Historical Dictionary', Londres, 1825.

Os direitos desta edição pertencem ao
CEDET — Centro de Desenvolvimento Profissional e Tecnológico
Rua Armando Strazzacappa, 490
CEP: 13087-605 — Campinas, SP
Telefone: (19) 3249-0580
E-mail: livros@cedet.com.br

CEDET LLC is licensee for publishing and sale of the electronic edition of this book

CEDET LLC

1808 REGAL RIVER CIR - OCOEE - FLORIDA - 34761

Phone Number: (407) 745-1558

e-mail: cedetusa@cedet.com.br

EDITOR:
Diogo Chiuso

ORGANIZAÇÃO:
Pe. Denis Mézard, O.P.

TRADUÇÃO:
Jefferson Bombachim

PREPARAÇÃO DO TEXTO:
Gabriel Buonpater

REVISÃO ORTOGRÁFICA E DE TRADUÇÃO:
José Lima

REVISÃO FINAL:
Tamara Fraislebem
Natália Ruggiero

CAPA & DIAGRAMAÇÃO:
J. Ontivero

FICHA CATALOGRÁFICA

Aquino, Tomás de, Santo; Mézard O. P., Pe. Denys (org).

Meditações para o Advento e para o Natal / Santo Tomás de Aquino, Pe. Denys Mézard O. P. (org.); tradução de Jefferson Bombachim – Campinas, SP: Ecclesiae, 2018.

Título original: Meditations for Advent and Christmas.

ISBN: 978-85-8491-107-3

1. Cristianismo. Teologia cristã. 2. Advento 3. Natal.
I. Santo Tomás de Aquino. II. Título.

CDD – 230
264.32
264.33

INDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

1. Cristianismo. Teologia cristã – 230
2. Tempo do Advento – 264.32
3. Tempo do Natal – 264.33

Ecclesiae Editora

www.ecclesiae.com.br

CONSELHO EDITORIAL:
Adelice Godoy
César Kyn d'Ávila
Silvio Grimaldo de Camargo

Reservados todos os direitos desta obra. Proibida toda e qualquer reprodução desta edição por qualquer meio ou forma, seja ela eletrônica, mecânica, fotocópia, gravação ou qualquer outro meio de reprodução, sem permissão expressa do editor e do detentor dos direitos autorais.

Sumário

Nota desta edição

Prefácio do organizador

Tempo do Advento

27 de novembro: A imensidade do amor divino

28 de novembro: A conveniência da Encarnação

29 de novembro : A necessidade da Encarnação

30 de novembro: A necessidade da Encarnação II

1º de dezembro: A necessidade da encarnação para oferecer satisfação suficiente pelo pecado

2 de dezembro: A Encarnação do Senhor é um remédio muito conveniente

3 de dezembro: Da conveniência da reparação da natureza humana pelo Verbo

4 de dezembro: Modo de reparar a natureza humana

5 de dezembro: Da Encarnação admirável do Filho de Deus

6 de dezembro: Diz-se ser mais conveniente que, se o homem não houvesse pecado, Deus não haveria de se encarnar

7 de dezembro: A Encarnação não teria sido conveniente no princípio do mundo

8 de dezembro: Na festa da Imaculada Conceição

9 de dezembro: Do distanciamento da noite

10 de dezembro: A transladação da Santa Casa de Loreto

11 de dezembro: Encarnação não devia adiar-se até o fim do mundo

12 de dezembro: Desejo da Encarnação de Cristo

13 de dezembro: Foi conveniente que o Filho de Deus : assumisse a natureza humana da raça de Adão

14 de dezembro: Foi mais conveniente que a pessoa do Filho tomasse a natureza humana que outra pessoa divina

15 de dezembro: Nenhum mérito precedeu a união do Verbo

16 de dezembro: O dom do Filho de Deus na Encarnação

17 de dezembro: Apropriação da Encarnação ao Espírito Santo

18 de dezembro: Na festa da expectação do parto da Santíssima Virgem Maria

19 de dezembro: A penitência

20 de dezembro: Frutos dignos de penitência

21 de dezembro: A voz que clama no deserto

22 de dezembro: O orvalho celestial

23 de dezembro: As quatro utilidades da encarnação

24 de dezembro: A encarnação é um auxílio para o homem que tende à bem-aventurança

Tempo do Natal

25 de dezembro: Bondade e utilidade de Cristo ao nascer

26 de dezembro: Cristo nasceu passível e mortal

27 de dezembro: São João Evangelista

28 de dezembro: Quatro utilidades do : nascimento de Cristo

29 de dezembro: A iluminação da alma penitente

30 de dezembro: Circunstâncias do nascimento de Jesus

31 de dezembro: A filiação divina

1º de janeiro: A circuncisão

2 de janeiro: Imposição do nome de Jesus

3 de janeiro: Utilidade do nome de Jesus

4 de janeiro: Virgindade de Maria

5 de janeiro: O fruto da Santíssima Virgem Maria

6 de janeiro: Epifania de Cristo

7 de janeiro: Ordem da manifestação de Cristo

8 de janeiro: A diligência dos magos

9 de janeiro: Os presentes dos magos

10 de janeiro: A busca de Deus

11 de janeiro: Onde mora Jesus

12 de janeiro: As bodas espirituais

13 de janeiro: A súplica de Maria a Jesus

14 de janeiro: O vinho bom

15 de janeiro: O santíssimo nome de Deus

16 de janeiro: Três classes de vinho

17 de janeiro: A vida de Cristo entre os homens

18 de janeiro: Cristo escolheu a vida ativa

19 de janeiro: Cristo não devia levar uma vida austera

20 de janeiro: Cristo devia levar uma vida pobre

21 de janeiro: Cristo viveu neste mundo de acordo com a Lei Mosaica

22 de janeiro: Humildade e obediência de Cristo

23 de janeiro: Os esponsais da Santíssima Virgem Maria
24 de janeiro: A graça infinita de Cristo
25 de janeiro: Conversão do Apóstolo São Paulo
26 de janeiro: Sacerdócio de Cristo
27 de janeiro: Síntese da pregação de Cristo
28 de janeiro: O poço deleitoso
29 de janeiro: Deveres para com o Verbo de Deus
30 de janeiro: Observância da palavra de Deus
31 de janeiro: Utilidade de meditar os mistérios de Cristo
1 de fevereiro: Jesus chama à porta
2 de fevereiro: Purificação da Santíssima Virgem Maria
3 de fevereiro: Apresentação de Cristo no Templo
4 de fevereiro: Como devemos apresentar-nos a Deus
5 de fevereiro: O Templo de Deus
6 de fevereiro: Devemos seguir o Senhor
7 de fevereiro: O jugo de Cristo
8 de fevereiro: Imitação de Cristo
9 de fevereiro: A videira e os ramos
10 de fevereiro: Estudo da sabedoria, principalmente da Sabedoria Encarnada
11 de fevereiro: Aparição da Santíssima Virgem Maria
12 de fevereiro: Estado dos pecadores
13 de fevereiro: Não se deve adiar a conversão
14 de fevereiro: Adesão a Cristo
15 de fevereiro: Amor de Cristo aos discípulos
16 de fevereiro: Permanência em Cristo
17 de fevereiro: A vida em Cristo
18 de fevereiro: A paz e a vitória por Jesus
19 de fevereiro: A porta estreita
20 de fevereiro: Renúncia das coisas temporais
Notas de Rodapé

Nota desta edição

A edição utilizada para esta tradução foi a da editora argentina Emecé de 1948, traduzida do original latino para o espanhol por Luis M. de Cádiz. A tradução foi cotejada com a edição das obras completas de Santo Tomás sob a responsabilidade de Enrique Alarcón e os textos bíblicos comparados com a Vulgata Clementina.

Os trechos bíblicos estão dispostos conforme a tradução da Vulgata feita pelo Pe. Matos Soares.

Prefácio do organizador

Todo este livro,[1] tanto nos conceitos quanto nas palavras — salvo umas poucas que se encontrarão na meditação da festa da Imaculada Conceição da BemAventurada Virgem Maria — é, em verdade, obra do piedosíssimo Doutor Angélico, Santo Tomás de Aquino. Uma só coisa pode atribuir-se ao organizador como sua, a saber: ter buscado em todas as obras do grande mestre tudo o que havia de mais suave, piedoso e apropriado para fomentar a edificação, e tê-lo distribuído por todos os dias do ano litúrgico, a fim de que se tivesse assim reunida a essência dulcíssima deste admirável cedro-do-líbano, para poder tomá-la e saboreá-la cada dia, ou por meio da leitura, ou pelo esforço mais atento da meditação.

Não devem buscar-se aqui, certamente, as meditações que tantas vezes se publicam para uso dos fiéis, meditações inteiramente acabadas, muito solícitas em indicar, às vezes com excessiva prolixidade, não somente as idéias para a inteligência, mas também os afetos para o coração e até os propósitos práticos que se deve tirar, de sorte que ao que medita não sobra nada que fazer ou investigar.

Aqui, sem dúvida, somente as idéias se apresentam ao espírito, idéias breves, em estilo elevado, claras, firmes, porém quão plenas e fecundas,

quão trasbordantes de piedade e de verdadeiro amor de Deus!

Não são certamente raros os que, cansados da linguagem excessivamente difusa dos livros, desejam encontrar dentro de um estilo conciso e de poucas palavras o pão de vida e entendimento.

Ide ao Doutor Angélico, que ele vos dará não somente ampla matéria para meditar, mas também a mais apta para reformar os costumes, e também para nutrir e acrescentar o amor a nosso Salvador.

A ordem que seguimos para distribuir a matéria em nossa obra é a seguinte:

No tempo do Advento propõe-se à nossa meditação tudo quanto Santo Tomás escreveu, em diversos lugares, acerca do mistério da Encarnação; depois se segue com o relativo à Natividade do Senhor, à sua infância e vida pública.

No tempo da Quaresma vão as meditações referentes à Paixão e morte de Cristo na Cruz.

Depois, com Cristo ressuscitado e exemplar de nossa regeneração espiritual, começa uma série sobre a vida nova, pela graça, pela conformação a Cristo que sobe aos céus, pelos efeitos do Espírito Santo e pela Eucaristia. Esta série termina na festa do Sacratíssimo Coração de Jesus.

As meditações destinadas ao período compreendido entre o dia primeiro de julho e o Advento versam sobre os seguintes pontos:

1º Deus e alguns de seus atributos.

2º O homem apartado de Deus pelo pecado, e decidido a conhecer e detestar seus pecados na vida purgativa.

3º O mesmo homem, avançando para a vida iluminativa por meio das virtudes.

4º O homem elevando-se à vida unitiva para participar de Deus por meio

do amor fervoroso e da íntima amizade.

5º Com a festa de Todos os Santos, começam as meditações dos novíssimos, que se estendem por todo o mês de novembro, até que, purificado, iluminado e perfeito, o homem pode, enfim, sentar-se nesta Grande Ceia beatíssima que será o fim de todas as coisas.

Assim, pois, todo o conjunto destas meditações é como um compêndio da Suma de Santo Tomás, de modo que possa oferecer uma síntese de toda a religião e da vida ascética.[2]

Além das meditações adaptadas ao ciclo litúrgico, os sacerdotes e religiosos encontrarão ao final outras para os Exercícios Espirituais que em cada ano realizam-se duran te oito dias.

Fr. Mézard, O.P.

Tempo do Advento

27 de novembro: A imensidade do amor divino

> Porque Deus amou de tal modo o mundo, que lhe deu seu Filho unigênito, para que todo o que crê nele não pereça, mas tenha a vida eterna (Jo 3, 16).

A causa de todos os nossos bens é o Senhor e o amor divino; porque amar é propriamente querer bem a alguém. E como a vontade de Deus é causa de todas as coisas, o bem nos alcança porque Deus nos ama. O amor de Deus é, pois, a causa do bem de nossa natureza. Também o é do bem da graça. (Jr 31, 3): De longe (responde Israel) se me deixou ver o Senhor. Eu amei-te (continua o Senhor) com amor eterno; por isso, mantive o meu favor para contigo, isto é, por meio da graça.

Mas que seja também o doador do bem da graça, é algo que procede de uma grande caridade, e portanto, se demonstra aqui com quatro razões que essa caridade de Deus é máxima:

1º Por razão da pessoa que ama, pois Deus é o que ama e ama sem medida. Por isso se diz: Deus amou de tal modo.

2º Pela condição do amado; porque o amado é o homem, isto é, o homem mundano, corpóreo, pecador. Mas Deus manifesta a sua caridade para conosco, porque, quando ainda éramos pecadores, fomos reconciliados com Deus pela morte de seu Filho (Rm 5, 8.10). Por isso diz: Deus amou o mundo.

3º Pela grandeza dos dons; porque o amor se demonstra por meio do dom, pois, como diz São Gregório, a prova do amor é a ação.

Deus nos deu o dom máximo, pois nos deu seu Filho unigênito, seu Filho por natureza, consubstancial a Ele mesmo, não adotivo; unigênito, para mostrar que o amor de Deus não se divide entre muitos filhos, senão que vai todo inteiro ao Filho que Ele nos deu como prova do seu amor sem medida.

4º Pela magnitude do fruto; pois por esse dom alcançamos a vida eterna. Por isso diz: para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna, a que nos conquistou por sua morte de cruz.

Diz-se que uma coisa perece quando é impedida de alcançar o seu fim próprio. O homem tem por fim próprio a vida eterna, e quantas vezes peca, tantas vezes se aparta desse fim. E mesmo quando, enquanto vive, não perece totalmente, pois pode reabilitar-se, todavia, quando morre em pecado, perece totalmente. Nas palavras: tenha a vida eterna, se indica a imensidade do amor divino; porque ao dar a vida eterna Deus dá a si mesmo; pois a vida eterna não é outra coisa que gozar de Deus. Dar-se a si mesmo é sinal de um grande amor.

— Jo, 3

28 de novembro: A conveniência da Encarnação

I. Parece ser muito conveniente que os atributos invisíveis de Deus sejam mostrados pelas coisas visíveis; pois para isto se fez o mundo inteiro, como mostra o Apóstolo: As coisas invisíveis dele, isto é, o seu poder eterno e a sua divindade, depois da criação do mundo, compreendendo-se pelas coisas feitas, tornaram-se visíveis (Rm 1, 20). Porém, como diz São João Damasceno, pelo mistério da Encarnação se manifesta a um só tempo a bondade, a sabedoria, a justiça e o poder de Deus ou sua virtude. A bondade, porque não desprezou a debilidade de sua própria criatura; a justiça, porque, vencido o homem, fez com que ninguém mais que o próprio homem vencesse o tirano, nem o livrou da morte pela violência; a sabedoria, porque encontrou o melhor modo de pagar o mais custoso preço; o poder ou virtude infinita, porque não há nada maior do que ter-se feito Deus-homem. Logo, foi conveniente que Deus se encarnasse.

II. Convém a cada coisa aquilo que lhe compete segundo a sua própria natureza, como ao homem lhe convém raciocinar, porque esse ato lhe corresponde enquanto é racional segundo a sua própria natureza. Sendo, pois, a natureza mesma de Deus a essência da bondade, tudo o que é essencial ao bem convém a Deus. E como é da essência do bem o comunicar-se aos outros, portanto, é essencialmente próprio do sumo bem comunicar-se à criatura de um modo soberano. O qual se verifica principalmente ao unir-se a uma natureza criada, de modo que se faça

uma só pessoa destes três princípios, a saber: o Verbo, a alma e a carne. Por isso, é notório que foi conveniente que Deus se encarnasse.

Unir-se a Deus em unidade de pessoa não foi conveniente à carne humana segundo a condição da natureza, porque isto supera a sua dignidade; porém foi conveniente a Deus, segundo a excelência infinita de sua bondade, que a unisse a si para salvar o homem.

Deus é grande, não em volume, mas sim em virtude; por conseguinte, a magnitude de seu poder não sente nenhuma diminuição ao tomar nossa diminuída natureza. Se a palavra fugaz do homem é ouvida simultaneamente por muitos, toda inteira por cada um deles, não é incrível que o Verbo de Deus esteja por sua vez em todas as partes todo inteiro.

— S. Th., IIIa, q. 1, a. 1

29 de novembro : A necessidade da Encarnação

Algo é necessário para algum fim de dois modos: primeiro, por necessidade absoluta, sem a qual algo não pode existir, tal como o sustento é necessário para a conservação da vida humana; segundo, na medida em que por meio de tal coisa se chega melhor e mais convenientemente ao fim, tal como o cavalo é necessário para realizar uma viagem. Não foi necessário pelo primeiro modo que Deus se encarnasse para a reparação da natureza humana, porque Deus, por sua virtude onipotente, podia reparar a natureza humana de muitos outros modos. Porém, pelo segundo modo, foi necessário que Deus se encarnasse. Por isso diz Santo Agostinho:[3] "Demonstremos, ademais, que não faltou outro modo possível a Deus, a cujo poder tudo está submetido igualmente, senão que não haveria outro modo mais conveniente de curar nossa miséria". Isto é, naquilo que pode se considerar quanto à promoção do homem ao bem.

1º Quanto à fé, que se faz mais firme por aquele que crê no mesmo Deus que fala; por isso diz Santo Agostinho:[4] "Para que o homem caminhasse

mais confiante para a verdade, o Filho de Deus, que é a mesma Verdade, feito homem, constituiu e fundou a fé".

2º Quanto à esperança, que se afirma principalmente por isso, e assim diz Santo Agostinho:[5] "Nada foi tão necessário para exalçar nossa esperança, quanto Deus demonstrar o quanto nos amava. Que prova disto será mais manifesta do que o Filho de Deus se ter dignado formar um consórcio com a nossa natureza?".

3º Quanto à caridade, que se encoraja principalmente por isso, diz Santo Agostinho:[6] "Que maior motivo existe da vinda do senhor senão Deus manifestar o seu amor em nós?". E depois acrescenta: "Se nos era penoso amar, ao menos não nos será custoso corresponder-lhe o amor".

4º Quanto à retidão das obras, nas quais se nos mostrou para o exemplo. Pelo que diz Santo Agostinho:[7] "Não se devia seguir o homem, que podia ser visto; mas sim, se devia seguir a Deus, que não podia ser visto. E assim, para que se manifestasse ao homem e fosse visto pelo homem e o seguisse o homem, Deus fez-se homem".

5º Quanto à plena participação da divindade, que é a verdadeira bem-aventurança do homem, e o fim da vida humana, e isto nos foi dado pela humanidade de Cristo. Pois diz Santo Agostinho:[8] "Deus se fez homem para que o homem se fizesse Deus".

— S. Th., IIIa , q. 1, a. 2

30 de novembro: A necessidade da Encarnação II

Não somente foi necessário que Deus se encarnasse para a promoção do homem ao bem, mas também para a remoção do mal.

1º O homem se instrui por isto para que não prefira o Diabo a si mesmo, não venere o que é autor do pecado. A esse propósito diz Santo

Agostinho:[9] “Posto que Deus pôde unir-se à natureza humana de tal modo que se fez uma só pessoa, não se atrevam por isso aqueles espíritos soberbos e malignos a anteporem-se ao homem, porque não têm carne”.

2º Pois isso nos ensina quão grande é a dignidade da natureza humana, para que não a corrompamos com o pecado. Pelo que assegura Santo Agostinho:[10] “Deus nos mostrou quão excelso lugar a natureza humana ocupa entre as criaturas, aparecendo entre os homens como verdadeiro homem”. E o Papa São Leão diz:[11] “Reconhece, ó cristão, tua dignidade; e, feito partícipe da natureza divina, não retornes à antiga vileza com uma má conduta”.

3º Porque, para destruir a presunção do homem, se faz mais estimável a graça de Deus em Cristo homem, sem nenhum mérito anterior de nossa parte.

4º Porque mediante tanta humildade de Deus pode reprimir-se e sanar-se a soberba do homem, que é o maior obstáculo que o impede de unir-se a Deus.

5º Para livrar o homem da servidão do pecado; o qual, como diz Santo Agostinho,[12] devia realizar-se de modo que o Diabo fosse vencido pela justiça do homem Jesus Cristo; e isso foi levado a cabo mediante o sacrifício de Cristo por nós. Pois um simples homem não podia dar satisfação por todo o gênero humano, e Deus não devia dar essa satisfação; por isso é que convinha que Jesus Cristo fosse Deus e ho mem. Por isso diz o Papa São Leão:[13] “A debilidade é tomada pela fortaleza, a humildade pela majestade, a mortalidade pela eternidade, a fim de que, qual convinha à nossa salvação, um só e mesmo mediador entre Deus e os homens pudesse morrer por uma parte e ressuscitar por outra; porque, se não fosse verdadeiro Deus, não traria o remédio; se não fosse verdadeiro homem, não daria o exemplo”.

Existem muitas outras vantagens que resultam disto e que excedem a apreensão do sentido humano, segundo aquilo do Eclesiástico (3, 25): muitas coisas te foram reveladas, que excedem a inteligência humana.

— S. Th., IIIa, q. 1, a. 2

1º de dezembro: A necessidade da encarnação para oferecer satisfação suficiente pelo pecado

I. De duas maneiras pode-se dizer suficiente uma satisfação:

1º De maneira perfeita, porque é condigna, por certa adequação, para compensar a culpa cometida, e assim a satisfação que um simples homem dera pelo pecado não poderia ser suficiente, porque toda a natureza humana estava corrompida pelo pecado, nem o bem de uma pessoa, e mesmo de muitas, podia compensar com equivalência o dano de toda a natureza; ademais, o pecado cometido contra Deus é de certo modo infinito por conta da infinita majestade de Deus que foi ofendido, pois a ofensa é tanto mais grave quanto maior é a dignidade do ofendido. Portanto, foi necessário para uma satisfação condigna que o ato de satisfação tivesse eficácia infinita, como o é o ato daquele que é Deus e homem.

2º A satisfação do homem pode ser suficiente de maneira imperfeita, isto é, segundo a aceitação daquele que se contente com ela, ainda que não seja condigna, e deste modo a satisfação de um simples homem é suficiente; e posto que o imperfeito pressuponha algo perfeito que o sustente, daí resulta que toda satisfação dada por um simples homem recebe sua eficácia da satisfação de Cristo.

— S. Th., IIIa, q. 1, a. 2, ad 2

II. A Encarnação oferece a certeza do perdão do pecado.

Assim como o homem se dispõe à bem-aventurança pelas virtudes, do mesmo modo se afasta dela pelos pecados; o pecado, contrário à virtude, é um impedimento para a bem-aventurança, não só porque introduz uma desordem na alma, enquanto a afasta da ordem para o fim devido; mas também porque ofende a Deus, do qual espera o prêmio da bem-

aventurança; e, ademais, tendo o homem conhecimento dessa ofensa, perde pelo pecado a esperança de aproximar-se de Deus, a qual é necessária para conseguir a bem-aventurança.

Portanto, é necessário ao gênero humano, cheio de pecados, que se lhe dê algum remédio contra os pecados; mas esse remédio pode dá-lo somente Deus, o qual não só pode mover a vontade do homem para o bem, para reintegrá-la na ordem devida, senão que também pode perdoar a ofensa cometida contra Ele, pois a ofensa só pode ser perdoada por aquele contra quem se comete.

Ademais, para o homem livrar-se de uma ofensa passada é necessário que esteja certo da remissão da ofensa pelo mesmo Deus, certeza que não pode obter se Deus mesmo não lhe certifica disso.

Portanto, foi conveniente e útil ao gênero humano, para conseguir a bem-aventurança, que Deus se fizesse homem, para que desse modo conseguisse de Deus o perdão dos pecados e tivesse certeza desse perdão pelo homem-Deus.

— S. Cont. Gent., l. IV, cap. 54

2 de dezembro: A Encarnação do Senhor é um remédio muito conveniente

Este mistério foi muito convenientemente ordenado para a salvação do homem, porque ainda que Deus pudesse fazer de outro modo, nenhum foi tão adequado, pois convinha ao mesmo Reparador ser aquele a quem devia oferecer-se a reparação, sendo ele a reparação mesma.

1º Ao Reparador, a quem era oportuno mostrar sua sabedoria, poder e bondade. Que coisa mais poderosa que unir extremos sumamente distantes? Grande foi o poder para unir elementos díspares; maior, para uni-los a um espírito criado; e máximo, para sua união ao espírito incriado, donde a disparidade é extrema. Que coisa será mais sábia para o

ápice de perfeição de todo o universo que se verificasse a união do primeiro e do último, isto é, do Verbo de Deus, que é o princípio de todas as coisas, e da natureza humana, que nas obras dos seis dias foi a última das criaturas? Que coisa será mais cheia de bondade que querer o Criador de todos os seres comunicar-se às coisas criadas? Essa benignidade foi grande ao unir-se com todas as coisas por união de presença; maior, ao comunicar-se aos bons por meio da graça; e máxima, ao unir-se a Cristo homem, e, por conseguinte, aos gêneros de cada um na unidade da pessoa.

2º Foi também este modo muito conveniente ao mesmo que devia receber a reparação, pois o homem, pelo pecado, caiu na debilidade, na ignorância e na malícia. Por tudo isso se fez incapaz de imitar a virtude divina, conhecer a sua verdade e amar a sua bondade; portanto, Deus, ao fazer-se homem, se entregou ao homem para que lhe imitasse, lhe conhecesse e lhe amasse.

3º Foi também muito conveniente para nossa reparação que o Senhor, em forma de servo, procurasse a salvação do escravo e que se encarnasse o Filho. Essa conveniência é evidente, seja considerando as coisas próprias do Filho, ou as de que ele se apropriou.

Se nos detemos nas coisas próprias do Filho, é evidente, porque é o Verbo, a imagem e o Filho de Deus; no en tanto, o homem perdeu pelo pecado três coisas, a saber: o conhecimento da sabedoria, a semelhança da graça e a herança da glória, por isso foi enviado o Verbo, imagem e Filho.

Se se consideram as de que ele se apropriou, também foi muito conveniente, porque na obra da criação resplandece principalmente o poder; na obra da restauração, a sabedoria; e, na obra da retribuição, a bondade.

— De Humanitate Christi

3 de dezembro: Da conveniência da reparação da natureza humana pelo Verbo

Convém advertir que todo ser inteligente age por meio de uma idéia de seu entendimento que chamamos verbo. Assim, um arquiteto ou um artista qualquer que realiza uma obra, a faz segundo a forma que concebeu em sua mente. Se, pois, o Filho de Deus é o próprio Verbo de Deus, segue-se que Deus fez tudo por meio do Filho.

I. Todas as coisas se fazem e se refazem pela mesma idéia. Pois se uma casa cai, é reconstruída segundo o plano com que foi construída no princípio.

Entre os seres que Deus criou por seu Verbo, a criatura racional ocupa o primeiro lugar, enquanto que as demais criaturas estão a serviço desta e aparecem como criadas para ela. Isto é muito legítimo, porque a criatura racional tem o domínio de seus atos pelo livre-arbítrio, enquanto que as demais criaturas não agem por livre vontade. Em todas as partes, o que é livre impera sobre o que é escravo e os escravos estão para servir os homens livres e são governados pelos homens livres. Logo, a queda da criatura racional deve julgar-se muito mais grave que a falta da criatura irracional. É, portanto, conveniente que a sabedoria divina repare principalmente a queda da criatura racional, por mais que se arruinasse o céu ou qualquer outro acidente se realizasse nas coisas corpóreas.

II. Falo da queda da criatura racional não enquanto esta se afasta de seu próprio ser, mas enquanto se afasta da retidão da vontade. Pois a queda ou a deserção de um ser deve ser considerada principalmente segundo o princípio de operação; assim dizemos que o artista erra se falha em sua arte, e dizemos que uma coisa falha e se arruína se se corrompe a capacidade natural para a qual foi feita; é o caso de uma planta que perde sua capacidade germinativa, ou o caso da terra que perde a sua força produtiva. Vejamos, a criatura racional age pela vontade na qual reside o livre-arbítrio. Da queda da criatura racional decorre um defeito de retidão da vontade, o qual se verifica quando ela peca. Assim, pois, convém principalmente a Deus remover o defeito do pecado, que não é outra coisa que uma perversão da vontade, e atestar a dita remoção através de seu Verbo, pelo qual criou todas as coisas.

O pecado dos anjos não pôde ter remédio porque, na imutabilidade de sua natureza, lhes é impossível arrepender-se e apartar-se daquilo que uma

vez escolheram. Os homens, ao contrário, possuem uma vontade mutável, segundo a condição de sua natureza, de tal modo que não só podem escolher entre coisas diversas, mas também, depois de haverem escolhido uma coisa, podem arrepender-se e voltar-se para outra.

Sendo, pois, reparável a natureza, correspondeu à bondade de Deus repará-la, uma vez caída, por meio de seu Filho.

— Contra Sarracenos, cap. 5

4 de dezembro: Modo de reparar a natureza humana

I. O modo da reparação devia ser tal que conviesse tanto à natureza que havia de ser reparada, quanto à enfermidade. Digo à natureza, porque sendo o homem de natureza racional e dotado de livre-arbítrio, devia reintegrar-se ao estado de retidão, não por coação exterior, mas por sua pró pria vontade; e também à enfermidade, porque, consistindo esta na perversão da vontade, era necessário que a vontade se reduzisse à retidão.

A retidão da vontade humana consiste em uma ordenação legítima do amor, que é seu sentimento principal, e a ordem dispõe que amemos a Deus sobre todas as coisas como o sumo bem, e que encaminhemos a Ele todas as coisas que amamos como o seu fim último, e que, ao amar os outros seres, se guarde a ordem devida, isto é, que posponhamos as coisas corporais às espirituais. Para excitar em nós o amor de Deus, nada podia ser mais eficaz do que tomar o Verbo de Deus, pelo qual foram feitas todas as coisas, a nossa natureza para repará-la, e que a mesma pessoa fosse Deus e homem.

II. Em primeiro lugar, porque com isso se manifesta principalmente quanto Deus amou o homem, já que quis fazer-se homem para salvá-lo; e não há nada que induza mais a amar que o saber-se amado. Depois, porque, tendo o homem a inteligência e o coração inclinados às coisas corporais, não podia elevar-se facilmente às que estão acima de si;

enquanto que é fácil a qualquer homem amar e conhecer o seu semelhante. Porém, considerar a alteza divina e ser levado a ela pelo afeto devido do amor não é próprio de todos os homens, mas unicamente daqueles que com o auxílio de Deus, com grande empenho e trabalho, se elevam do corporal ao espiritual. Portanto, para abrir a todos os homens um caminho fácil para Deus, quis fazer-se homem a fim de que até as crianças pudessem conhecer e amar a Deus, feito quase semelhante a elas, e deste modo, pelo que podem perceber, pouco a pouco crescessem até a perfeição.

Ademais, tendo Deus feito a si mesmo homem, dá ao homem esperança de poder chegar a participar da perfeita bem-aventurança, que só Deus possui por natureza. Pois promete ao homem, que tem conhecimento da própria debilidade, que chegará à bem-aventurança da qual ape nas são capazes os anjos, e que consiste na visão e no gozo de Deus, e lhe mostra que dificilmente poderia atrever-se a esperar tal coisa, se não lhe mostrasse, por outra parte, a dignidade de sua natureza, a qual Deus estima tanto que quis fazer-se homem para salvá-lo.

E assim, por ter Deus feito a si mesmo homem, nos deu a esperança de que também o homem possa chegar a unir-se a Deus pelo gozo bem-aventurado.

Comunica, além disso, ao homem, o conhecimento de sua dignidade por haver tomado Deus a natureza humana, para que não submeta seu afeto a nenhuma criatura, dando culto ao demônio ou a quaisquer outras criaturas pela idolatria, nem sujeitando seu afeto às criaturas corporais, amando-as desordenadamente. Porque é indigno que o homem se submeta desordenadamente às coisas inferiores a Deus, possuindo tanta dignidade segundo a estima divina, e estando tão próximo de Deus, a ponto d'Ele desejar fazer-se homem.

— Contra Sarracenos, cap. 5

5 de dezembro: Da Encarnação admirável do

Filho de Deus

I. Este mistério, entre todas as obras divinas, é o que mais excede a razão humana, pois nada pode pensar-se mais admirável entre as obras de Deus do que o fato de que seu Filho, verdadeiro Deus, se tenha feito verdadeiro homem. E porque isto é admirabilíssimo entre todas as coisas, segue-se que todas as outras maravilhas se ordenam à fé deste grande mistério, em virtude do princípio de que o primeiro em um gênero é causa dos demais.

II. Confessamos esta Encarnação admirável de Deus, ensinada pela autoridade divina, pois se diz: E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós (Jo 1, 14).

Mostram também isto abertamente as próprias palavras de Nosso Senhor Jesus Cristo, quando fala coisas humildes e humanas, dizendo: O Pai é maior do que eu (Jo 14, 28) e A minha alma está numa tristeza mortal (Mt 26, 38) — tudo o que lhe convinha por conta de sua humanidade; e sempre que de si mesmo diz coisas sublimes e divinas: Eu e o Pai somos um (Jo 10, 30). Tudo o que o Pai tem, é meu (Jo 16, 15), dizia tudo quanto lhe corresponde segundo a sua natureza divina.

Também provam isto os feitos que se lêem acerca do Senhor. Pois o haver tido temor, o haver-se entristecido, o ter fome, o morrer, manifestam sua natureza humana; e quando curou os enfermos com seu próprio poder e ressuscitou os mortos e se impôs eficazmente aos elementos naturais do mundo, e expulsou os demônios, e perdoou os pecados, quando ressuscitou dos mortos com sua própria vontade e, por último, subiu aos céus, demonstrou sua virtude divina.

— S. contra Gent., l. IV, cap. 27

III. Entre todas as criaturas nada há tão semelhante a esta união da natureza divina e humana na Encarnação do que a união da alma e do corpo. Por isso diz Santo Atanásio: "Assim como a alma racional e a carne é um só homem, do mesmo modo Deus e homem é um só Cristo. Porém, a semelhança não consiste em que a alma racional se una ao corpo como matéria; porque desse modo se formaria de Deus e do homem uma só

natureza".

Podemos usar dessa comparação no sentido de que a alma se une ao corpo como a um instrumento. E efetivamente os doutores consideraram a natureza humana em Cristo como uma espécie de órgão da divindade, assim como se considera o corpo um órgão da alma.

Porém, o corpo é órgão da alma de um modo diferente dos instrumentos exteriores. A enxada não é um instrumento próprio da alma como o é a mão, pois a mão é órgão próprio, unido a ela, ao contrário da enxada que é um instrumento extrínseco e comum.

A união de Deus e do homem pode considerar-se deste modo: todos os homens podem considerar-se como instrumentos com os quais Deus age. Pois Ele é o que age em nós tanto no querer quanto no executar. Todo homem, em relação a Deus, é um instrumento exterior e separado, porque é movido por Deus, não para suas operações próprias, mas sim, para as operações comuns a toda a natureza racional, como entender a verdade, amar o bem e fazer o justo. Mas, pelo contrário, a natureza humana de Cristo executa instrumentalmente operações próprias somente de Deus, como purificar os pecados, iluminar as mentes com a graça e introduzir na perfeição da vida eterna.

A natureza humana de Cristo é, em relação a Deus, como um instrumento próprio e unido, como a mão é para a alma. Este exemplo nos dá somente uma ideia opaca, pois deve-se entender que o Verbo de Deus se uniu à natureza humana de um modo mais sublime e íntimo.

— S. contra Gent., l. IV, cap. 41

6 de dezembro: Diz-se ser mais conveniente que, se o homem não houvesse pecado, Deus não haveria de se encarnar

Santo Agostinho[14] diz sobre aquele trecho de São Lucas: O Filho do homem veio para buscar e salvar o que havia perecido (Lc 19, 10). Logo, se o homem não houvesse pecado, o Filho do homem não teria vindo. E na Primeira Carta a Timóteo sobre isto: (1Tm 1, 15), diz a Glosa: "Nenhuma outra causa teve Cristo Nosso Senhor para vir senão a de salvar os pecadores: tirai as enfermidades, tirai as feridas, e já não há lugar para o remédio".

I. Há quem opine de maneira diversa acerca desta questão, pois uns dizem que o Filho de Deus teria encarnado mesmo se o homem não tivesse pecado; porém outros asseguram o contrário, asserção à qual preferivelmen te se deve assentir. Com efeito, as coisas que provêm só da vontade de Deus e às quais não tem nenhum direito a criatura, não podem nos ser conhecidas senão enquanto nos ensina a Sagrada Escritura, pela qual nos é revelada a vontade divina.

Por conseguinte, posto que na Sagrada Escritura a razão da Encarnação assinalada em todas as partes é o pecado do primeiro homem, se diz convenientemente que a obra da Encarnação foi ordenada por Deus para ser remédio contra o pecado; de modo que, não existindo este, não se verificaria a Encarnação, ainda que o poder de Deus não esteja limitado a isto, pois Deus poderia encarnar-se mesmo sem existir o pecado.

II. Muitas outras coisas devem deduzir-se da Encarnação de Cristo para além da absolvição do pecado, como, por exemplo, o progresso do homem na fé, a esperança, a caridade etc. Porém, todos estes motivos pertencem em definitivo ao remédio do pecado; pois, se o homem não houvesse pecado, seria iluminado com a luz da divina sabedoria, e estabelecido por Deus na retidão moral perfeita para conhecer e fazer todo o necessário. Mas, posto que o homem, abandonando Deus, aferrara-se às coisas corporais, foi conveniente que Deus, tomando a carne, também exibisse o remédio da salvação através das coisas corporais. Por isso, diz Santo Agostinho:[15] "A carne te perdeu e a carne te salvou, pois que com sua carne Cristo veio destruir os vícios da carne".

Nada impede que a natureza humana tenha sido destinada a um fim mais elevado depois do pecado, porque Deus permite que se faça o mal

para dele tirar um bem maior. Por isso se diz: Onde abundou o pecado, superabundou a graça (Rm 5, 20). Por isso, se repete na benção do círio pascal: Ó feliz culpa, que mereceu ter tal e tão grande Redentor![16]

— S. Th., IIIa, q. 1, a. 3

7 de dezembro: A Encarnação não teria sido conveniente no princípio do mundo

Lê-se na Epístola aos Gálatas (Gl 4, 4): Mas, quando chegou a plenitude do tempo, Deus enviou seu Filho; e a Glosa explica que a plenitude do tempo é a época pré-fixada por Deus Pai para enviar o seu Filho, e posto que Deus definiu tudo por sua sabedoria, logo Deus se encarnou no tempo mais conveniente, e portanto não foi conveniente que se encarnasse desde o princípio do gênero humano.

Como a obra da Encarnação se ordena principalmente à reparação da natureza humana pela abolição do pecado, é evidente que não convinha que Deus se encarnasse desde o princípio do gênero humano, antes do pecado; porque o remédio não se dá senão aos enfermos, e por isso diz o mesmo Senhor: Os sãos não têm necessidade de médico, mas sim os enfermos […] porque eu não vim chamar os justos, mas os pecadores. (Mt 9, 12-13).

Tampouco era conveniente que Deus se encarnasse imediatamente depois do pecado.

1º Pela condição do pecado humano, que proveio da soberba; pelo que o homem deveria ser liberto de modo que, humilhado, reconhecesse que necessitava de um libertador. Por isso diz a Glosa: Deus, com grande prudência, determinou que seu filho não fosse enviado imediatamente depois da queda do homem. Primeiramente o deixou com a liberdade de arbítrio na lei natural, para que assim conhecesse as forças de sua natureza; e, tendo sido, assim, desleal, recebeu a Lei; mas dada esta,

cresceu a enfermidade, não por vício da Lei, senão da natureza, para que conhecida desse modo sua enfermidade, chamasse o médico e buscasse o auxílio da graça.

2º A causa da ordem da promoção ao bem segundo a qual se procede do imperfeito ao perfeito; pelo que diz o Apóstolo: Mas não é primeiro o espiritual, mas sim, o animal; depois o espiritual. O primeiro homem formado da terra, é terreno; o segundo homem vindo do céu, é celeste (1Cor 15, 46-47).

3º Pela dignidade do Verbo encarnado, pois diz a Glosa sobre isto (Gl 4, 4): "Quanto maior fosse o juiz que viria, tanto mais larga a série de pregadores deveria precedê-lo".

4º Para que não esfriasse o fervor da fé com a demora, posto que até o fim do mundo se esfriará a caridade de muitos. Por esta razão se diz: Mas, quando vier o Filho do homem, julgais vós que encontrará fé sobre a terra? (Lc 18, 8).

A caridade tarda em socorrer ao amigo, mas levando em conta a oportunidade dos negócios e a condição das pessoas; porque se um médico desse ao enfermo a medicina apenas começada a enfermidade, aproveitaria menos e lhe prejudicaria mais do que lhe favoreceria. E por isto o Senhor não ofereceu desde o princípio ao gênero humano o remédio da Encarnação, para que não o desprezasse por soberba, pois antes não conhecia sua enfermidade.

— S. Th., IIIa, q. 1, a. 4

8 de dezembro: Na festa da Imaculada Conceição

Toda és formosa, amiga minha, e em ti não há mácula (Ct 4, 7).

Maria esteve sempre imune de todo pecado.

1º No instante de sua concepção. Pois se crê razoavelmente que aquela

que engendrou o Unigênito do Pai, cheio de graça e de verdade, receberia maiores privilégios de graça que todos os outros. Pelo que, como se lê em Lucas (Lc 1, 28): O anjo disse-lhe: Deus te salve, cheia de graça. Sabemos, não obstante, que a alguns outros foi concedido o privilégio de serem santificados no seio materno, como a Jeremias, ao qual se disse: Antes que tu saísses do seio de tua mãe, te conheci (Jr 1, 5); e também a João Batista, do qual se disse: cheio de Espírito Santo desde o ventre de sua mãe (Lc 1, 15).

Logo, para que recebesse mais, Maria devia não somente ser santificada no seio materno, mas também preservada do pecado original.

Esta infusão da graça santificante não se verificou antes da concepção, senão no primeiro instante da concepção. Os fatos que tiveram lugar no Antigo Testamento são figuras do Novo, conforme a passagem: Todas estas coisas lhes aconteciam em figura (1Cor 10, 11). Mas pela santificação do tabernáculo, do qual se diz: O Altíssimo santificou o seu tabernáculo (Sl 45, 5), parece significar a santificação da Mãe de Deus, chamada tabernáculo de Deus conforme o Salmo (18, 6): Estabeleceu o seu tabernáculo no sol. Do tabernáculo se diz no Êxodo: Depois de acabadas todas estas coisas, a nuvem cobriu o tabernáculo do testemunho, e a glória do Senhor o encheu (Ex 40, 31-32). Logo, assim mesmo a Santíssima Virgem não recebeu a graça senão quando foram cumpridas todas as suas coisas, a saber: corpo e alma (quer dizer, no mesmo instante).

2º Durante toda a sua vida. Deus prepara e dispõe aqueles que elege para algo, de modo que se façam idôneos para o que são eleitos: fez-nos idôneos ministros do Novo Testamento (2Cor 3, 6). Se, pois, a Santíssima Virgem foi escolhida por Deus para que fosse Mãe de Deus, não se deve duvidar de que Deus a fez idônea para isto por sua graça, segundo o que o anjo lhe disse: Achaste graça diante de Deus; eis que conceberás (Lc 1, 30-31).

Não teria sido idônea a Mãe de Deus se alguma vez tivesse pecado; e porque a honra dos pais redunda nos filhos, segundo a passagem: A glória dos filhos são os seus pais. (Pr 17, 6), e, pelo contrário, a ignomínia da mãe redundaria no filho; e também porque teve singular afinidade com Cristo, que recebeu dela sua carne. Se diz na Segunda aos Coríntios (2Cor 6, 15): Que concórdia há entre Cristo e Belial? Ou que de comum entre o fiel e o

infiel?

E, também, porque o Filho de Deus, que é a Sabedoria de Deus, habitou nela de modo singular, não somente em sua alma, senão também no seu seio. Mas se diz no livro da Sabedoria (1, 4): E assim na alma maligna não entrará a sabedoria, nem habitará no corpo sujeito ao pecado; por conseguinte, é preciso reconhecer que a Santíssima Virgem não cometeu pecado atual algum, nem mortal, nem venial; para que assim se cumprisse nela o que está dito: Toda és formosa, amiga minha, e em ti não há mácula (Ct 4, 7).

— S. Th., IIIa, q. 27, a. 4

9 de dezembro: Do distanciamento da noite

A noite está quase passada e o dia aproxima-se. Deixemos, pois, as obras das trevas, e revistamo-nos das armas da luz. Caminhemos como de dia, honestamente (Rm 13, 12-13).

I. A noite está quase passada e o dia aproxima-se. Quer dizer, todo o tempo da vida presente é como uma noite, por causa das trevas da ignorância que a fazem penosa. Ao contrário, o dia é como o estado da bem-aventurança pela claridade de Deus que ilumina os santos.

Pode entender-se também que o estado de pecado é como uma noite por causa das trevas da culpa, de que fala o Salmo (81, 5): Não souberam nem entenderam; andam nas trevas; enquanto o dia é o estado da graça, a causa da luz da inteligência espiritual que possuem os justos, e que falta, porém, aos ímpios: Nasceu a luz para os justos (Sl 96, 11).

Pode-se também interpretar que a noite é o tempo que precedeu a Encarnação de Cristo, porque ainda não havia se manifestado senão por entre sombras. Ao contrário, desde a Encarnação de Cristo, é dia, pelo resplendor potente do sol espiritual no mundo.

Enfim, pode entender-se como o tempo da graça de Cristo, porque, ainda que tenha chegado segundo a sucessão dos tempos, diz-se, no

entanto, que se aproxima de nós pela fé e pela devoção. O Senhor está perto (Fl 4, 5). Pode-se também aplicar isto aos que começam a sair dos pecados, e aos que se lhes aproxima o dia da graça.

II. A honestidade da vida é necessária.

1º Para deixar os vícios: Deixemos, pois, as obras das trevas. Ao afastar-se a noite, devem cessar as obras da noite. Os pecados são chamados obras das trevas, porque carecem da luz da razão, que deve iluminar as ações humanas; porque se executam nas trevas, e porque por elas o homem é conduzido para as trevas, como diz São Mateus: Lançai-o nas trevas exteriores (Mt 22, 13).

2º Para adquirir as virtudes. Como se dissesse: Posto que é chegado o dia, tomemos o que convém ao dia, revistamo-nos das armas da luz, quer dizer, as virtudes que se chamam armas porque nos defendem, e se dizem armas da luz, ou porque são fortificadas e aperfeiçoadas pela luz da razão, ou porque exigem o exame da luz, ou porque outros são iluminados pelas obras das virtudes: Assim brilhe a vossa luz diante dos homens (Mt 5, 16).

3º Exorta-se à prática e aproveitamento das virtudes, quando diz: Caminhemos como de dia, honestamente. Duas coisas parecem convir ao dia. Antes de tudo a honestidade; pois durante o dia cada um procura conduzir-se de tal maneira que pareça honesto diante dos outros, porém, não é assim na noite. Em segundo lugar, o homem caminha durante o dia, mas não durante a noite. Pelo que diz São João: Porém, o que andar de noite, tropeça (Jo 11, 10). Portanto, já que é dia, é necessário caminhar, isto é, progredir do bom para o melhor; por isso, diz São João: Andai enquanto tendes luz (Jo 12, 35).

— In Rom. XIII

10 de dezembro: A transladação da Santa Casa de Loreto

A santidade convém à tua casa, Senhor (Sl 92, 5).

A Santíssima Virgem possuiu a plenitude de todas as graças.

I. Esteve cheia para si. Quanto mais algo se aproxima do princípio em um gênero qualquer, tanto mais participa do efeito deste princípio. Por esta razão diz Dionísio[17] que os anjos, que estão mais próximos de Deus, participam mais que os homens das bondades divinas. Vejamos, Cristo é o princípio da graça, por seu próprio poder como Deus, como homem e como instrumento.

Por isso diz São João (Jo 1, 17): Mas a graça e a verdade foram trazidas por Jesus Cristo; e como a Santíssima Virgem foi a mais próxima a Cristo segundo a humanidade, pois dela recebeu a sua natureza humana, por esta razão devia obter de Cristo maior plenitude de graça que os demais.

Efetivamente a Santíssima Virgem recebeu as três perfeições da graça. A primeira como dispositiva, pela qual se fazia apta a ser Mãe de Deus; a segunda perfeição lhe veio pela presença do Filho de Deus encarnado no seu seio; a terceira, a perfeição final que possui na glória.

É evidente que a segunda perfeição é mais importante que a primeira, e que a terceira mais que a segunda na ordem para o bem; pois, primeiramente, em sua santificação, alcançou a graça que a inclinava ao bem; na concepção do Filho de Deus se consumou a graça pela qual foi confirmada no bem; e em sua glorificação, chegou à consumação da graça porque se aperfeiçoou no gozo de todo o bem.

II. Também esteve cheia de graças para os demais. Deus dá a cada um a graça que necessita para cumprir a sua missão. E posto que Cristo, enquanto homem, foi predestinado e escolhido para ser Filho de Deus na virtude de santificar, lhe foi próprio ter tal plenitude de graça que refletisse em todos, segundo está escrito: E todos nós participamos da sua plenitude (Jo 1, 16). Quanto à Santíssima Virgem, obteve tamanha perfeição de graça que foi posta o mais próximo do autor da graça; por isso mesmo recebeu em si o que está cheio de toda a graça, e, dando-lhe a luz, derramou, de certo modo, a graça sobre todos.

É inquestionável que a Santíssima Virgem recebeu de um modo eminente o dom da sabedoria, a graça dos milagres, e também o dom da profecia; mas não recebeu esses dons para que tivesse o uso dessas e de outras graças semelhantes, como o teve Cristo, mas na medida que o exigia sua condição.

Possuiu, com efeito, o exercício do dom da sabedoria ordenado à contemplação, conforme o que está escrito: Ora Maria conservava todas estas coisas, meditando-as em seu coração (Lc 2, 19). Mas não usou da sabedoria para ensinar, porque isso não convinha ao sexo feminino.

Tampouco lhe convinha fazer milagres durante sua vida, porque nesse tempo a doutrina de Cristo devia ser confirmada com milagres, e por isto só a Cristo e a seus discípulos, que eram portadores da doutrina de Cristo, convinha fazê-los. Por essa razão se diz também que São João Batista (Jo 10, 41) não fez nenhum milagre, a fim de que todos se encaminhassem para Cristo.

Teve, porém, o uso da profecia, como se vê no cântico que compôs: Minha alma engrandece o Senhor.

— S. Th., IIIa, q. 27, a. 5

11 de dezembro: Encarnação não devia adiar-se até o fim do mundo

No meio dos anos tu a farás notória (Hb 3, 2).

Se não foi conveniente que o Senhor se encarnasse desde o princípio do mundo, tampouco convinha que a Encarnação se adiasse até o fim do mundo. Isto parece evidente:

1º Se se considera a união das naturezas divina e humana; pois, de um modo, o perfeito precede temporalmente o imperfeito; e de outro, pelo contrário, o imperfeito precede no tempo ao perfeito. Porque no que de

imperfeito se faz perfeito, o imperfeito precede no tempo ao perfeito; porém no que é causa de progresso, o perfeito precede no tempo ao imperfeito. Na obra da Encarnação ocorre ambas as coisas, pois a natureza humana foi elevada nessa Encarnação à suma perfeição; e por isso não convinha que se realizasse desde o princípio do gênero humano. Porém, por outra parte, o mesmo Verbo encarnado é causa eficiente da perfeição da natureza humana, segundo está escrito (Jo 1, 16); e portanto a obra da Encarnação não deveria adiar-se até o fim do mundo. Mas a perfeição da glória, à qual deve finalmente ser elevada a natureza humana pelo Verbo encarnado, terá lugar no fim do mundo.

2º Esta mesma conclusão aparece se se considera o efeito da salvação humana, pois se diz: Está no poder do doador o quando e o quanto quer compadecer-se. Veio, pois, Cristo quando julgou que deveria vir, e seria gratuito o seu benefício; porque quando começou a perder-se entre os homens o conhecimento de Deus, como consequência da queda do gênero humano, e se alteraram os costumes, então Deus escolheu a Abraão para renovar nele o conhecimento de Deus e dos costumes; e como logo veio a debilitar-se o respeito que lhes era devido, Deus enviou por meio de Moisés a Lei escrita; e como os gentios a desprezassem e se recusassem a submeter-se a ela, e os que haviam recebido não soubessem observá-la, movido o Senhor pela misericórdia, enviou o seu Filho, o qual, concedida a todos a remissão dos pecados, os ofereceu justificados a Deus Pai. Mas, se este remédio tivesse sido adiado até o fim do mundo, teria se apagado totalmente na Terra o conhecimento e o culto de Deus e a honestidade dos cos tumes.

3º É claro que isto foi conveniente para manifestar o poder divino, que salvou os homens de muitos modos, não só pela fé do futuro, mas também pela fé do presente e do passado.

— S. Th., IIIa, q. 1, a. 6

12 de dezembro: Desejo da Encarnação de Cristo

O sacramento da divina Encarnação foi desejado pelos Santos Patriarcas. Assim se lê em Ageu (Ag 2, 8): E virá o desejado de todas as gentes. Santo Agostinho: "Sabiam os Santos Patriarcas antigos que Cristo haveria de vir, e todos os que viviam piedosamente diziam: Oh, se esse nascimento se cumprisse enquanto vivo! Oh, se visse com meus próprios olhos o que creio segundo as Santas Escrituras!".

Podem-se dar três causas desse ardente desejo:

1ª A miséria abundante que sofriam. Pelo que se diz no Salmo (Sl 17, 7-8): Na minha tribulação invoquei o Senhor […] E Ele ouviu a minha voz desde o seu santo templo; Isto deve-se entender, segundo a Glosa, da humanidade de Cristo que viria, em cuja Encarnação alcançamos o efeito da oração. E no Êxodo (Ex 4, 13): Rogo-te, Senhor, que envies aquele que deves enviar. […] Olha a aflição do teu povo; como disseste, vem e livra-nos. Donde adverte que a aflição e libertação do povo israelita foram figura da aflição e libertação de todo o gênero humano.

2ª A abundância da paz interna e externa que superabundaram em sua vinda. Daí o que se lê no Salmo (Sl 71, 7): Nos seus dias aparecerá a justiça e a abundância da paz. Isto é, segundo a Glosa: haverá paz até que, destruída a morte, não exista já a lua, quer dizer, a mortalidade da carne. E no Cântico dos Cânticos (Ct 1, 1): Receba eu um ósculo da sua boca. A esposa pede a Encarnação do Filho de Deus, que é como uma antecipação de nossa união com Deus, na qual consiste a paz de nosso coração.

3ª A alegria interior que provaram de antemão, como lê em Baruc (Br 4, 36): Olha, ó Jerusalém, para o oriente, e vê o regozijo que te vem de Deus. Os Santos Patriarcas gozaram de antemão essa alegria pela visão da fé, como diz São João (Jo 8, 56): Abraão, vosso pai, suspirou por ver o meu dia; viu-o, e ficou cheio de gozo. E acrescenta Santo Agostinho: "Qual não seria o gozo do coração do que viu o Verbo Eterno, resplendor brilhante do Pai nas mentes piedosas e Deus que permanecia junto do Pai, vir um dia na carne humana, sem abandonar o seio do pai?". E São Bernardo: "A quem de nós dará tanto gozo a manifestação desta graça, como deu aos antigos a simples promessa dela?".

— De Christe humanitate

13 de dezembro: Foi conveniente que o Filho de Deus : assumisse a natureza humana da raça de Adão

I. Como diz Santo Agostinho:[18] “Deus podia tomar um homem fora da estirpe de Adão, que havia condenado o gênero humano ao seu pecado; porém, julgou que era melhor tomá-lo da mesma linhagem que havia sido vencida para que chegasse a vencer o inimigo do gênero humano”. E isto por três razões:

1ª Porque parece ser próprio da justiça que dê satisfação o mesmo que pecou; e por isso convinha que da natureza corrompida pelo pecado viesse o que serviria para dar satisfação por toda a natureza.

2ª Porque é mais digno do homem que o vencedor do Diabo seja da mesma raça que foi vencida pelo Diabo.

3ª Porque resplandece mais o poder de Deus tomando a natureza corrompida e enferma para elevá-la a tanta perfeição e dignidade.

Cristo, com efeito, devia ser segregado dos pecadores, como diz o Apóstolo, quanto à culpa que vinha para destruir, não quanto à natureza que vinha para salvar, segundo a qual devia assimilar-se em tudo aos irmãos como diz o mesmo Apóstolo aos hebreus (Hb 2, 17). E é também de se admirar nisto a sua inocência, porque a sua natureza, tomada de uma raça de pecado, ainda guardou tão grande pureza.

— S. Th., IIIa, q. 4, a. 6

II. Disse, portanto, muito bem: Veio para o que era seu, e os seus não o receberam (Jo 1, 11) Ainda quando a luz estava presente no mundo e era visível ou manifesta pelos efeitos, não era, no entanto, conhecida pelo mundo, e por isso veio aos próprios, para ser conhecida. Porém, para que quando diz veio não se entenda movimento local, como se viesse deixando de estar onde antes estava e começando a existir onde primeiro não existia, diz aos próprios, isto é, às coisas que eram suas, que ele mesmo fez. E veio

onde já estava; veio tomando um corpo; era visível, e veio para ser visível. Aos seus, isto é, à Judéia, que certamente era sua de maneira especial; porém, em um sentido melhor, ao mundo criado por Ele.

E os seus não o receberam. "Os seus" são os homens, porque foram formados por Ele, foram feitos à sua imagem. Porém, podemos dizer melhor: Os seus, quer dizer, os judeus, não o receberam, não crendo nele pela fé e o respeito.

Os judeus são realmente seus, porque foram escolhidos por ele como um povo particular: E o Senhor escolheu-te hoje para que sejas um povo especial (Dt 26, 18).

Os seus, unidos segundo a carne (Rm 9, 5): Dos quais Cristo é descendente segundo a carne.

Os seus, por último, enriquecidos por Ele com benefícios, conforme aquilo que está escrito em Isaías (Is 1, 2): Criei filhos, e engrandeci-os, porém eles desprezaram-me.

— In Joan., I

14 de dezembro: Foi mais conveniente que a pessoa do Filho tomasse a natureza humana que outra pessoa divina

Disse São João Damasceno:[19] "No mistério da Encarnação se manifestaram a sabedoria e o poder de Deus; a sabedoria, porque encontrou o segredo de pagar de um modo convenientíssimo a dívida muito difícil; o poder, porque ao vencido fez novamente vencedor". E como o poder e a sabedoria se atribuem ao Filho segundo o que está escrito (1Cor 1, 24): Pregamos a Cristo, virtude de Deus e sabedoria de Deus, segue-se que foi conveniente que se encarnasse a pessoa do Filho.

Mostra-se que isso foi muito conveniente:

1º Por parte da união. Porque se unem convenientemente as coisas que são semelhantes; e de um modo se observa certa semelhança entre a pessoa do Filho, que é o Verbo de Deus, e todas as criaturas; porque o verbo do artista, isto é, seu conceito, é a semelhança exemplar de todas as suas obras. E o Verbo de Deus, que é seu conceito eterno, é a semelhança exemplar de toda criatura. Portanto, assim como pela participação desta semelhança foram criadas as criaturas em suas espécies próprias, ainda que mutáveis, do mesmo modo, pela união do Verbo à criatura, não participada mas pessoal, foi conveniente reparar à criatura ordenada à perfeição eterna e imutável; porque o artista repara sua obra, se se deteriora, pela mesma forma artística que concebeu ao criá-la.

Também se prova a semelhança especial da união com a natureza humana, porque o Verbo é o conceito da eterna Sabedoria, da qual se deriva toda a sabedoria humana; daí que o progresso do homem na sabedoria, que é a sua perfeição enquanto ser racional, se meça por sua participação no Verbo de Deus, como o discípulo se instruí na medida em que recebe a palavra do mestre. Por isso se lê no Eclesiástico (Eclo 1, 5): A fonte da sabedoria é o Verbo de Deus nos céus. Assim, pois, foi conveniente, para consumar a perfeição do homem, que o Verbo de Deus se unisse pessoalmente à natureza humana.

2º A razão desta conveniência pode tomar-se do fim da união hipostática, que é a salvação dos que foram predestinados à herança celestial, a qual pertence unicamente aos filhos, segundo o que está escrito na Epístola aos Romanos (Rm 8, 17): E, se filhos, também herdeiros. Pelo que foi conveniente que, por aquele que é Filho natural, Deus comunicasse aos homens uma imagem de sua filiação pela adoção divina, como diz o Apóstolo: Porque os que ele conheceu na sua presciência, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho (Rm 8, 29).

3º Pode-se também tirar outra razão de conveniência por parte do pecado do primeiro homem, ao qual a Encarnação vinha remediar. O primeiro homem pecou ao ambicionar a ciência, como o provam as palavras da serpente ao prometer ao homem a ciência do bem e do mal. Foi, por isto, conveniente que fosse conduzido a Deus pelo Verbo da

verdadeira sabedoria o que dele se havia apartado pelo apetite desordenado da ciência.

— S. Th., IIIa, q. 3, a. 8

15 de dezembro: Nenhum mérito precedeu a união do Verbo

I. Pelo que toca ao próprio Cristo, é evidente que nenhum de seus méritos pôde preceder a união hipostática; porque não admitimos que antes fosse apenas homem, e depois, pelo mérito de sua boa vida, obtivera o ser Filho de Deus, como supôs Fotino; mas dizemos que desde o princípio de sua concepção aquele homem foi verdadeiramente Filho de Deus, pois não possuía outra hipóstase que a de Filho de Deus, segundo a palavra de São Lucas: O San to, que há de nascer de ti, será chamado Filho de Deus (Lc 1, 35). Por conseguinte, toda operação daquele homem seguiu à união. Logo, nenhuma ação sua pôde merecer a união.

II. Tampouco as ações de outro homem puderam merecer de modo condigno essa união.

1º Porque as obras meritórias do homem se ordenam propriamente à bem-aventurança, que é o prêmio da virtude, e consiste no gozo pleno de Deus; mas a união da Encarnação que se realiza no ser pessoal transcende a união da alma bem-aventurada com Deus, a qual se opera pelo ato do que a disfruta; e por isso esta união não pode ser objeto de mérito.

2º Porque a graça não pode cair sob o mérito; pois o princípio do merecimento não é objeto do mesmo, e, portanto, tampouco a própria graça, que é princípio de mérito. Logo, muito menos cai a Encarnação sob o merecimento, já que é princípio da graça, como diz São João (Jo 1, 17): Porque a graça e a verdade foram trazidas por Jesus Cristo.

3º Porque a Encarnação de Cristo repara toda a natureza humana, e por isso não cai sob o mérito de um homem singular, pois o bem de um

indivíduo não pode ser causa do bem de toda a natureza.

Não obstante, os Santos Pais mereceram ex congruo a Encarnação, ao desejá-la e pedi-la. Pois era conveniente que Deus escutasse aos que lhe obedeciam.

Diz-se que a Santíssima Virgem mereceu o Senhor de todo, não porque merecera que este se encarnasse, mas sim, porque mereceu, pela graça que a deu o Senhor, um tal grau de pureza e santidade, que pudesse ser dignamente a Mãe de Deus.

— S. Th., IIIa, q. 2, a. 11

16 de dezembro: O dom do Filho de Deus na Encarnação

> Nisto se manifestou a caridade de Deus para conosco, em que Deus enviou o seu Filho unigênito ao mundo, para que por ele tenhamos a vida (1Jo 4, 9).

Nisto, como em sinal certo, se manifestou a caridade de Deus em nós, isto é, para conosco; em que […] enviou o seu Filho, não um servo. São Gregório diz: "Porventura não é um amor de caridade inefável que Deus, para redimir ao servo, tenha entregado o Filho, o seu, consubstancial a Ele próprio, seu Filho por natureza e não adotivo?".

Unigênito, e não um entre muitos, lhe enviou Deus Pai, quer dizer: Ele, tão grande, a nós que somos tão pequenos. Ao mundo, para salvar o mundo; para que tenhamos vida, nós que estávamos mortos, ressuscitados por Ele. Assim se lê na Epístola aos Efésios: Pela sua extrema caridade, com que nos amou, estando nós mortos pelos pecados deu-nos a vida juntamente com Cristo (Ef 2, 4–5).

Quatro razões há pelas quais o dom deve ser gratuito e bem recebido.

1ª Por parte do donatário, quando o que dá, dá com grande amor e dileção. Pelo que às vezes mais se estima o afeto do doador que o que se

dá. Certamente esta dádiva nos foi dada pela máxima dileção ou caridade do Pai. Este é o motivo expresso no texto: Nisto se manifestou a caridade de Deus.

2ª Por parte do dom, ou seja, d'Aquele que é enviado; porque quando o dom é grande e precioso, tanto melhor deve ser recebido e agradar. Certamente, o dom que se nos fez foi o máximo, como se indica nas palavras: o seu Filho unigênito.

3ª Por parte do que recebe o dom, quando aquele a quem se dá está muito necessitado do que se dá. Certamente necessitávamos muito de tal dom, o qual havia de ressuscitar-nos, porque estávamos mortos; o qual se expressa quando se diz: para que por ele tenhamos a vida.

4ª Por parte da pessoa encarregada de transmitir o dom. Porque alguma vez o dom adquire valor especial pela graça pessoal do mensageiro; como nos agrada receber um dom das mãos de uma formosa jovem. E assim deve ser-nos grato receber o dom de Deus por meio da Virgem imaculada e cheia de graças; o que deixam entender aquelas palavras: Deus enviou o seu Filho, pois consta que o enviou por meio da Virgem, como diz o Apóstolo: Deus enviou seu Filho, feito da mulher (Gl 4, 4).

— In I Joan., IV

17 de dezembro: Apropriação da Encarnação ao Espírito Santo

O Espírito Santo descerá sobre ti (Lc 1, 35).

I. A formação do corpo de Cristo, que foi levada a cabo pela virtude divina, se atribui convenientemente ao Espírito Santo, ainda que seja comum a toda a Trindade.

Isto se harmoniza com a Encarnação do Verbo; porque assim como nossa palavra, concebida na mente, permanece invisível, porém se faz

perceptível exteriormente pela voz, do mesmo modo o Verbo de Deus, segundo a geração eterna, existe invisivelmente no coração do Pai, e se nos faz visível pela Encarnação. Pelo que a Encarnação do Verbo de Deus é como a expressão vocal de nosso verbo mental. E a expressão vocal de nossa palavra interior se faz por nossa expiração, da qual se forma a voz de nosso verbo, daí que se diga justamente que o Espírito Santo formou o corpo do Filho de Deus.

Este modo de falar convém também para insinuar qual é a causa motriz da Encarnação do Verbo. Essa causa não pôde ser outra que o amor de Deus para com o homem, a cuja natureza quis unir-se em unidade de pessoa; e como em Deus, o Espírito Santo é quem procede por via de amor, segue-se que é conveniente atribuir ao Espírito Santo a obra da Encarnação.

Também é comum na Sagrada Escritura atribuir toda graça ao Espírito Santo, porque todo dom gratuito parece proceder do amor do donatário; e como nenhuma graça maior foi dada ao homem que a da união a Deus na pessoa, convenientemente se atribui esta obra ao Espírito Santo.

— S. contra Gent., l. IV, cap. 46

II. Em toda ação que realiza um afeto criado, resplandece alguma apropriação às pessoas divinas, como na Encarnação, segundo São João Damasceno, se destacam a bondade, a sabedoria e o poder de Deus; a bondade, porque Deus não desprezou a debilidade de sua criatura; o poder, porque uniu coisas infinitamente distantes. A sabedoria, porque encontrou o modo mais conveniente de realizar o que parecia impossível. No entanto, cada operação se apropria melhor a uma pessoa, segundo o atributo que dessa pessoa se manifeste mais evidentemente.

Vejamos, quanto mais um dom seja indevido e exceda ao merecimento da criatura, tanto mais manifestará a graça e a bondade de Deus. E tal é a obra da Encarnação, por isso se apropria ao Espírito Santo, que é princípio da graça.

É verdade que o poder se atribui ao Pai, porém, devemos advertir que, ainda quando o poder resplandeça na Encarnação, não obstante brilha

nela mais a bondade; pois o poder está na obra, enquanto a bondade está no fim dela, e o fim é a causa das causas; pelo que deste deve tomar-se principalmente a denominação.

— 3, Dist. 4, q. única, a. 1.

18 de dezembro: Na festa da expectação do parto da Santíssima Virgem Maria

Bem-aventurado o ventre que te trou xe (Lc 11, 27).

Por muitas razões se diz bem-aventurado o ventre da Santíssima Virgem.

Porque levou o que em si mesmo é sumamente bem-aventurado, como disse o Apóstolo (1Tm 6, 15): pelo bem-aventurado e único Soberano, Rei dos reis.

Portanto, porque Maria gozou da bem-aventurança suprema e trinitária, pois foi esposa do Pai, mãe do Filho e morada do Espírito Santo, conforme está escrito:

Salve mãe de piedade e nobre de toda a Trindade

Porque concebeu sem corrupção.

Porque o levou sem trabalho.

Porque o deu à luz sem dor.

Acerca disto diz São Lucas: O Espírito Santo descerá sobre ti, e, portanto, conceberás sem dor nem corrupção; e a virtude do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra, e, por conseguinte, o levarás sem trabalho; E, por isso mesmo, o Santo, que há de nascer de ti, será chamado Filho de Deus, e assim darás à luz sem dor.

Porque levou o preço da redenção, como se lê nos Números (Nm 20, 6): Senhor Deus, ouve o clamor deste povo, e abre-lhe o teu tesouro, uma fonte de água viva, para que saciando-se, cesse a sua murmuração. E

apareceu sobre eles a glória do Senhor.

Porque se beneficiou de todos os estados, pois teve a integridade das virgens, a fecundidade das esposas e a castidade dos continentes.

Finalmente porque Maria será sempre bendita por todos e proclamada bem-aventurada, como disse ela mesma (Lc 1, 48): todas as gerações me chamarão bem-aventurada.

— Serm. XLVI

19 de dezembro: A penitência

Fazei penitência, porque está próximo o reino dos céus (Mt 3, 2).

I. Fazei penitência. São João Batista anuncia com isto uma nova vida, como diz Santo Agostinho: "Quem é dono de sua vontade, não pode iniciar uma nova vida, se não se arrepende da vida passada".

Por isso, São João Batista convida primeiro à penitência, e logo anuncia a salvação: está próximo o reino dos céus, fazei penitência porque por ela se alcança o perdão dos pecados.

E São João Crisóstomo diz: "Nascendo o Filho de Deus, faz Deus uma pregação ao mundo".

Deve-se advertir que uma coisa é fazer penitência e outra arrepender-se. Se arrepende o que chora os pecados e se aplica a não cometer o que é digno de choro. Todo o sentido e força da palavra arrepender-se é o propósito firme da vontade. Arrepender-se quer dizer: não cometer o que é digno de choro, estar resolvido a não cometer pecados; pois isto é essencial ao arrependimento. Mas "fazer penitência" é dar satisfação pelos pecados, como diz o Evangelho (Lc 3, 8): Fazei, portanto, frutos dignos de penitência. Aqui se trata da penitência depois do Batismo. Por isso, diz São Pedro (At 2, 38): arrependei-vos, no sentido de uma preparação para conseguir a salvação.

II. Está próximo. Nunca na Escritura do Antigo Testamento se encontra uma promessa do reino dos céus. São João Batista é o primeiro que o anuncia, como corresponde à sua dignidade.

O reino dos céus se entende de quatro maneiras:

1º Algumas vezes se entende da presença de Cristo em nós por meio da graça: O reino de Deus está no meio de vós (Lc 17, 21). Diz-se reino dos céus porque o estado de graça é em nós o caminho do reino celestial.

2º Outras vezes significa a Sagrada Escritura. Neste sentido diz São Mateus (Mt 21, 43): Vos será tirado o reino de Deus. E se chama reino porque é a Lei que conduz ao reino.

3º Às vezes se aplica também à Igreja militante: O reino dos céus é ainda semelhante a uma rede lançada ao mar, que colhe toda a casta de peixes (Mt 13, 47). E se chama reino dos céus porque está constituída ao modo da Igreja celestial.

4º Chama-se, por último, reino dos céus a coorte celestial: Virão muitos do Oriente e do Ocidente, e que se sentarão com Abraão e Isaac e Jacó no reino dos céus (Mt 8, 11).

Antes de São João só se fazia menção do reino dos Jebuseus (Ex 3, 8, 17), porém, agora se promete à sua Igreja o reino dos céus.

— In Matth, III

20 de dezembro: Frutos dignos de penitência

Quem vos ensinou a fugir à ira que vos ameaça? Fazei pois dignos frutos de penitência (Mt 3, 7-8).

I. Dois motivos induzem à penitência. O reconhecimento do pecado próprio e o temor do juízo de Deus. Todo o homem evita o mal por meio do temor do Senhor (Pr 15, 28), e Sabei que há um juízo (Jó 19, 29). Santo Ambrósio e São João Crisóstomo o entendem como o juízo futuro. Quem

vos ensinou a fugir do mal? — como se dissesse: ninguém senão somente Deus. Mostra-nos, Senhor, a tua misericórdia, e dá-nos a tua salvação (Sl 84, 8).

Rabano Mauro explica do futuro, dizendo: "É bom que façais penitência, pois do contrário Quem vos ensinou a fugir à ira que vos ameaça?". E no Salmo (Sl 138, 7-8) se diz: E para onde fugirei da tua presença? Se subo ao céu, tu lá estás; se desço ao inferno, nele te encon tras presente.

A ira de Deus deve entender-se aqui, não como um sentimento interior, mas sim, como o efeito desta cólera, isto é, da vingança.

Entre os que não querem arrepender-se, uns o fazem porque não crêem no juízo de Deus. A estes se disse: Não digas: Eu tenho bastante com que viver (Ecl 5, 1) e Fugi, pois, de diante da espada, porque a espada é vingadora das iniqüidades (Jó 19, 29). Outros, porque se fiam no adiamento da justiça. A estes se diz: Não retarda o Senhor a sua promessa, como alguns pensam; mas usa de paciência convosco, não querendo que nenhum pereça, mas que todos se convertam à penitência. (2Pe 3, 9). São João exclui ambos os motivos, dizendo: Porque o machado já está posto (Mt 3, 10), como se dissesse: não tardará.

II. Fazei pois dignos frutos de penitência. Na árvore os frutos seguem as flores; e se às flores não seguem os frutos, a árvore nada vale. A flor da penitência se mostra na contrição, porém o fruto reside na execução: As minhas flores dão frutos de honra e de honestidade (Eclo 24, 17). E deve-se notar que um é o fruto da justiça e o outro da penitência; pois se exige mais do penitente que daquele que não peca.

O fruto digno de penitência é triplo.

O primeiro é castigar em si o pecado cometido, e isto por sentença do sacerdote: Depois que me converteste, fiz penitência; e depois que me mostraste feri a coxa (Jr 31, 19), quer dizer, afligi minha carne.

O segundo é fugir dos pecados e das ocasiões de pecado. Pelo qual se diz que satisfazer é destruir as causas dos pecados: Filho, pecaste? Não tornes a pecar, mas faze oração pelas tuas faltas passadas, para que te sejam

perdoadas. Foge dos pecados como da vista de uma cobra. (Ecl 21, 1-2).

O terceiro consiste em pôr tanto empenho em agir bem quanto antes se pôs em pecar: Assim como oferecestes os vossos membros para servirem à imundície e à iniqüidade, assim oferecei agora os vossos membros para servirem à justiça (Rm 6, 19).

– In Matth. III

21 de dezembro: A voz que clama no deserto

Eu sou a voz do que clama no deserto: Endireitai o caminho do Senhor (Jo 1, 23).

João se chama a si mesmo de voz, porque a voz é por sua origem posterior à palavra interior, porém, é anterior no conhecimento. Porque pela voz conhecemos o verbo concebido na alma, já que aquela é signo deste. Deus enviou o precursor João para que anunciasse o seu Verbo concebido desde toda a eternidade; e por isso adequadamente disse: Eu sou a voz do que clama no deserto, isto é, de Cristo que clama nele. E clama por quatro motivos:

1º O clamor é uma manifestação; e, portanto, clama para mostrar que Cristo clama manifestamente em João e em si mesmo: E, no último grande dia da festa, estava Jesus em pé, e em alta voz dizia: se alguém tem sede, venha a mim e beba (Jo 7, 37). Nos profetas não clamou, porque as profecias foram entregues em enigma e em figuras.

2º O clamor se dirige aos que estão longe. Os judeus estavam longe de Deus, por isso era necessário que clamasse. Afastaste de mim os meus amigos e parentes (Sl 87, 19).

3º Clama porque estavam surdos: E quem é surdo, senão aquele a quem eu enviei os meus profetas? (Is 42, 19).

4º Clama porque fala indignado, pois eles mereceram a ira de Deus: Ele lhes falará então na sua ira (Sl 2, 5).

Do que clama no deserto, vive no deserto, para estar imune de todo pecado, e para ser mais digno de dar testemunho de Cristo, e para que sua própria vida fosse para os homens um testemunho mais digno de crédito.

Porém, que é o que clama? Endireitai o caminho do Senhor. O caminho preparado e destinado para receber a Deus é o caminho da justiça, segundo o que está escrito em Isaías: A senda do justo é direita (Is 26, 7).

Porque então o caminho do justo é reto, quando todo o homem se submete a Deus, isto é, sua inteligência pela fé, sua vontade pelo amor, e suas ações pela obediência.

— In Joan. I

22 de dezembro: O orvalho celestial

Que os céus, das alturas, derramem seu orvalho, que as nuvens façam chover sobre o justo; abra-se a terra e brote o Salvador (Is 45, 8).

Aqui anuncia o profeta três coisas referentes ao nascimento de Cristo, a saber: o princípio do nascimento, o próprio nascimento de quem é dado à luz e o fruto desse nascimento.

I. O princípio é triplo.

O primeiro é o céu que destila o orvalho, como princípio efetivo, quer dizer, a operação das três Pessoas, pela qual se diz céus no plural. O Pai enviando o Filho; o Filho tomando a carne; o Espírito Santo realizando a concepção em Maria.

O segundo princípio é a nuvem que chove, que é o princípio de preparação no qual entra o mistério do anjo anunciador: Tu sobes sobre as nuvens (Sl 103, 3).

O terceiro princípio é a terra fecunda, que é o princípio da concepção, a saber, a Santíssima Virgem, da qual se diz: Nossa terra produzirá o seu fruto (Sl 84, 13), e cujo coração se abrirá para receber o privilégio da graça:

Não temas, Maria, pois achaste graça diante de Deus (Lc 1, 30). Seu entendimento se abrirá para crer nas palavras do anjo; e seu seio para conceber o Filho de Deus.

II. O nascimento se compara ao orvalho, à chuva e ao gérmen; porque Cristo é orvalho para refrigerar, como uma nuvem de orvalho no tempo da messe (Is 18, 4). É chuva para fecundar: Descerá como a chuva sobre a relva (Sl 71, 6). E, assim como desce do céu a chuva e a neve, e não voltam mais para lá, mas embebem a terra, e fecundam-na e fazem-na germinar, a fim de que dê semente ao que semeia, e pão ao que come; assim será a minha palavra que sair da minha boca, não tornará para mim vazia, mas fará tudo o que eu quero, e produzirá os efeitos para os quais a enviei (Is 55, 10-11). É por último gérmen para frutificar: Eu suscitarei a Davi um gérmen justo (Jr 23, 5).

III. O fruto do nascimento de Cristo é a justiça, que nasce com ele de três maneiras: ou a que cumpriu com a obra: Pois convém que cumpramos assim toda a justiça (Mt 3, 15); ou a que ensinou com as palavras: Eu sou o que falo a justiça, e venho para defender e salvar (Is 63, 1); ou a que deu como dádiva: Jesus Cristo, o qual foi feito por Deus sabedoria para nós, e justiça, e santificação, e redenção; para que, como está escrito: o que se gloria, glorie-se no Senhor (1Cor 1, 30-31).

— In Is. cap. XLV

23 de dezembro: As quatro utilidades da encarnação

As utilidades da Encarnação do Senhor são quatro.

1ª Exaltação da natureza humana. Quem me dera, se lê no Cântico dos Cânticos, te encontrar fora (Ct 8, 1). A Glosa comenta assim: dentro estava o amado, quando no princípio era o Verbo; fora, quando o Verbo se fez carne. Para que te beije, quer dizer, para que te veja face a face, e te fale de boca a boca; e já ninguém me despreze, a Glosa acrescenta: depois que veio

Cristo infundindo aos seus o espírito de liberdade; então a Igreja é honrada pelos anjos. Por isso diz o anjo a João que queria adorá-lo: Vê, não faças tal, porque eu sou servo como tu (Ap 22, 9). E o Papa São Leão diz: "Reconhece, ó cristão, tua dignidade, e feito partícipe da natureza divina, não voltes à antiga vileza com uma vida degenerada".

2ª Adoção dos filhos. Deus enviou seu Filho para que recebêssemos a adoção de filhos (Gl 4, 4-5). Santo Agostinho disse: "O Filho de Deus se fez filho do homem para fazer dos homens filhos de Deus". E em outro lugar: "O filho único fez muitos filhos de Deus. Pois comprou para si os irmãos com o próprio sangue; reprovado, reabilitou; vendido, redimiu; injuriado, honrou; injustiçado, vivificou; sem dúvida alguma te dará seus bens o que não rejeitou receber de ti males".

Deve advertir-se que a filiação adotiva é uma espécie de semelhança da filiação natural. O Filho de Deus procede naturalmente do Pai como Verbo intelectual, sendo um com o Pai.

Agora, a criatura é assimilada ao Verbo eterno segundo a unidade que ele tem com o Pai, a qual se verifica pela graça e a caridade. Pela qual o Senhor pede ao Pai: Rogo para que sejam todos um, como tu, Pai, o és em mim, e eu em ti (Jo 17, 21). Esta semelhança aperfeiçoa a adoção porque desse modo se deve a herança aos assimilados.

3ª Refeição interior da alma. Disse Santo Agostinho: "Para que o homem comesse o pão dos anjos, se fez homem o criador dos anjos". E São Bernardo: "O maná descido do céu, alegrem-se os famintos". Sobre as palavras do Evangelho: Posto num presépio (Lc 2, 12) disse a Glosa: para saciar-nos com o trigo de sua carne.

4ª Aumento da bem-aventurança. Quem por mim entrar, será salvo: e entrará, e sairá, e encontrará pastagens (Jo 10, 9). E Santo Agostinho acrescenta: "Deus se fez homem, para fazer bem-aventurado o homem, para que o homem se entregasse totalmente a Ele, para que o homem lhe desse todo o seu amor, e ao ver-lhe na carne com os sentidos corporais, os sentidos da alma lhe vissem pela contemplação da divindade. E aqui está todo o bem do homem, ou entre, ou saia (que nasça ou morra), encontrará pastos em seu Criador; fora, na carne do Salvador; dentro, na divindade do

Criador”.

— De humanitate Christi

24 de dezembro: A encarnação é um auxílio para o homem que tende à bem-aventurança

Se alguém considera diligente e piedosamente os mistérios da Encarnação, encontrará profundidade de sabedoria que ultrapassa todo conhecimento humano. E ocorre que quanto mais medita neles com piedade, mais razões admiráveis se descobrem neste mistério.

Consideremos, pois, como a Encarnação de Deus é um auxílio eficacíssimo para o homem que tende à bem-aventurança.

1º A perfeita bem-aventurança do homem consiste na visão imediata de Deus. Porém, esta visão podia parecer impossível por causa da infinita distância das naturezas. Mas pelo fato de que Deus quis unir a si mesmo a natureza humana, se demonstra evidentissimamente aos homens que o homem pode unir-se a Deus por sua inteligência em uma visão imediata. Foi, portanto, muito conveniente que Deus tomasse a natureza humana para aumentar a esperança do homem na bem-aventurança. Por isso, depois da Encarnação, começaram os homens a aspirar mais intensamente à bem-aventurança. Com razão se lê em São João: Eu vim para que eles tenham vida e tenham em abundância (Jo 10, 10).

2º Como a perfeita bem-aventurança consiste em um conhecimento tal de Deus que excede a capacidade de todo entendimento criado, foi necessário que existisse no homem certa antecipação daquele conhecimento, que se ordenasse à plenitude do conhecimento bem-aventurado, o qual tem lugar certamente pela fé; mas é necessário que seja certíssimo o conhecimento pelo qual o homem se dirige ao fim último, porque é princípio de todas as coisas que a esse fim último se dirigem.

Foi, por conseguinte, necessário que o homem, para seguir a certeza da

verdade da fé, fosse instruído pelo mesmo Deus feito homem, a fim de que percebesse à maneira humana a instrução divina. E assim vemos, depois da Encarnação de Cristo, conforme o que está escrito na Escritura: A terra está cheia da ciência do Senhor (Is 11, 9).

3º Considerando que a perfeita bem-aventurança consiste no gozo de Deus, foi necessário que o afeto do homem se dispusesse ao desejo desse gozo divino; assim, como vemos que no homem reside o desejo natural da felicidade, e que o desejo do gozo de alguma coisa é produzido pelo amor à dita coisa, do mesmo modo foi necessário levar para o amor divino o homem que se dirige à bem-aventurança perfeita. Nada nos leva tão intensamente a amar alguém como a experiência do amor que este alguém nos professa. Mas o amor de Deus ao homem não pôde mostrar-se de modo mais eficaz do que em seu desejo de unir-se em pessoa ao homem. Porque é próprio do amor unir o amante com o amado, o quanto é possível. Foi, por conseguinte, necessário, ao homem que se dirige à bem-aventurança perfeita, que Deus se fizesse homem.

Ademais, como a amizade consiste em certa igualdade, não parece que possam unir-se em amizade seres que são muito desiguais. Porém, para que fosse mais familiar a amizade entre o homem e Deus, foi conveniente que Deus se fizesse homem, porque também o homem é natu ralmente amigo do homem; e assim, conhecendo visivelmente a Deus, somos arrastados ao amor do invisível.

4º É evidente que a bem-aventurança é prêmio da virtude; logo, é conveniente que se disponham com as virtudes os que se dirigem à bem-aventurança. À virtude nos incita com as palavras e os exemplos; os exemplos e as palavras de alguém tanto mais eficazmente levam à virtude, quanto mais tem uma opinião infalível, pois sabemos que mesmo homens santíssimos faltaram em algumas coisas.

Logo, foi necessário ao homem, para confirmar-se na virtude, que recebesse de Deus humanizado doutrina e exemplo de virtude.

— S. contra Gent. l. IV, cap. 54

Tempo do Natal

25 de dezembro: Bondade e utilidade de Cristo ao nascer

Apareceu a bondade do Salvador nosso Deus, e seu amor para com os homens (Tt 3, 4).

I. Deve-se advertir que Cristo nos mostrou sua bondade pela comunicação de sua divindade, e sua misericórdia, tomando nossa humanidade.

1º Apareceu a bondade. Comentando estas palavras, disse São Bernardo: "Apareceu o poder de Deus na criação das coisas, sua sabedoria no governo das mesmas, porém sua bondade se manifesta principalmente na humanidade. Porque é uma grande prova de bondade acrescentar à humanidade o nome de Deus".

2º Não pelas obras de justiça que tivéssemos feito, mas por sua misericórdia (Tt 3, 5). Por isso diz São Bernardo: "Que prova pode ser mais clara de sua misericórdia que o haver tomado a miséria mesma? Que prova mais cheia de piedade que o ter-se feito palha por nós o Verbo de Deus?". Por isso canta a Igreja: "Cristo redentor de todos, Filho único do Pai".

II. Da utilidade de Cristo se diz em Isaías (Is 9, 6): Um menino nasceu para nós, isto é, para utilidade nossa. Quatro são as utilidades do nascimento de Cristo que podemos considerar nas quatro qualidades dos pequenos: pureza, humildade, amabilidade e mansidão, as quais se dão de modo excelentíssimo em Jesus menino.

1º Encontramos nele suma pureza porque é clarão da luz eterna e espelho sem mácula (Sb 7, 26). Essa pureza se manifesta na concepção e no parto virginal. Pois a incorrupção não pôde engendrar a corrupção. Por isso diz Alcuíno: "O criador dos homens, para fazer-se homem e nascer do homem, devia escolher uma mãe tal que soubesse ser-lhe conveniente e agradável. Quis, pois, que fosse virgem, para nascer sem mancha de uma imaculada e purificar a mancha de todos".

2º Encontramos também neste menino suma humildade, como diz São

Bernardo, que aparece no estábulo, nos trapos nos quais está envolto e no presépio onde descansa.

3º Achamos no menino a soberana amabilidade, porque é mais formoso que os filhos dos homens, e mais ainda que as milícias angélicas. Esta amabilidade é resultado da união da divindade com a humanidade. Por isto diz São Bernardo: "É um espetáculo cheio de suavidade contemplar o homem criador do homem".

4º Finalmente, vemos neste menino a suprema mansidão, porque é benigno e compassivo, paciente e de muita misericórdia, e inclinado a suspender o castigo (Jl 2, 13). E São Bernardo diz: "Cristo é criança, e pode ser aplacado suavemente. Quem ignora que o menino perdoa facilmente? Se não temos pecado grave, podemos ser reconciliados com pouco. Disse com pouco, porém, não sem penitência". E assim como se manifestou sua bondade sobre toda esperança, assim podemos esperar também, mais do que pensamos, parecida benevolência de juízo.

— De Humanitate Christi

26 de dezembro: Cristo nasceu passível e mortal

Deus enviou seu Filho em carne semelhante à do pecado (Rm 8, 3).

Não foi conveniente que Deus tomasse carne impassível e imortal, mas sim, passível e mortal.

1º Porque era necessário que os homens conhecessem o benefício da Encarnação, para que se inflamassem no amor divino; e era necessário, para manifestar a verdade da Encarnação, que tomasse uma carne semelhante à dos demais homens, a saber, passível e mortal. Pois se houvesse tomado uma carne impassível e imortal, pareceria aos homens, desconhecedores de tal carne, que era um fantasma e não uma carne verdadeira.

2º Foi necessário que Deus tomasse carne para dar satisfação pelo pecado do gênero humano, pois sucede que um dê satisfação por outro; mas a pena que segue ao pecado do gênero humano é a morte e os demais padecimentos da vida presente. Foi, portanto, necessário que Deus tomasse carne passível e mortal, porém sem pecado, para que, padecendo e morrendo assim, satisfizesse por nós e pagasse o pecado.

3º Porque possuindo carne passível e mortal nos deu exemplos mais eficazes de virtude, ao superar com fortaleza os sofrimentos da carne e ao usar deles virtuosamente.

4º Porque somos alentados na esperança da imortalidade, pois do fato de ter passado do estado de carne passível e mortal ao da impassibilidade e imortalidade da carne, podemos esperar o mesmo para nós, que levamos carne passível e mortal. Pois se desde o princípio tivesse tomado carne impassível e imortal, não teríamos motivo para esperar a imortalidade, percebendo-nos mortais e corruptíveis.

E, ademais, o ofício de mediador exigia que tivesse de comum conosco carne passível e mortal, e que tivesse de comum com Deus o poder e a glória; para que, tirando de nós o que tinha de comum conosco, isto é, os padecimentos e a morte, nos conduzisse ao que tinha de comum com Deus; pois foi mediador para unir-nos a Deus.

— S. contra Gent., l. IV, cap. 55

27 de dezembro: São João Evangelista

Um dos seus discípulos, ao qual Jesus amava, estava recostado sobre o seio de Jesus (Jo 13, 23).

Este discípulo é São João Evangelista, que fala de si mesmo como de outra pessoa para evitar a jactância, e para seguir a norma de outros escritores das Sagradas Escrituras. Pois também Moisés usa deste modo quando fala de si nos seus livros, como se de outro falasse, dizendo: Falou o Senhor a Moisés. Igualmente São Mateus: Viu a um homem sentado no banco, chamado Mateus. São Paulo diz: Conheço a um homem.

I. São João diz três coisas de si mesmo:

1º O amor que lhe fazia descansar em Cristo, dizendo que estava recostado, isto é, descansando. Jó diz nesse sentido: Então abundarás em delícias no Onipotente, e levantarás o teu rosto para Deus (Jó 22, 26), e o Profeta Davi: Conduziu-me junto duma água fortificante (Sl 22, 2).

2º O conhecimento dos segredos que o Senhor revelava, especialmente para a redação do seu Evangelho. Por isso disse que estava recostado no seio de Jesus. O seio significa o segredo. E em outro lugar diz: o Filho Unigênito, que está no seio do Pai, ele mesmo é que o deu a conhecer (Jo 1, 18).

3º O amor especial com que Cristo o amava. Por isso diz: a quem amava Jesus; não certamente de maneira exclusiva, senão que o amou quase com preferência aos demais.

II. Deve-se saber que João foi mais amado por Cristo por três motivos:

1º Por sua pureza, pois foi escolhido virgem pelo Senhor e permaneceu sempre virgem. Por isso se lê nos Provérbios: Aquele que ama a pureza do coração, terá o rei por amigo (Pr 22, 11).

2º Pela sublimidade de sua sabedoria, pois penetrou os arcanos da divindade mais profundamente que os demais, pelo que é comparado com a águia. O ministro inteligente é agradável ao rei, se lê nos Provérbios (Pr 14, 35).

3º Pelo fervor ardente de seu amor a Cristo: Eu amo os que me amam (Pr 8, 17).

— In Joan. XIII

28 de dezembro: Quatro utilidades do : nascimento de Cristo

Nasceu-nos um menino para que imitemos sua pureza e sua humildade; para que nos comovamos por sua amabilidade, para que tenhamos confiança em sua mansidão.

1º Nasceu-nos este menino no sacramento da pureza. Por isso diz São Mateus (Mt 1, 21): Porque ele salvará o seu povo. E São Bernardo: "Eis aqui Cristo, que realiza a purificação dos delitos, eis aqui o que vem purificar nossa miséria". E Santo Agostinho: "Oh infância bem-aventurada, pela qual foi reparada a vida de nossa espécie! Oh vagidos gratíssimos e deleitáveis, pelos quais escapamos ao ranger de dentes e ao choro eterno! Oh felizes fraldas, pelas quais foram limpas as sordidezes de nossos pecados!".

2º Nasceu-nos para exemplo de humildade. Por isso diz São Bernardo: "Empenhemo-nos em nos tornarmos como este menino; aprendamos dele, que é manso e humilde de coração, pois não sem motivo Deus, que é tão grande, se fez tão pequeno menino. Porque é impudência intolerável que, tendo se humilhado a majestade, se inche e se envaideça o verme".

3º Nasceu-nos para crescimento da caridade: Veio trazer fogo à terra (Lc 12, 49). E acrescenta São Bernardo: "O Senhor grande e digno de todo o louvor se fez menino e amável. Um menino, se diz, nasceu. Porque ele é todo amável para nós; ele é pai, irmão, senhor, servidor, recompensa e exemplo". E em outro lugar: "Quanto menor se fez na humanidade, tanto maior se mostrou na bondade. Quanto maior bondade nos ofereceu, tanto mais incendeu nosso amor".

4º Nasceu para consolo de nossa esperança e confiança. Por isso diz o Apóstolo: Aproximemo-nos, pois, confiadamente do trono da graça, isto é, de Cristo, no qual reina a graça, a fim de alcançar misericórdia, quer dizer, perdão dos pecados precedentes, e de encontrar graça, para sermos socorridos em tempo oportuno (Hb 4, 16). E Santo Agostinho exclama: "Oh dia dulcíssimo do nascimento, no qual mesmo os infiéis se movem à compunção, e o ímpio se sente comovido pela misericórdia, o arrependido espera o perdão, o cativo não desespera da liberdade, e o ferido espera o remédio. Neste dia nasce o Cordeiro que tira os pecados do mundo; em seu nascimento goza mais docemente o que tem a consciência tranqüila, e teme mais profundamente o que a tem em mau estado; o que é bom pede

mais amorosamente; o pecador suplica devotissimamente; doce dia e verdadeiramente doce para os penitentes, dia que traz consigo o perdão. Prometo-vos, filhos, e estou seguro de que, se alguém se arrepende de coração neste dia, e não volta outra vez ao vômito do pecado, se lhe dará tudo o que pedir".

— De Humanitate Christi

29 de dezembro: A iluminação da alma penitente

Em sentido místico podemos considerar que o parto da Santíssima Virgem Maria significa o parto da alma penitente, como se diz em Isaías: Do teu temor, Senhor, concebemos e demos à luz o espírito de salvação (Is 26, 18). A este parto convém misticamente o lugar do nascimento de Cristo, quer dizer, Belém. Por isso diz São Bernardo: "Se tu também és de Belém pela contrição do coração, de modo que tuas lágrimas sejam teu pão de dia e de noite, e esta refeição te proporciona alegria contínua (Belém significa casa de pão), e se és de Judá pela confissão e da cidade de Davi pelas boas obras de satisfação, nascerá Cristo em ti, e encherá de alegria teu coração pela graça no presente e pela glória no futuro".

Porém, deve-se advertir que, depois do parto da penitência, a alma penitente deve envolver-se com os panos da caridade contra a torpeza do pecado, que consiste na desordem interior da alma; deve reclinar-se pelo amor da humildade contra a soberba, que é uma aversão; e colocar-se no presépio da aspereza por uma penitência proporcionada contra o deleite do pecado, que é uma inclinação ao mal.

Do primeiro se diz nos Provérbios: A caridade cobre todas as faltas (Pr 10, 12). Porém, devemos nos envolver com esse pano por todas as partes: primeiro, a fim de amar Deus que está sobre nós; em segundo lugar, a nós mesmos; depois, ao que está junto de nós, quer dizer, o nosso próximo; em quarto lugar, ao que está debaixo de nós, quer dizer, a nosso corpo. Estas quatro coisas devem ser amadas com caridade, como diz Santo Agostinho.

Acerca do segundo se lê no Salmo (Sl 50, 19): Não desprezarás, ó Deus, um coração contrito e humilhado. Por isso diz São Bernardo: "A humildade nos merece a estima de Deus, nos submete a Deus, nos atrai a compla cência de Deus, como disse a Santíssima Virgem: Porque lançou os olhos para a baixeza da sua serva (Lc 1, 48)".

Com relação ao terceiro, diz o Evangelho: Fazei, portanto, frutos dignos de penitência (Lc 3, 8). E São Bernardo: "Fuja da voluptuosidade, porque nela a morte está emboscada às portas do deleite. Faz penitência, porque por ela se aproxima o reino de Deus. Isto te prega o estábulo, o clama o presépio, o dizem aqueles membros infantis, o anunciam suas lágrimas e seus vagidos".

— De Humanitate Christi

30 de dezembro: Circunstâncias do nascimento de Jesus

I. Cristo quis nascer em Belém.

1º Porque nasceu da posteridade de Davi, segundo a carne (Rm 1, 3), à qual também foi feita uma promessa especial de Cristo; e por isso quis nascer em Belém, onde nasceu Davi, para que se mostrasse que se havia cumprido a promessa feita a ele sobre o mesmo lugar do nascimento; e isto indica o Evangelista ao dizer: Porque era da casa e família de Davi (Lc 2, 4).

2º Porque Belém significa casa do pão, como diz São Gregório; e o mesmo Cristo é o que diz: Eu sou o pão vivo que desceu do céu (Jo 6, 41).

Assim como Davi nasceu em Belém, assim também escolheu Jerusalém para estabelecer nela a sede do reino e edificar ali o templo de Deus; e assim escolheu a Jerusalém, para que fosse, por sua vez, cidade real e sacerdotal. Mas o sacerdócio de Cristo e seu reino se consumaram principalmente em sua Paixão, e por isso escolheu convenientemente

Belém para o seu nascimento, e Jerusalém para a Paixão.

Do mesmo modo confundiu a glória dos homens, que se gloriam de serem de origem de cidades notáveis, nas quais querem também ser honrados principalmente. Cristo, pelo contrário, quis nascer em uma cidade obscura, e padecer opróbrio em uma cidade notável.

II. Nasceu em tempo oportuno. Pois existe entre Cristo e os demais homens a diferença de que estes homens nascem sujeitos à necessidade do tempo, enquanto Cristo, como Senhor e Criador de todos os tempos, escolheu para si o tempo em que haveria de nascer, assim como a mãe e o lugar. E porque as coisas ordenadas por Deus são convenientemente dispostas, se deduz que Cristo nasceu no tempo mais conveniente.

Cristo, com efeito, veio para tirar-nos do estado de servidão e conduzir-nos ao estado de liberdade. E, portanto, assim como tomou nossa mortalidade para conduzir-nos à vida, assim mesmo se dignou se encarnar naquele tempo em que, apenas nascido, foi inscrito no censo de César para submeter-se à escravidão, no interesse de nossa liberdade.

Também naquele tempo, em que todo o mundo vivia sob um só príncipe, se desfrutou de grandíssima paz no mundo. E, por conseguinte, convinha que naquele tempo nascesse Cristo, que é a nossa paz, ele que de duas coisas fez uma só (Ef 2, 14).

Convinha, ademais, que no tempo em que um só príncipe dominava o mundo nascesse Cristo, que vinha para congregar aos seus em um, para que houvesse um só rebanho, um só pastor.

Quis nascer durante o reinado de um rei estrangeiro para que se cumprisse a profecia de Jacó (Gn 49, 10), que diz: O cetro não será tirado de Judá, nem o príncipe da sua descendência, até que venha aquele que deve ser enviado, porque enquanto o povo judeu estava submetido a reis de sua nação, ainda que pecadores, eram enviados profetas para sua cura; porém, agora, quando a Lei de Deus estava sob o poder de um rei iníquo, nasce Cristo; porque uma enfermidade grave e desesperada re clama um médico mais sábio.

Por último, Cristo quis nascer quando a luz do dia começava a despontar, com o fim de demonstrar que Ele havia vindo para que os homens crescessem na luz divina: Para alumiar os que jazem nas trevas e na sombra da morte (Lc 1, 79). E também escolheu o rigor do inverno para seu nascimento para já padecer por nó, desde então, a aflição da carne.

— S. Th., IIIa, q. 35, a. 7 e 8

31 de dezembro: A filiação divina

Deu-lhes poder de se tornarem filhos de Deus (Jo 1, 12).

Os homens chegam a ser filhos de Deus por assimilação a Ele, e, portanto, são filhos de Deus por uma tripla assimilação.

1º Pela infusão da graça; pela qual todo o que possui a graça santificante se converte em filho de Deus: E, porque vós sois filhos, Deus mandou aos vossos corações o Espírito de seu Filho (Gl 4, 6).

2º Assimilamo-nos a Deus pela perfeição das obras, porque quem faz obras de justiça é filho, como diz o Evangelho: Amai os vossos inimigos […] para que sejais filhos do vosso Pai, que está nos céus (Mt 5, 44, 45).

3º Também nos assimilamos a Deus alcançando a glória; e quanto à alma pelo lumen gloriae: Quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele (1Jo 3, 2); e quanto ao corpo: transformará o nosso corpo de miséria (Fl 3, 21). Por isso destes dois modos se diz na Epístola aos Romanos: esperando a adoção de filhos de Deus (Rm 8, 23).

Mas se pelo poder de fazer-se filhos de Deus se entende a perfeição das obras e a consecução da glória, não existe dificuldade alguma, pois quando diz: Deu-lhes poder (Jo 1, 12), se entende o poder da graça, pela qual o homem pode fazer obras de perfeição e alcançar a glória.

Porém, se se entende a infusão da graça, deu-lhes poder de se tornarem filhos de Deus, é porque lhes concedeu o poder de receber a graça, e isto

de duas maneiras:

1ª Preparando a graça e oferecendo-a aos homens; assim como se diz que quem faz um livro, e o oferece a alguém para que o leia, dá a este a faculdade de ler.

2º Movendo o livre-arbítrio do homem para que consinta em receber a graça. Por isso diz Jeremias: Converte-nos, Senhor, a ti (movendo nossa vontade a amar-te), e nós nos converteremos (Lm 5, 21). E isto se chama moção interior, da qual diz São Paulo (Rm 8, 30): Aqueles que chamou (excitando interiormente a vontade a consentir com a graça), também os justificou infundindo-lhes a graça.

Mas como por esta graça o homem tem poder de conservar-se na filiação divina, pode-se dizer em outro sentido: Deu-lhes, quer dizer, aos que lhe recebem, o poder de se tornarem filhos de Deus, quer dizer, a graça, mediante a qual podem conservar-se na filiação divina. O mesmo Evangelista diz em outro lugar: Todo aquele que nasceu de Deus não comete pecado, porque a graça de Deus (pela qual somos regenerados como filhos de Deus) permanece (1Jo 3, 9).

Assim, pois, deu-lhes poder de se tornarem filhos de Deus pela graça santificante, pela perfeição das obras, pela obtenção da glória; e tudo isso preparando, atualizando e conservando a graça.

— In Joan., I

1º de janeiro: A circuncisão

Depois que se completaram os oito dias para ser circuncidado o menino (Lc 2, 21).

Por várias razões Cristo devia ser circuncidado.

1ª Para recomendar-nos com o seu exemplo a virtude da obediência; pela qual foi circuncidado aos oito dias como estava ordenado na Lei. Cristo recebeu a circuncisão no tempo em que estava prescrita; e este exemplo

deve ser imitado no sentido de que observemos o que é de preceito, pois cada coisa tem o seu tempo e oportunidade, como diz o Eclesiastes (Ecl 8, 6).

2ª Para que não rechaçasse o remédio pelo qual costumava-se purificar a carne de pecado, pois havia vindo em semelhança da carne de pecado; e para significar por meio da circuncisão o despojo da geração antiga, velhice de que somos libertados por Cristo.

3ª Para livrar a outros do peso da Lei, tomando-o sobre si, conforme o que diz São Paulo: Deus enviou seu Filho, feito da mulher, feito sob a lei (Gl 4, 4).

Assim como Cristo por própria vontade recebeu nossa morte, que é efeito do pecado, não tendo em si pecado algum, com o fim de livrar-nos da morte e fazer-nos morrer espiritualmente ao pecado; assim também recebeu a circuncisão, que é remédio contra o pecado original, sem ter este pecado, com o fim de livrar-nos do jugo da Lei, e produzir em nós a circuncisão espiritual, isto é, para cumprir a verdade, recebendo a figura.

Ademais, como diz Orígenes:[20] "Se morremos com Cristo que ressuscita, do mesmo modo fomos circuncidados por Cristo com circuncisão espiritual; e, portanto, não necessitamos da circuncisão carnal". Isto é o que o Apóstolo diz aos Colossenses: Também nele (em Cristo) estais circuncidados com uma circuncisão, não feita por mão de homem, mas no despojo do corpo da carne, isto é, na circuncisão de Cristo (Cl 2, 11).

— S. Th., IIIa, q. 37, a. 1

2 de janeiro: Imposição do nome de Jesus

> E, depois que se completaram os oito dias para ser circuncidado o menino, foi-lhe posto o nome de Jesus (Lc 2, 21).

Como se lê em Gênesis (Gn 17), Abraão recebeu de Deus, por sua vez, a imposição do nome e o mandato da circuncisão. Por isso era costume

entre os judeus impor nomes às crianças no mesmo dia da circuncisão, como se não as tivessem perfeitas antes da circuncisão, do mesmo modo que agora se impõe nomes às crianças no Batismo.

Deve-se advertir que os nomes de cada um dos homens se impõem sempre por razão de alguma propriedade daquele a quem se impõe, ou pelo tempo, como se impõem os nomes dos santos aos que nascem nas festas deles, ou pelo parentesco. Porém os nomes que Deus impõe a alguns sempre significam algum dom gratuito concedido a eles pelo mesmo Deus, como se disse a Abraão: Chamar-te-ás Abraão: porque eu destinei-te para pai de muitas gentes (Gn 17, 5), e também a Pedro: Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja (Mt 16, 18).

Se, pois, a Cristo lhe foi conferido este dom da graça para que por ele se salvem todos, com razão se lhe chamou Jesus, isto é, Salvador, tendo o Anjo anunciado de antemão esse nome, não somente à mãe, mas também a José, que era seu pai nutrício.

Diz-se em Isaías (Is 62, 2): E chamar-te-ão por um nome novo que o Senhor designará pela sua boca; e, no entanto, este nome de Jesus foi dado a muitos no Antigo Testamento. Porém, devemos contestar a isto que o nome de Jesus pôde convir aos que existiram antes de Cristo por outra razão; por exemplo, porque executaram alguma obra saudável, particular e temporal; porém se se considera a salvação espiritual e universal, este nome é próprio de Cristo e neste sentido se diz que é um nome novo.

— S. Th., IIIa, q. 37, a. 2

3 de janeiro: Utilidade do nome de Jesus

Devemos saber que este nome tem uma virtude imensa e multíplice. É refúgio para os penitentes, remédio para os enfermos, ajuda para os que lutam, sufrágio para os que oram, pois confere o perdão dos pecados, a graça da saúde, a vitória aos tentados, a força e a confiança de alcançar a salvação.

Quanto ao perdão dos pecados, diz São João em sua Primeira Epístola (1Jo 2, 12): Eu vos escrevo, filhinhos, porque os vossos pecados vos são perdoados pelo seu nome. E Santo Agostinho acrescenta: "O que significa Jesus, senão Salvador? Logo, por ti mesmo sê Jesus para mim. Não tenhas presente, Senhor, meu mal, de modo que te esqueças do teu bem. Porém deve-se advertir que este nome se impõe na circuncisão; com o que significa que se salvam os circuncidados espiritualmente". Por isso diz São Bernardo: "É necessário, irmãos, que nós sejamos circuncidados, para poder assim receber o nome de salvação; ser circuncidados não literalmente, mas sim em espírito e em verdade".

Quanto à graça da saúde se diz no Cântico dos Cânticos (Ct 1, 2): O teu nome é como o óleo derramado, porque o óleo é o alívio da dor, e também o é este nome de Jesus. São Bernardo diz: "Tens, alma minha, um remédio escondido num pequeno vaso de um vocábulo, que é Jesus, o qual jamais foi ineficaz para nenhuma epidemia".[21] E Pedro de Ravena: "Este é o nome que deu vista aos cegos, ouvido aos surdos, passo aos coxos, palavra aos mudos, vida aos mortos".

Quanto à vitória nas tentações, lê-se nos Provérbios (Pr 18, 10): O nome do Senhor é uma torre fortíssi ma; E São Marcos: Expulsarão os demônios em meu nome (Mc 16, 17); e São Lucas: Os setenta e dois voltaram alegres, dizendo: Senhor, até os demônios se nos submetem em virtude do teu nome (Lc 10, 17). E São Pedro de Ravena: "A virtude deste nome, de Jesus, afugentou dos possessos todo o poder do Diabo".

Quanto à confiança saudável, diz São João: Tudo o que pedirdes ao Pai em meu nome, eu o farei (Jo 14, 13). A este propósito diz Santo Agostinho: "Em meu nome, que é Cristo Rei, Jesus significa Salvador; e tudo o que pedimos por ele, o pedimos em nome do Salvador, e ele é Salvador, não somente quando faz o que pedimos, mas também quando não o faz; porque quando vê que o que se pede é contrário à salvação, se mostra salvador não fazendo-o. Pois o médico conhece o que pede o enfermo, ou em favor de sua própria saúde, ou contra ela; por conseguinte, não faz a vontade contrária do que pede, a fim de curá-lo".

Advertem as palavras de São Bernardo acerca da circuncisão de Cristo e

da imposição de seu nome: “Grande e admirável mistério: é circuncidado o menino e se chama Jesus. Que quer dizer esta conexão? Reconhece o mediador entre Deus e os homens que desde o começo de seu nascimento associa o humano ao divino, o ínfimo ao sumo. Nasce de mulher, porém de tal modo chega a ela o fruto da fecundidade, que não perde a flor da virgindade. É envolto em trapos, porém estes trapos são honrados com louvores angélicos. Esconde-se em um presépio, porém é descoberto por uma estrela radiante no céu. Do mesmo modo a circuncisão prova também a verdadeira humanidade tomada, e o nome, que está acima de todo nome, indica a glória de sua majestade”.

— De Humanitate Christi, cap. 26

4 de janeiro: Virgindade de Maria

I. A Santíssima Virgem Maria foi virgem no parto, porque o profeta não somente diz: Eis que uma virgem conceberá, senão que acrescenta: e dará à luz um filho. (Is 7, 14). Isto foi conveniente por três razões:

1º Porque correspondia à condição do que nascia, que é o Verbo de Deus. Porque o Verbo não somente é concebido sem corrupção no coração, mas também procede do coração sem corrupção. Por isso, para demonstrar que aquele seria o corpo do Verbo de Deus, foi conveniente que nascesse do seio incorrupto da Virgem. A este respeito se lê: “A que dá à luz uma carne pura, cessa de ser virgem. Mas, porque nasceu na carne, o Verbo de Deus protege a virgindade, manifestando-se por isto que ele é o Verbo. Tampouco nosso verbo mental corrompe nossa mente quando é dado à luz; nem Deus, Verbo substancial, ao querer nascer, destruiu a virgindade”.

2º Isto foi conveniente quanto ao efeito da Encarnação de Cristo, porque veio precisamente para destruir nossa corrupção; por isso não foi conveniente que corrompesse a virgindade de sua mãe ao nascer. Não era justo que o que havia vindo para salvar o que estava corrompido violasse com sua vinda a pureza de sua mãe.

3º Não foi conveniente que, ao nascer, diminuísse a honra de sua própria mãe o que havia ordenado honrar os pais.

Cristo mesclou o maravilhoso com o humilde. Assim, para demonstrar a verdade de seu corpo, nasce de mulher; mas para manifestar sua divindade, nasce de uma virgem. Porque tal parto convinha a Deus. Assim, pois, a Santíssima Virgem deu à luz sem nenhuma espécie de dor.

A dor de quem dá à luz é produzida pela abertura dos canais pelos quais sai a prole. Mas Cristo saiu do seio fechado da mãe, e assim não houve ali violência alguma. Por isso não houve dor alguma naquele parto, como não houve tampouco nenhuma corrupção, senão que ali existiu a alegria tremenda, porque o homemDeus nasceu para o mundo, segundo o que está escrito em Isaías: Brotará copiosamente, e exultará de alegria e de louvores (Is 35, 2).

II. Foi virgem depois do parto. Pois se lê em Ezequiel (Ez 44, 2): Esta porta estará fechada; não se abrirá, e ninguém passará por ela; porque o Senhor Deus de Israel entrou por esta porta. Alguém comentando essas palavras, diz: "O que significa essa porta fechada na casa do senhor, senão que Maria será sempre intacta? E o que quer dizer: homem não passará por ela, senão que José não a conhecera? E que: somente o Senhor entra e sai por ela, senão que o Espírito Santo a fecundara, e que o Senhor dos anjos nascerá por ela? E que: estará fechada eternamente, senão que Maria é virgem antes do parto, virgem durante o parto e virgem depois do parto?".

E, efetivamente, assim como Cristo é Filho único do Pai segundo a natureza divina, igualmente perfeito em tudo, assim também lhe corresponde ser filho único de sua mãe, como seu fruto mais perfeito.

— S. Th., IIIa, q. 28, a. 2 e 3

5 de janeiro: O fruto da Santíssima Virgem Maria

Bendito é o fruto do teu ventre (Lc 1, 42).

Algumas vezes o pecador espera das coisas o que não pode conseguir, enquanto que o justo o consegue. A riqueza do pecador está reservada para o justo (Pr 13, 22). Assim Eva buscou o fruto e não encontrou nele tudo o que quis. A Santíssima Virgem, pelo contrário, encontrou em seu fruto tudo o que Eva havia desejado. Com efeito, Eva desejou três coisas em seu fruto.

1º O que o Diabo lhe prometeu falsamente, a saber: que seriam como deuses, conhecendo o bem e o mal (Gn 3, 5). Sereis, lhe disse aquele embusteiro, como deuses. E mentiu, porque é mentiroso e pai da mentira.[22] Porque Eva ao comer o fruto não se fez semelhante a Deus, senão que se fez mais dessemelhante; pois pecando se afastou de Deus, seu Salvador, e por isto foi expulsa do Paraíso. Porém, ao contrário de Eva, o encontrou a Santíssima Virgem e todos os cristãos no fruto de seu ventre; pois por Cristo nos unimos e assemelhamos a Deus: Quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, porque o veremos como ele é (1Jo 3, 2).

2º Eva desejou o deleite no seu fruto, porque era bom para ser comido; mas não o encontrou, porque naquele instante percebeu que estava nua e teve dor. Ao contrário, no fruto da Virgem encontramos suavidade e saúde: O que come a minha carne […] tem a vida eterna (Jo 6, 55).

3º O fruto de Eva era formoso à vista; porém, mais formoso é o fruto da Virgem que os anjos desejam contemplar: Ultrapassas em formosura os filhos dos homens (Sl 44, 3); porque é esplendor da glória do Pai.

Eva não pôde encontrar em seu fruto o que tampouco encontra nenhum pecador nos pecados. Por conseguinte, o que desejamos busquemo-lo no fruto da Virgem.

Esse fruto é bendito: 1º Por Deus, porque de tal modo lhe encheu de graças que veio a nós mostrando-lhe reverência: Bendito seja Deus e Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, que nos abençoou com toda a bênção espiritual do céu em Cristo (Ef 1, 3). 2º Pelos anjos e pelos homens, como diz o Apóstolo: E toda a língua confesse que o Senhor Jesus Cristo está na

glória de Deus Pai (Ef 2, 11), e o Profeta Davi: Bendito o que vem em nome do Senhor (Sl 117, 26). Assim, pois, a Virgem é bendita, porém, seu fruto é, todavia, mais bendito.

— Salutat. Angelicae Exposito, I

6 de janeiro: Epifania de Cristo

As nações caminharão à tua luz, e os reis ao resplendor da tua aurora (Is 60, 3).

Os magos são as primícias dos gentios que crêem em Cristo; nos quais apareceram como em certo presságio da fé e da devoção dos gentios, que vinham a Cristo desde países longínquos. E por isto, assim como a devoção e a fé dos gentios estão sem erro pela inspiração do Espírito Santo, igualmente há de crer-se que os magos, inspirados pelo Espírito Santo, tributaram sabiamente reverência a Cristo.

Como diz Santo Agostinho, a estrela, que guiou os magos ao lugar onde estava o Deus menino com a Virgem Mãe, podia conduzi-los à mesma cidade de Belém em que nasceu Cristo; porém, foram subtraídas de suas vistas até que também os judeus dessem testemunho acerca da cidade em que Cristo nasceria; a fim de que, confirmados com duplo testemunho, buscassem com uma fé mais ardente a quem manifestava a claridade da estrela e a autoridade da profecia. Assim eles mesmos anunciam aos judeus o nascimento de Cristo e perguntam o lugar. Por disposição divina ocorreu que, ao desaparecer a estrela, os magos fossem a Jerusalém guiados pelas luzes humanas, buscando à cidade real o rei nascido, a fim de que o nascimento de Cristo fosse primeiro anunciado publicamente em Jerusalém, conforme está escrito em Isaías (Is 2, 3): De Sião sairá a lei, e de Jerusalém a palavra do Senhor, e também para que com a notícia dos magos, que vinham de longe, se condenasse a indolência dos judeus, que estavam próximos.

Admirável foi a fé dos magos. Porque se eles, buscando um rei da Terra, lhe houvessem encontrado, em tal caso se haveriam confundido, por haver empreendido sem causa uma viagem tão penosa; pelo que nem o teriam

adorado, nem oferecido presentes. Porém, no presente caso, como buscavam um rei celestial, ainda que não vissem nenhuma excelência real nele, no entanto, contentes só com o testemunho da estrela, o adoraram. Vêem o homem e reconhecem a Deus, e lhe oferecem presentes adequados à dignidade de Cristo: ouro, como a um grande rei; incenso, que se faz uso no sacrifício de Deus, como a Deus; e mirra, que serve para embalsamar os corpos, a fim de demonstrar que devia morrer pela salvação de todos.

— S. Th., IIIa, q. 36, a. 8

E, prostrando-se, o adoraram (Mt 2, 11). A este respeito diz Santo Agostinho: "Oh infância, à qual se submetem os astros! Quem é este de grandeza e glória suprema, ante cujos trapos velam os anjos, tremem os reis e dobram seus joelhos os sábios? Quem é este, tal e tão grande? Encho-me de estupor quando vejo os trapos e olho o céu; agito-me quando olho no presépio o mendigo e o mais preclaro que os astros; socorra-nos a fé, pois a razão humana desfalece".

— De Humanitate Christi

7 de janeiro: Ordem da manifestação de Cristo

1º O nascimento de Cristo se manifestou primeiramente aos pastores no mesmo dia de seu nascimento. Lê-se em São Lucas (Lc 2, 8-15): Havia uns pastores que velavam e faziam de noite a guarda ao seu rebanho […] E, depois que os anjos se retiraram deles para o céu, os pastores diziam entre si: Vamos até Belém, e foram com grande pressa.

2º Os magos chegaram a Cristo aos treze dias de seu nascimento, quando se celebra a festa da Epifania. Porque, se houvessem chegado depois de um ou dois anos, não o teriam encontrado em Belém, já que São Lucas (Lc 2, 39) diz: Depois que cumpriram tudo, segundo o que mandava a lei do Senhor (isto é, oferecendo o menino Jesus no templo), voltaram para a Galiléia, para sua cidade de Nazaré.

3º Manifestou-se aos justos no templo aos quarenta dias de seu

nascimento, como se lê em São Lucas (Lc 2, 22 e seguintes).

A razão desta ordem é que os pastores significam os Apóstolos e os outros crentes dentre os judeus, aos quais primeiro se mostrou a fé de Cristo, entre os quais não houve muitos potentados nem muitos nobres. A fé de Cristo chegou em segundo lugar à massa dos gentios, figurada pelos magos. Em terceiro lugar à multidão dos judeus, figurada pelos justos; por isso se lhes manifestou Cristo no templo dos judeus.

Esta manifestação do nascimento de Cristo foi uma antecipação da plena manifestação que havia de ter lugar depois, e assim como na segunda manifestação se anunciou a graça de Cristo por este e por seus Apóstolos, primeiro chegaram a Cristo os pastores, que eram as primícias dos judeus, como mais próximos; depois vieram de longe os magos, os quais foram as primícias dos gentios.

— S. Th., IIIa, q. 36, a. 6 e a. 3, ad. 1

8 de janeiro: A diligência dos magos

A diligência na busca manifesta-se de três maneiras. Por isso diz Santo Agostinho: "Oh minha alma, se diligentemente pedires, o revelarias com três sinais: 1º Pedirias luz para que as trevas não te escureçam as vistas; 2º perguntarias aos que sabem para não equivocar-te buscando; 3º não descansarias em nenhum lugar até que encontrasses o amado".

Acerca do primeiro se diz no Salmo (Sl 66, 2-3): Deus tenha piedade de nós […] para que conheçamos na terra o teu caminho. E no livro dos Provérbios (Pr 4, 18): A vereda dos justos, como luz que resplandece, vai adiante, e cresce até ao dia pleno. A isto interpreta assim a Glosa: as obras dos justos se executam com a luz da ciência e conduzem à vida eterna, que é o dia perfeito.

Por isto os magos buscaram o Senhor na luz da estrela, e deve-se advertir que essa luz, quer dizer, a graça, se perde pelo pecado. Daí que diga São

Remígio que a estrela representa a graça de Deus, e Herodes o Diabo. O que pelo pecado se submete ao Diabo, perde no mesmo momento a graça; se dele se apartar pela penitência, recobra logo a graça, a qual não o abandona até que o conduza à casa do menino, que é a Igreja.

A respeito do segundo disse Jeremias (Jr 6, 16): Parai sobre os caminhos, e vede, e perguntai quais são as antigas veredas, para conhecerdes o bom caminho, e andai por ele, e achareis refrigério para as vossas almas. Por isso também, os magos chegaram do Oriente a Jerusalém, dizendo: Onde está o rei dos judeus, que acaba de nascer? (Mt 2, 1-2). Aqui comenta Santo Agostinho: "Anunciam e perguntam, crêem e buscam, significando os que andam na luz da fé e desejam a visão. Porém, ai!, muitos doutores são semelhantes aos judeus, que morreram em sua secura, não obstante ter-lhes apontado os magos a fonte da vida". O mesmo escritor diz que tais são semelhantes aos carpinteiros da arca de Noé, os quais contribuíram para que outros se salvassem e eles pereceram no dilúvio; semelhantes também às pedras miliares que mostraram aos outros o caminho, e elas mesmas, no entanto, não o puderam trilhar.

Ao que toca ao terceiro, se lê no Cântico dos Cânticos (Ct 3, 1): Durante a noite no meu leito busquei. Acerca disso diz São Gregório: "Buscamos o amado no leito, quando suspiramos pelo desejo de nosso Redentor em algum descanso da vida presente. Buscamos de noite, porque ainda que a mente já vele nele, no entanto, o olho está envolto na obscuridade. Porém, ao que não encontra o seu amado, não lhe sobra outro recurso que levantar-se, dar voltas mentalmente ao redor da cidade, isto é, da Santa Igreja dos escolhidos, e recorrer a ela perguntando, e buscando pelas ruas e praças, quer dizer, olhar vague ando por lugares estreitos e largos, a fim de averiguar se pode encontrá-lo em suas pegadas, porque existem alguns, ainda que de vida mundana, que praticam algumas ações virtuosas, dignas de serem imitadas".

Por isso os magos não descansaram até que encontraram o amado, quer dizer, Cristo; cujo sinal foi ter percorrido tão largo caminho em tão curto espaço de tempo.

Há que advertir-se que o desejo ardente do amor divino não deixa a alma descansar até encontrar o amado. E porque o desejo satisfeito deleita a

alma, por isso, quanto mais ardente for o desejo, tanto mais deliciosamente é encontrado o amado. E como os magos buscam a Cristo com muito fervor, o encontraram com o maior deleite. Daí que o Evangelho diga: E vendo novamente a estrela, ficaram possuídos de grandíssima alegria (Mt 2, 10). E por isso diz São Bernardo que muito se regozija o que regozija em Deus, que é o verdadeiro gozo. Acrescenta em grande maneira, porque se regozijam daquilo sobre o qual não há nada maior, e se alegram muito porque do que é imenso um pode alegrar-se mais e outro menos.

— De Humanitate Christi

9 de janeiro: Os presentes dos magos

E, abrindo os seus tesouros, lhe ofereceram presentes, ouro, incenso e mirra (Mt 2, 11).

1º Pelo ouro se entende a sabedoria celestial: Os ilustres filhos de Sião, vestidos de fino ouro (Lm 4, 2). Sobre o qual acrescenta a Glosa: adornados com a sabedoria celestial. Como? Que mudança miserável! Foram tomados por vasos de barro. Abandonando as coisas celestiais, acrescenta a Glosa, para entregar-se às terrenas. E São Bernardo diz: "Encontraste abertamente a sabedoria, se choras os pecados da vida passada, se desprezas as coisas apetecíveis deste mundo, se desejas com toda a alma a vida eterna. Encontraste a sabedoria se sabes como cada uma destas coisas são efetivamente amargas e dignas de serem evitadas por completo; se com sabor íntimo da alma julgas a umas e discerne-as como caducas e transitórias, dignas de desprezo; porém, a outras, julgas e discerne-as como bens perfeitos, dignos de ser apetecidos com toda a força do desejo".

2º Pelo incenso se significa a oração devota, como se lê no Salmo: Suba direita a minha oração como incenso (Sl 140, 2). E acrescenta a Glosa: incendido com o fogo da caridade. E São Bernardo: "Quanto mais eficaz é a oração, tanto mais astutamente costuma ser impedida pelo adversário. É um perigo, se for tímida, fria ou temerária; porque a oração tímida não

penetra os céus, pois o temor exagerado apequena o coração e lhe impede de orar. Se é fria, enlanguesce em sua ascensão porque não tem vigor. Se é temerária sobe, porém volta a cair; encontra resistência e não alcança graça, mas ofende a Deus. Porém, a oração fiel, humilde e fervorosa penetra nos céus; por isso é seguro que esta não regressará vazia".

3º A mirra significa a mortificação da carne, como diz o Cântico dos Cânticos: As minhas mãos destilaram mirra, e os meus dedos estavam cheios de mirra mais preciosa (Ct 5, 5). São Gregório comenta assim: "Pelas mãos se simbolizam as obras virtuosas; pelos dedos, a discrição. A mão destila mirra, quando a carne é castigada com obras virtuosas; por isso dizem que os dedos estão cheios de mirra muito provada, quando está bem provado o castigo que se faz com discrição".

Dos três dons diz São Gregório: "Ao rei oferecemos ouro, se em sua presença brilharmos com a claridade da sabedoria divina. Oferecemos-lhe incenso, se consumimos na ara da cruz do coração os pensamentos carnais pelo santo zelo da oração, a fim de que nossos desejos celestiais sejam um perfume para Deus. Oferecemos mirra, se mortificamos com a abstinência os vícios da carne. Pois pela mirra se procura que a carne morta não decompo nha, segundo diz a Glosa. O ouro corresponde ao tributo, o incenso ao sacrifício, a mirra à sepultura dos mortos, e por estas três coisas se iniciam em Cristo o poder régio, a majestade divina, a mortalidade humana".

— De Humanitate Christi, a. 7

10 de janeiro: A busca de Deus

Eis que teu pai e eu te procurávamos cheios de aflição (Lc 2, 48).

Nesta frase nos é ensinado a buscar a Deus, ao qual nos admoesta freqüentemente a Escritura. Aqui se advertem três coisas: 1º Quem são os que buscam; 2º o modo com qual buscar; 3º a quem se deve buscar.

1º Os que buscam são Maria e José: Teu pai e eu. Por eles se designam as duas classes de homens que buscam o Senhor, a saber: buscam-lhe os contemplativos na contemplação, e os ativos na ação. Maria significa iluminada, e simboliza os contemplativos que na contemplação recebem as divinas inspirações. José significa crescimento, e designa os ativos que devem crescer pelas obras de misericórdia. Por estes é buscado o Senhor, e de ambos diz a Escritura: Alegre-se o coração dos que buscam o Senhor. Buscai o Senhor, e fortificai-vos nele (Sl 104, 3-4). O primeiro corresponde aos contemplativos que vivem na contínua alegria e júbilo; o segundo, aos ativos que às vezes têm grande necessidade de ser fortalecidos.

A fé se designa assim por Maria mesma, estrela do mar; e por José designa-se o aumento da caridade. A fé busca a Deus, enquanto nosso pai; a caridade, enquanto sumo bem. De ambas as coisas se diz no Cântico dos Cânticos: Minha alma tinha ficado fora de si ao som da sua voz; busquei-o, mas não o achei (Ct 5, 6); isto é, enquanto fala, é o tanto que lhe busca, porque a fé vem pelo ouvido (Rm 10, 17). Na medida que Deus é amado, a caridade busca-o, porque ela é a vida que une o amante com o amado. Porém, seguramente, se o busca mos por meio da caridade será encontrado.

2º Acerca do modo de buscar, adverte que deve buscar-se de sete modos, como pode-se ler no texto. Com pureza de alma, isto é, que devemos purificar-nos de toda mancha de pecado: Todos aqueles que, separando-se da corrupção dos povos do país, se tinham unido a eles, para buscarem o Senhor Deus de Israel (Esd 6, 21); buscai o Senhor com simplicidade de coração (Sb 1, 1); com todo o coração, para que só amemos a Ele, como diz a Escritura: Porque juraram de todo o seu coração, e buscaram a Deus com toda a sua vontade, e encontraram-no (2Cr 15, 15); depressa, antes que passe o tempo em que possa encontrar-se, como dizem os profetas: Buscai o Senhor, enquanto se pode encontrar (Is 55, 6); com perseverança, sem cessar: Buscai sempre a sua face (Sl 104, 4); com dor dos pecados.

3º Devemos buscar a Deus, por isso diz: Te procurávamos (Lc 2, 48).

Deve ser buscado por quatro motivos: porque é justo, manso, bom e porque é a vida.

É justo para oferecer-se aos que lhe buscam; pois sua justiça consiste em que não há ninguém, se lhe busca como se deve buscá-lo, que não o encontre. É manso para receber benignamente aos que lhe buscam. É bom para engrandecer e recompensar aos que lhe buscam: O Senhor é bom para os que nele esperam, para a alma que o busca (Lm 3, 25). É vida, porque faz viver eternamente os que lhe buscam: Buscai a Deus, e viverá a vossa alma (Sl 68, 33).

— Serm.

11 de janeiro: Onde mora Jesus

Eles disseram-lhe: Rabi (que quer dizer Mestre), onde habitas? Jesus disse-lhes: Vinde e vede (Jo 1, 38-39).

I. Os discípulos buscavam realmente a casa de Cristo. Pois pelas maravilhosas e grandes coisas que haviam ouvido sobre Ele de João, não queriam perguntar-lhe superficialmente, nem somente uma vez, senão freqüente e seriamente. Queriam, portanto, conhecer sua casa para aproximar-se dele com freqüência, conforme o conselho do sábio: Se vires um homem sensato, madruga para ir ter com ele (Eclo 6, 36); e: Bem-aventurado o homem que me ouve, e que vela todos os dias à entrada da minha casa (Pr 8, 34).

Alegoricamente, a morada de Deus está nos céus. Perguntam, pois, onde habita Cristo, pois devemos seguir a Cristo, para que Ele nos conduza ao céu, isto é, à glória celestial.

Perguntam moralmente Onde moras?, como se quisessem saber quais devem ser os homens que são dignos de que Cristo habite neles. Dessa morada se diz: Sobre o qual vós sois também juntamente edificados para morada de Deus, mediante o Espírito (Ef 2, 22).

II. Disse-lhes: Vinde e vede. Disse misticamente, porque a morada de Deus, seja de graça ou de glória, não pode ser conhecida senão pela experiência. Por isso diz: Venha, crendo e agindo, e veja-o,

experimentando e entendendo.

Porém, deve-se advertir que de quatro modos se chega a esse conhecimento.

1º Pelas boas obras, por isso diz: Venha. E no Salmo (Sl 41, 3): Quando irei e aparecerei diante da face de Deus?

2º Pelo repouso do espírito ou recolhimento: Para e vê (Sl 45, 11).

3º Pelo gosto da divina doçura: Provai e vede quão suave é o Senhor (Sl 33, 9).

4º Pela devoção: Levantemos os corações e as mãos para o Senhor nos céus (Lm 3, 41). E: Apalpai e vede (Lc 24, 39).

Na continuação acrescenta o texto: Eles foram e viram (Jo 1, 39), porque indo viram, e vendo não o abandonaram; por isso se diz: e ficaram com ele aquele dia; pois os que se apartam de Cristo não lhe viram todavia como é necessário vê-lo. Mas estes que, crendo perfeitamente, o viram, permaneceram ali aquele dia ouvindo, vendo e passando um dia delicioso, como diz a Escritura: Bem-aventurados os teus homens, e bem-aventurados os teus servos, que gozam sempre da tua presença (1Rs 10, 8). Por isso diz Santo Agostinho: "edifiquemos também nós em nosso coração, e façamos uma morada à que Ele venha e nos ensine".

— In Joan. I

12 de janeiro: As bodas espirituais

E encontrava-se lá a mãe de Jesus. Foi também convidado Jesus com seus discípulos para as bodas (Jo 2, 1-2).

I. Por bodas se entende misticamente a união de Cristo e da Igreja, porque, como diz o Apóstolo: Este mistério é grande, mas eu o digo em relação a Cristo e à Igreja (Ef 5, 32). Esse matrimônio se iniciou no seio virginal, quando Deus Pai uniu a natureza humana ao Filho em unidade

de pessoa, pelo que o tálamo dessa união foi o seio da Virgem. Estabeleceu o seu tabernáculo no sol (Sl 18, 6). Foi publicado este matrimônio, quando a Igreja foi unida a Ele por meio da fé, como diz Oséias: Eu me desposarei contigo com uma inviolável fidelidade (Os 2, 20). Será consumado, quando a esposa, isto é, a Igreja, for introduzida no tálamo do esposo, quer dizer, na glória celestial.

O lugar se harmoniza com o mistério, pois Caná quer dizer céu; e Galiléia, transmigração. Assim, pois, essas bodas se celebram no céu da transmigração, para dar a conhecer que são dignos principalmente de unir-se a Cristo os que, ardendo em zelo de piedosa devoção, passam do estado de culpa à graça da Igreja, e da morte à vida, isto é, do estado de mortalidade e de miséria ao estado de imortalidade e de glória.

II. Nas bodas espirituais está a Mãe de Jesus, a Santíssima Virgem, porque por sua intercessão a alma se une a Cristo pela graça, conforme o que diz a Escritura: Em mim toda a esperança da vida e da virtude (Eclo 24, 25).

Cristo é verdadeiro esposo da alma, como diz o Evangelista: O que tem a esposa é o esposo (Jo 3, 29). Os discípulos são como os padrinhos, como os que unem a Igreja a Cristo, do qual diz São Paulo: Eu desposei-vos para vos apresentar, como virgem pura, a um único esposo (2Cor 11, 2).

— In Joan. II

13 de janeiro: A súplica de Maria a Jesus

E faltando o vinho, a mãe de Jesus disse-lhe: Não têm vinho (Jo 2, 3).

Três coisas devem considerar-se na súplica de sua mãe:

1º Sua piedade e misericórdia. É próprio da misericórdia considerar como sua a desgraça de outro; pois chama-se misericordioso o que tem posto seu coração compassivo sobre a miséria de outro: Quem está enfermo, que eu não esteja enfermo? (2Cor 11, 29). Se, pois, a Santíssima

Virgem estava cheia de misericórdia, queria remediar os defeitos dos outros, e por isso diz: E faltando o vinho, a mãe de Jesus disse-lhe.

2º Sua reverência para com Cristo. Pois pela reverência que temos para com Deus nos basta tão-somente expor-lhe nossos defeitos, segundo o que está escrito no Salmo (Sl 37, 9): Senhor, diante de ti está todo o meu desejo. Porém, para nós, não nos corresponde perguntar como há de socorrer-nos Deus, pois como se diz em Romanos: Não sabemos o que havemos de pedir, como convém (Rm 8, 26). Por isso sua mãe expôs sensivelmente a necessidade dos outros: Não têm vinho.

3º A solicitude e diligência da Virgem, porque não a adiou até a extrema necessidade, mas começando a faltar o vinho, quer dizer, quando começava a faltar, conforme aquilo que se diz de Deus no Salmo: Defesa no tempo oportuno, na tribulação (Sl 9, 10).

Mas, por que não havia incitado anteriormente a Cristo a fazer milagres? Porque estava instruída pelo anjo acerca do poder de Cristo e havia confirmado isto por muitas coisas que havia visto fazer-se em torno d'Ele, e que ela havia guardado no seu coração. A razão era que anteriormente Jesus vivia como todo o mundo, e, não tendo visto um momento oportuno, adiou fazê-lo. Porém, agora, depois do testemunho de João e da conversão dos discípulos, provocou confiadamente a Cristo para que fizesse milagres, fazendo o ofício da sinagoga, que é mãe de Cristo; pois é familiar aos judeus pedir milagres, como diz São Paulo: Os judeus exigem milagres (1Cor 1, 22).

— In Joan. II

14 de janeiro: O vinho bom

> Todo o homem põe primeiro o bom vinho, mas tu, ao contrário, tiveste o bom vinho guardado até agora (Jo 2, 10).

I. Aqui há mistério. Porque figuradamente se diz que primeiro põe bom vinho o que, pretendendo enganar os outros, não propõe primeiro o erro

que pretende, mas sim, cativa aos ouvintes para, uma vez embriagados e arrastados ao consentimento de sua intenção, manifestar a perfídia. Assim trabalha o tentador. Deste vinho se lê nos Provérbios: Entra suavemente, mas no fim morde como uma serpente (Pr 23, 31-32).

Também se diz que alguém põe o bom vinho quando, havendo começado a viver santa e espiritualmente desde o princípio de sua conversão, degenera ao fim da vida carnal. A este respeito diz o Apóstolo: Sois vós tão insensatos que, tendo começado pelo espírito, acabais agora pela carne? (Gl 3, 3).

II. Mas Cristo não põe primeiro o bom vinho, porque a princípio propõe coisas amargas e duras: Que estreita é a porta, e que apertado o caminho que conduz à vida (Mt 7, 14). Porém, quanto mais avança o homem em sua fé e doutrina, tanto mais é adocicado e experimenta maior suavidade. Guiar-te-ei pelas veredas da eqüidade. Depois que tiveres entrado nelas, os teus passos não serão dificultados (Pr 4, 11-12).

Ademais, todos os que querem viver piedosamente em Cristo padecem amarguras e tribulações neste mundo: Em verdade, em verdade vos digo que vós haveis de chorar e gemer (Jo 16, 20). Porém, no futuro receberão deleites e alegrias, por isso se acrescenta: mas vossa tristeza se converterá em gozo. E São Paulo: Porque eu tenho por certo que os sofrimentos do tempo presente não têm proporção com a glória vindoura, que se manifestará em nós (Rm 8, 18).

— In Joan. II

15 de janeiro: O santíssimo nome de Deus

1º O nome de Deus é admirável porque faz maravilhas em todas as criaturas: Expulsarão os demônios em meu nome; falarão novas línguas; manusearão as serpentes; e, se beberem alguma coisa mortífera, não lhes fará mal (Mc 16, 17-18).

2º É um nome amável. Sob o céu, nenhum outro nome foi dado aos homens, pelo qual nós devamos ser salvos (At 4, 12). A salvação deve ser amada por todos. Temos o exemplo de Santo Inácio, o qual amou tanto o nome de Cristo que, tendo-lhe pedido Trajano que renegasse o nome de Cristo, respondeu que não podia apartá-lo de sua boca; e como Trajano lhe ameaçasse cortar a cabeça para arrancar assim o nome de sua boca, replicou: "Mesmo quando tirares da boca, jamais poderá arrancá-la do coração; pois tenho esse nome impresso em meu co ração, e por isso não posso cessar de invocá-lo". Trajano, ouvindo isso e desejando provar, mandou cortar a cabeça do servo de Deus e extrair-lhe o coração, e se viu que ali estava escrito em letras de ouro o nome de Cristo. Pois havia colocado este nome como um selo sobre seu coração.

3º É um nome venerável. Para que, ao nome de Jesus, se dobre todo o joelho no céu, na terra e no inferno (Fl 2, 10). No céu, quer dizer, os anjos e bemaventurados; na terra, isto é, os homens, que veneram pelo desejo da glória eterna ou por temor do Inferno; nos infernos, quer dizer, os condenados, que o fazem por temor.

4º É um nome inefável, inexplicável, porque todas as línguas desfalecem; e por isso às vezes é explicado pelas criaturas. Assim, por razão de sua firmeza, se lhe chama pedra: Sobre esta pedra edificarei a minha Igreja (Mt 16, 18); se diz fogo, porque purifica, pois assim como o fogo limpa os metais, do mesmo modo Deus purifica os corações dos pecadores; também se lhe chama luz, porque ilumina, pois assim como a luz dissipa as trevas, do mesmo modo o nome de Deus ilumina as trevas do espírito.

— Orat. Domini

Devemos saber que no nome de Deus se há de andar, orar, falar, agir, e esperar, como diz a Sagrada Escritura: Estes confiam nas suas carroças, e aqueles nos seus cavalos; nós, porém, invocaremos o nome do Senhor nosso Deus (Sl 19, 8); E tudo o que pedirdes ao Pai em meu nome, eu o farei (Jo 14, 13); Tudo o que fizerdes, em palavras ou por obras, fazei tudo em nome do Senhor Jesus Cristo (Cl 3, 17); Bemaventurado o homem cuja esperança é o nome do Senhor (Sl 39, 5).

Consideremos também que o nome de Jesus deve ser retido no coração,

porque é alegria; pronunciado com os lábios, porque é júbilo; escutado com o ouvido, porque é melodioso; levado na mão, porque é força; e escrito na fronte como uma honra.

Advertimos também que o nome de Deus tem muito poder. Pois nele tudo é criado, nele são afugentados os demônios, curadas todas as enfermidades, nele se justificam os pecadores, se alegram os tristes, são ajudados os tentados; nele se acrescenta a graça dos justos, nele se salvam todos os que foram chamados.

— Serm.

16 de janeiro: Três classes de vinho

Não têm vinho (Jo 2, 3).

Antes da Encarnação de Cristo chegaram a faltar três classes de vinho, a saber: o vinho da justiça, o da sabedoria e o da caridade ou da graça.

I. Posto que o vinho, pela força de seu gosto, limpa o paladar, a justiça se chama vinho. O samaritano pôs vinho e azeite nas feridas do espancado, isto é, severidade da justiça com a doçura da misericórdia (Lc 10, 34). No Salmo (Sl 59, 5) lê-se: Deste-nos a beber o vinho da amargura.

O vinho, ademais, alegra o coração, conforme o que está escrito no Salmo: E o vinho que alegra o coração do homem (Sl 103, 15). Por isto a sabedoria se diz vinho, pois a meditação da sabedoria alegra sobremaneira, como diz a Escritura: Sua conversação não tem nada de desagradável (Sb 8, 16).

O vinho, por outro lado, embriaga: Comei, amigos, e bebei, e embriagai-vos, caríssimos (Ct 5, 1). Por esta razão se chama vinho à caridade: Bebi o meu vinho com o meu leite (Ct 5, 1). Também à caridade se chama vinho por razão do fervor: O vinho que gera virgens (Zc 9, 17).

II. Faltava, efetivamente, o vinho da justiça na Lei antiga, na qual a

justiça era imperfeita. Porém, Cristo a aperfeiçoou. Se a vossa justiça não exceder a dos escribas e a dos fariseus, não entrareis no reino dos céus (Mt 5, 20).

Faltava também, nela, o vinho da sabedoria, pois tudo era enigmático e figurativo, como diz o Apóstolo: todas estas coisas lhes aconteciam em figura (1Cor 10, 11). Porém, Cristo a manifestou: Porque os ensinava, como quem tinha autoridade (Mt 7, 29).

Carecia assim mesmo do vinho da caridade, pois haviam recebido unicamente o espírito de servidão no temor. Porém, Cristo converteu a água do temor em vinho da caridade, quando deu o espírito de adoção de filhos, mercê do qual clamamos, dizendo: Abba (Pai) (Rm 8, 15); e quando a caridade de Deus está derramada em nossos corações (Rm 5, 5).

— In Joan. II

17 de janeiro: A vida de Cristo entre os homens

Depois de tais coisas, foi visto sobre a terra, e conversou com os homens (Br 3, 38).

A maneira de viver de Cristo devia ser tal que conviesse ao fim da Encarnação, segundo a qual veio ao mundo.

1º Veio para manifestar a verdade, como diz Ele mesmo: Nasci, e vim ao mundo para dar testemunho da verdade (Jo 18, 37). Por isso não devia ocultar-se, vivendo uma vida solitária, mas sim, apresentar-se em público pregando publicamente. Por isso, disse àqueles que o queriam prender: É necessário que eu anuncie também às outras cidades o reino de Deus, pois para isso é que fui enviado (Lc 4, 43).

2º Veio para libertar os homens do pecado, segundo o que está escrito: Jesus Cristo veio a este mundo salvar os pecadores (1Tm 1, 15). Por isso diz São João Crisóstomo: "Ainda que Cristo pudesse, permanecendo num mesmo lugar, atrair todos para si para que escutassem sua pregação, não fez isto, dando-nos exemplo, para que andemos e corramos em busca do

que perece, como o pastor busca a ovelha perdida e o médico se aproxima do enfermo".[23]

3º Veio para que tenhamos por Ele fácil acesso a Deus, como se diz em Romanos (Rm 5, 2). E, portanto, conversando familiarmente com os homens, foi conveniente que desse confiança aos homens para aproximarem-se dele. Por isso diz São Mateus: E aconteceu que, estando Jesus sentado à mesa em casa, eis que, vindo muitos publicanos e pecadores, se sentaram à mesa com Jesus e com os seus discípulos (Mt 9, 10). Explicando esta passagem diz São Jerônimo: "Os pecadores viram que o publicano, convertido de seus pecados a uma vida melhor, encontrou meio de fazer penitência, e por isto eles mesmos não desesperam de sua salvação".[24]

Cristo quis manifestar a divindade por meio de sua humanidade. E, por conseguinte, conversando com os homens, o que é próprio do homem, manifestou a todos sua divindade pregando e fazendo milagres, e vivendo inocente e justamente entre os homens.

— S. Th., IIIa, q. 40, a. 1

18 de janeiro: Cristo escolheu a vida ativa

I. A vida contemplativa, à qual corresponde sobremaneira a solidão, como diz Oséias (Os 2, 14): Conduzirei à solidão e lhe falarei ao coração, é absolutamente melhor que a ativa, que se ocupa dos atos corporais; porém, a vida ativa, segundo a qual se transmite a outros pelo ensinamento e a pregação o que foi contemplado, é mais perfeita que a vida somente contemplativa, porque tal vida pressupõe a abundância da contemplação, e por isso Cristo escolheu tal vida e viveu entre os homens.

II. No entanto, algumas vezes Cristo buscava os lugares solitários, apartando-se das multidões. Por isso diz São Remígio: "Lê-se que o Senhor teve três refúgios, a barca, o monte e o deserto, e sempre que era assediado pelas turbas se refugiava em alguns deles".[25]

O que Cristo fez, o fez para instrução nossa; e por isso, para dar exemplo aos pregadores, o Senhor se apartou às vezes das multidões. O qual, segundo se lê, foi feito por três motivos: algumas vezes para atender ao descanso corporal. Por isso lê-se que o Senhor disse aos seus discípulos: Vinde à parte, a um lugar solitário, e descansai um pouco. Porque eram muitos os que iam e vinham; e nem tinham tempo para comer (Mc 6, 31).

Outras vezes por causa da oração, por isso se diz (Lc 6, 12): E aconteceu naqueles dias que se retirou para o monte a orar, e estava passando toda a noite em oração a Deus. E disso diz Santo Ambrósio que "com seu exemplo nos instrui nos preceitos da virtude".

E, finalmente, para ensinar-nos a evitar o favor humano. Assim, a propósito daquilo escrito por São Mateus (Mt 5, 1): Vendo Jesus aquela multidão, subiu a um monte, diz São João Crisóstomo: "Ao não ter sentado na cidade nem na praça, mas sim no monte e só, nos ensinou a não fazer nada por ostentação, e a afastarmo-nos dos tumultos, e, sobretudo quando é necessário, discutir sobre coisas necessárias".[26]

— S. Th., IIIa, q. 40, a. 1, ad. 2 e 3

19 de janeiro: Cristo não devia levar uma vida austera

Veio o Filho do homem, que come e bebe (Mt 11, 19).

Era adequado ao fim da Encarnação que Cristo não vivesse uma vida solitária, mas sim que vivesse com os homens. Porém, é muito conveniente que o que vive com outros se adapte a seu modo de viver, segundo o Apóstolo: Fiz-me tudo para todos (1Cor 9, 22). Portanto, foi muito conveniente que Cristo comesse e bebesse em companhia, como fazem os demais homens.

O Senhor em sua vida deu exemplo de perfeição em tudo o que por si mesmo pertence à salvação. Mas a abstinência na comida e bebida não

pertence diretamente à salvação, segundo o que escreveu o Apóstolo: O reino de Deus não é comida nem bebida (Rm 14, 17). E Santo Agostinho diz que "não é culpável o uso de tais coisas, mas sim a paixão do que usa delas".[27]

Porém, ambas as vidas são lícitas e louváveis, a saber: a daquele que, segregado da comunidade dos homens, guarde abstinência, e a daquele outro que, vivendo em sociedade, viva uma vida comum. Por isso quis o Senhor dar exemplo aos homens de uma e de outra vida.

Como diz São João Crisóstomo: "Para que aprendas quão grande é o jejum e que poderoso escudo é contra o Diabo, e por que depois do Batismo não convém dar-se à lascívia, senão ao jejum, jejuou também Ele (Cristo), não porque necessitasse disso, mas para instruir-nos. Não foi no jejum mais longe do que Moisés e Elias, para que não parecesse inverossímil que se havia encarnado em carne humana".[28]

No entanto, não sem motivo, Cristo, depois de ter jejuado no deserto, voltou à vida comum. Pois convinha ao gênero de vida, segundo o qual alguém ensina aos outros as coisas contempladas, gênero de vida que se diz ter tomado Cristo, com o fim de dedicar-se primeiro à contemplação e depois à ação pública, convivendo com os demais. Por isso diz São Beda: "Cristo jejuou para não se furtar do preceito; comeu com os pecadores para que tu reconhecesses o poder ao ver a graça".[29]

— S. Th., IIIa, q. 40, a. 2

20 de janeiro: Cristo devia levar uma vida pobre

Lê-se em São Mateus: O Filho do homem não tem onde reclinar a cabeça (Mt 8, 20), como se dissesse, segundo São Jerônimo: "Por que desejas seguir-me por causa das riquezas e lucros do século, sendo tamanha a minha pobreza que não tenho sequer um pequeno alber gue, e uso de teto alheio?".[30] E sobre isto de São Mateus (Mt 17, 26): Para que não os

escandalizemos, vai ao mar, diz São Jerônimo: "Entendido isto, sensivelmente edifica o ouvinte, quando ouve que o Senhor foi tão pobre que não teve com que pagar o tributo seu e de seu Apóstolo (Pedro)".

I. Foi conveniente que Cristo levasse vida pobre neste mundo:

1º Porque isto era favorável ao ministério da pregação, para a qual diz ter vindo: Vamos para outra parte, para as aldeias vizinhas, a fim de que eu também lá pregue, pois para isso é que vim (Mc 1, 38). É necessário que os pregadores da palavra de Deus estejam totalmente livres dos cuidados das coisas mundanas, para entregar-se totalmente à pregação; o que não podem fazer os que possuem riquezas. Por esta razão, o mesmo Senhor, ao enviar os seus Apóstolos para pregar, lhes diz: Não queirais trazer nas vossas cinturas nem ouro, nem prata, nem dinheiro (Mt 10, 9). E os mesmos Apóstolos dizem: Não é conveniente que nós deixemos a palavra de Deus para servir à mesa (At 6, 2).

2º Porque assim como tomou a morte corporal para dar-nos vida espiritual, assim suportou a pobreza corporal para dar-nos as riquezas espirituais, conforme aquilo que escreve o Apóstolo: Porque é conhecida de vós a liberalidade de Nosso Senhor Jesus Cristo, que, sendo rico, se fez pobre por vós, a fim de que fôsseis ricos pela sua pobreza (2Cor 8, 9).

3º Por temor de que, se possuísse riquezas, se atribuísse à cobiça. Por isso diz São Jerônimo acerca dessas palavras: Não queirais trazer ouro (Mt 10, 9). "Se seus discípulos houvessem tido riquezas, pareceria que não pregavam por causa da salvação dos homens, mas sim, por causa do lucro", e a mesma razão vale para Cristo.

4º Para que se manifeste tanto maior a virtude de sua divindade, quanto mais abjeta parecia sua pobreza. Por isso se diz no sermão do Concílio de Éfeso:[31] "Escolheu todo o pobre e vil, todo o medíocre e, muitas vezes, obscuro, para que se conhecesse que sua divindade havia transformado o mundo; por isso escolheu uma mãe pobre, uma pátria mais pobre, e careceu de dinheiro, e isto te ensina o presépio".

— S. Th., IIIa, q. 40, a. 3

II. Não foi conveniente que Deus, encarnado, levasse neste mundo vida

opulenta e sublimada por honras e dignidades.

1º Porque havia vindo para afastar do terreno e elevar ao divino as mentes dos homens entregues às coisas terrenas. Foi, por conseguinte, necessário arrastar com seu exemplo os homens ao desprezo das riquezas e das demais coisas que ambicionam os mundanos, e para que aqueles levassem neste mundo vida de escassez e de privações.

2º Porque se houvesse abundado em riquezas e se houvesse situado em alguma dignidade suprema, se haveria atribuído o que fez divinamente mais ao poder mundano que à virtude da divindade. Por esse motivo foi prova eficacíssima de sua divindade o haver melhorado todo o mundo sem o concurso do poder secular.

— S. contra Gent., l. IV, cap. 54

21 de janeiro: Cristo viveu neste mundo de acordo com a Lei Mosaica

Lê-se em São Mateus: Não julgueis que vim abolir a lei ou os profetas; não vim (para os) abolir, mas sim (para os) cumprir (Mt 5, 17). Expondo essa passagem São João Crisóstomo diz: "Cumpriu a Lei: 1º não quebrando nenhuma observância legal; 2º justificando pela fé o que não podia fazer a Lei tomada à letra".[32]

Cristo viveu em tudo conforme os preceitos da Lei. Como prova disso quis também ser circuncidado; pois a circuncisão é certa promessa de observar a Lei, segundo diz o Apóstolo: Declaro a todo o homem que se circuncida que está obrigado a guardar toda a lei (Gl 5, 3).

Quis Cristo viver conforme a Lei: 1º para aprovar a Lei antiga; 2º para consumá-la e terminá-la em si mesmo observando-a, demonstrando que a Lei estava ordenada a ele mesmo; 3º para tirar dos judeus a ocasião de caluniá-lo; 4º para libertar os homens da servidão da Lei, de acordo com

estas palavras: Mas quando chegou a plenitude do tempo, Deus enviou seu filho, feito da mulher, feito sob a lei, a fim de que remisse aqueles que estavam sob a lei (Gl 4, 4-5).

É certo que Cristo curou um homem no sábado e lhe ordenou que tomasse seu leito, por isso diziam os judeus: Este homem, que não guarda o sábado, não é de Deus (Jo 9, 16). Porém, o Senhor se justifica de três maneiras ao não cumprir a Lei nesse ponto:

1º Porque o preceito da santificação do sábado não proíbe as obras divinas, mas sim as obras humanas. Pois ainda que Deus tivesse cessado de criar novas criaturas no sétimo dia, não obstante trabalha sempre na conservação e governança das coisas. No entanto, os milagres de Cristo eram obra divina. Por isso ele mesmo diz: Meu Pai não cessa de operar, e eu opero também (Jo 5, 17).

2º Porque o dito preceito não proíbe as obras que são de necessidade, mesmo para a saúde corporal. Por esse motivo diz ele mesmo: Cada um de vós não desata em dia de sábado seu boi ou seu asno do estábulo para os levar a beber? (Lc 13, 15); Quem de entre vós que, se o seu filho ou o seu boi cair num poço, o não tirará logo ainda que seja em dia de sábado? (Lc 14, 5). É evidente que as obras dos milagres que Cristo fazia pertenciam à saúde do corpo e da alma.

3º Porque aquele preceito não proíbe as obras que pertencem ao culto de Deus.

— S. Th., IIIa, q. 40, a. 4

22 de janeiro: Humildade e obediência de Cristo

Humilhou-se a si mesmo fazendo-se obediente até à morte, e morte de cruz (Fl 2, 8).

I. Como prova de humildade Cristo quis padecer morte de cruz. É verdade que a humildade não cabe em Deus, pois a virtude da humildade consiste em que alguém se contenha dentro de seus próprios limites, não

estendendo-se a coisas que estão sobre si, mas sim se submetendo ao superior; por isso é evidente que a humildade não pode convir a Deus, o qual não tem superior, porque é Ele que está sobre todas as coisas. Mas se alguém por humildade se submete alguma vez a um igual ou inferior é porque em alguma medida considera superior a si o que é simplesmente igual ou inferior.

Assim, pois, mesmo quando a Cristo não lhe corresponde a virtude da humildade, por causa de sua natureza divina, corresponde-lhe, no entanto, segundo sua natureza humana, e sua humildade é mais digna de louvor por causa de sua divindade; pois a dignidade da pessoa se soma para louvor da humildade, quando, por exemplo, por alguma necessidade, convém que uma pessoa grande padeça misérias. Pois bem, nenhuma dignidade humana é comparável à de Deus.

Por conseguinte, a humildade do homem-Deus é tanto mais digna de louvor, ao sofrer a abjeção que ele jugou útil padecer pela salvação dos homens. Os homens, com efeito, por sua soberba, eram amantes da glória mundana. Assim, portanto, para desapegar o coração dos homens deste amor da glória mundana e fazer-lhos amar a glória divina, quis Cristo padecer a morte, e não uma morte qualquer, senão a mais abjeta. Pois há alguns que, mesmo não temendo a morte, aborrecem-se de uma morte ignominiosa; mas para desprezar esta mesma morte vergonhosa, o Senhor animou aos homens com o exemplo da sua.

E ainda se podia ensinar a humildade aos homens com as palavras divinas, no entanto, os feitos são mais eficazes que as palavras para mover a ação;[33] e com tão maior eficácia movem os feitos, quanto mais certo se está da excelência daquele que os dá. Daí que, ainda quando se encontrassem muitos exemplos de humildade na vida de outros homens, foi, não obstante, muito conveniente que fossem incitados pelo exemplo do homem-Deus, do qual consta que não pôde errar, e cuja humildade é tanto mais admirável quanto sua majestade é mais sublime.

II. O Filho de Deus, encarnado, sofreu morte para obedecer a ordem de seu Pai, segundo a doutrina do Apóstolo. Pois existe preceito de Deus aos homens de praticar a virtude; e quanto mais perfeitamente alguém executa

um ato virtuoso, tanto mais obedece a Deus; mas entre as virtudes a principal é a caridade, à qual se destinam todas as outras. Por isso, exercitando Cristo perfeitamente o ato de caridade, foi obediente em grau máximo a Deus; pois nenhum ato de caridade é mais perfeito que sofrer a morte por amor de alguém, como diz o mesmo Senhor: Não há maior amor do que dar a própria vida pelos seus amigos (Jo 15, 13). Por conseguinte, ao sofrer Cristo a morte pela salvação dos homens e glória de seu Pai, foi perfeitamente obediente executando o ato perfeito de caridade.

— S. contra Gent., l. IV, cap. 55

23 de janeiro: Os esponsais da Santíssima Virgem Maria

Ora, o nascimento de Jesus Cristo foi deste modo: estando Maria, sua mãe, desposada com José, achou-se ter concebido (por obra) do Espírito Santo, antes de coabitarem (Mt 1, 18).

I. Existiu verdadeiro Matrimônio? Deve contestar-se afirmativamente, porque ali existiram os três bens do Matrimônio, a saber: a prole, o próprio Deus; a fidelidade, pois não existiu nenhum adultério; e sacramento, porque houve união indissolúvel das almas.

Porém, como existiu o Matrimônio? Porque o voto impede contrair Matrimônio. De modo que a Santíssima Virgem fez voto de virgindade, parece que não se deu verdadeiro Matrimônio. Deve dizer-se que (Maria) se sentia angustiada por duas coisas: por um lado, lhe angustiava a maldição da Lei a que estava sujeita a mulher estéril; por outra parte, o propósito de guardar a castidade; e por isso não se crê que, antes de desposar-se com José, houvesse feito voto absoluto de virgindade, senão unicamente sob a condição de agradar a Deus; e mesmo quando houvesse tido o desejo, não obstante, submeteu sua vontade acerca disto ao árbitro divino. Porém, depois, uma vez que tomou-o por esposo, conforme ao que exigiam os costumes daqueles tempos, e depois que teve conhecimento que isto era agradável a Deus, de comum acordo fez com José voto absoluto de virgindade, e isto precisamente antes do anúncio do anjo, pois

respondeu a este: Como se fará isto, se não conheço varão? (Lc 1, 34), o que não teria dito com verdade se primeiro não houvesse dedicado sua virgindade a Deus.

— In Matth., I, e S. Th., IIIa, q. 28, a. 4

II. Foi conveniente que Cristo nascesse de uma virgem desposada, seja por causa dele mesmo, seja por causa de sua mãe, seja por causa de nós.

Por causa do próprio Cristo: 1º para que não fosse rechaçado pelos infiéis como nascido ilegitimamente; 2º para que, segundo a forma acostumada, se descrevesse sua genealogia pela linha masculina; 3º para tutela do menino nascido, a fim de que o Diabo não procurasse causar dano contra Ele com maior violência; por isso diz Santo Inácio que ela se desposou para ocultar o parto ao Diabo; 4º para que fosse alimentado por São José, que por isso foi chamado seu pai nutrício.

Por causa da Virgem: 1º porque por isto se fez livre da pena, isto é, para que não fosse apedrejada pelos judeus; 2º para livrar-se da infâmia; preferiu o Senhor que alguns duvidassem de sua origem a que duvidassem do pudor da mãe, pois sabia que o recato da virgem é delicado, e julgou que seu nascimento não devia causar injúria à fidelidade da mãe; 3º para que São José a ajudasse, seja quando fugisse para o Egito, seja depois de regressar de lá.

Foi conveniente para nós: 1º porque pelo testemunho de José foi provado que Cristo nasceu de uma virgem, por isso diz Santo Ambrósio:[34] "Como testemunha mais eloqüente do pudor de Maria está seu esposo, o qual poderia queixar-se da injúria e vingar o opróbrio, se não conhecesse o mistério"; 2º porque as mesmas palavras da Virgem Mãe, que testemunham sua virgindade, se fazem mais credíveis; posto que a desposada não teve motivo para mentir, já que o prêmio do Matrimônio e a graça das núpcias é a fecundidade das mulheres; 3º porque com isto se simboliza toda a Igreja, que sendo virgem, se desposou, no entanto, com um só varão, Cristo. Pode haver, ademais, outro motivo para que a mãe do Senhor fosse desposada e virgem, para que em sua pessoa fossem honradas a virgindade e o Matrimônio, contra os hereges que atacaram a uma e a outro.

— S. Th., III[a], q. 29, a. 1

24 de janeiro: A graça infinita de Cristo

Com efeito, aquele que Deus enviou fala a linguagem de Deus, porque Deus não lhe dá o Espírito por medidas (Jo 3, 34).

Uma coisa se dá a alguém para que a possua. Possuir o Espírito Santo convém a Cristo enquanto Deus e enquanto homem. Enquanto homem, porque ele santifica; enquanto Deus, manifestando que o Espirito Santo procede d'Ele; e dos dois modos Cristo possui o Espírito Santo sem medida.

Em Cristo se dá uma tríplice graça: graça de união, graça habitual, que é pessoal ao indivíduo, e graça capital, que é um poder de influência; e Cristo as recebeu todas sem medida.

A graça de união se dá a Cristo, na medida que a natureza humana de Cristo está unida à pessoa do Filho de Deus. E como a natureza divina é infinita, segue-se que pela mesma união recebeu um dom infinito.

A graça habitual se entende na medida que a alma de Cristo esteve cheia de graça e de sabedoria. Diz-se que Cristo a recebeu sem medida por três razões:

1º Por parte daquele que a recebe. Quando a uma natureza não se lhe dá o bem divino segundo a capacidade natural de sua espécie, se diz que se lhe deu com medida; porém, mesmo quando está cheia de sua capacidade natural, não parece que se lhe dá com medida; porque ainda existe medida por parte do recipiente, não a há, no entanto, por parte do doador, se está disposto a dá-lo todo. Se alguém vai tirar água do rio com uma vasilha, encontra água sem medida, ainda que a tire com medida por causa da capacidade limitada da vasilha.

2º Por parte do dom recebido. A graça habitual de Cristo, finita segundo sua essência, se diz haver sido recebida sem término nem medida, porque

Cristo recebeu tudo o que pôde pertencer à essência da graça. Nenhum outro recebe tudo, senão um de uma maneira e o outro de outra.

3º Por parte da causa. Uma causa contém de certo modo o efeito. Logo, todo ser que tem uma causa de um poder infinito de influência, se diz que possui sem medida aquilo que ele influi, de algum modo, infinitamente. Se alguém, por exemplo, possuísse uma fonte que pudesse dar água em quantidade infinita, se poderia dizer que tem água infinitamente e sem medida. Do mesmo modo a alma de Cristo possui graça infinita e sem medida, por que possui o Verbo unido a ela, Verbo o qual é princípio infinito e inesgotável de toda emanação das criaturas.

Aqui se vê que a graça de Cristo chamada capital é infinita quanto ao poder de influência. Porque possui sem medida o princípio de efusão dos dons do Espírito Santo, recebeu virtude de derramá-los sem medida, de modo que basta a graça de Cristo, não só para a salvação de alguns homens, senão para os homens do mundo inteiro, e mesmo de muitos mundos, se existissem.

— In Joan. III

25 de janeiro: Conversão do Apóstolo São Paulo

> Mas o Senhor disse: Vai, porque este homem é para mim um instrumento escolhido, que levará meu nome diante das nações, dos reis e dos filhos de Israel (At 9, 15).

I. Que classe de vaso pode haver sido o Bemaventurado Paulo se deduz do que diz o Eclesiástico: Como vaso de ouro maciço, ornado de toda casta de pedras preciosas (Eclo 50, 10). Foi vaso de ouro pelo fulgor de sua sabedoria: E o ouro deste país é ótimo (Gn 2, 12). Foi sólido pela virtude da caridade, como ele mesmo diz: Porque estou certo que nem a morte, nem a vida […] nos poderá separar do amor de Deus (Rm 8, 38-39). Esteve adornado de todas as pedras preciosas, isto é, de todas as virtudes.

Também se deduz que classe de vaso foi por tudo o que derramou, pois ensinou os mistérios da excelentíssima divindade que pertencem à

sabedoria. Recomendou de modo acabado a caridade, e instruiu os homens nas diversas virtudes.

II. Os vasos estão destinados de ordinário para conservar líquidos. Há diversidade de vasos; uns são para o vinho, outros para o azeite, e outros para outros líquidos; assim também os homens foram preenchidos de graças distintas, como de diversos licores.

Mas este vaso, de que agora se trata, esteve cheio de licor precioso, quer dizer, do nome de Cristo, do qual se lê no Cântico dos Cânticos: o teu nome é como um aroma que se difunde (Ct 1, 2). Por isso se diz: Para levar meu nome (At 9, 15). Com efeito, parece que São Paulo esteve todo cheio deste nome; pois sua inteligência esteve cheia dele, segundo está escrito: Julguei \não saber coisa alguma entre vós, senão a Jesus Cristo (1Cor 2, 2). Também seu coração esteve cheio dele, como se lê na Epístola aos Romanos: Quem nos separará, pois, do amor de Cristo? (Rm 8, 35). Toda sua vida esteve impregnada dele, por isso dizia: Eu já não mais vivo, mas é o Cristo que vive em mim (Gl 2, 20).

III. Quanto ao uso, sabemos que todos os vasos têm um destino mais ou menos honroso, ou mais ou menos vil. Porém, este vaso de que falamos foi destinado a um uso nobre, pois é portador do nome divino: para que leve meu nome.

São Paulo levou o nome de Cristo: 1º, em seu corpo, imitando sua vida e Paixão: porque eu trago no meu corpo as marcas do Senhor Jesus (Gl 6, 17); 2º, na boca: nomeia em suas epístolas com muita freqüência a Cristo, porque da abundância do coração fala a boca. Por isso pode simbolizar-se pela pomba da arca: a qual voltou a ele pela tarde, trazendo no bico um ramo de oliveira com as folhas verdes (Gn 8, 11). A oliveira significa misericórdia, e por isso adequadamente o ramo de oliveira simboliza o nome de Jesus que simboliza também misericórdia: E dará à luz um filho, ao qual porás o nome de Jesus, porque ele salvará o seu povo dos seus pecados (Mt 1, 21). Paulo levou esse ramo de folhas verdes para a arca, quer dizer, a Igreja, quando executou freqüentemente seu poder e sua missão, pregando a graça e a misericórdia de Cristo.

IV. Quanto à utilidade, uns vasos são inúteis pelo pecado ou pelo erro.

Porém, São Paulo esteve isento de pe cado e de erro. Por isso foi vaso útil de eleição. A utilidade ou fruto deste vaso se expressa quando se diz: levará meu nome diante das nações, dos reis e dos filhos de Israel (At 9, 15).

— In prolog. ad Rom.

26 de janeiro: Sacerdócio de Cristo

Tendo nós, pois, aquele grande pontífice, que penetrou nos céus, Jesus, filho de Deus: conservemos a nossa confissão (Hb 4, 14).

I. Cristo é sacerdote.

O ofício próprio do sacerdote é ser mediador entre Deus e o povo, porquanto entrega ao povo as coisas divinas e por isso se lhe chama sacerdote, que quer dizer, em certo sentido, aquele que dá as coisas sagradas (sacra dans), segundo as palavras de Malaquias: da sua boca é que os mais buscarão (Ml 2, 7), isto é, do sacerdote. Ademais, enquanto oferece a Deus as orações do povo e satisfaz a Deus, de certo modo, por seus pecados. Por isso diz São Paulo: Porque todo o pontífice levantado de entre os homens é constituído a favor dos homens naquelas coisas que se referem a Deus, para que ofereça sacrifícios pelos pecados (Hb 5, 1).

Isto convém principalmente a Cristo, porque por ele foram oferecidos a todos os homens os dons divinos, como diz o Apóstolo São Pedro: Pelo qual (por Cristo) nos têm dado muitas e preciosas promessas: para que por elas sede feitos participantes da natureza divina (2Pd 1, 4). Também ele mesmo reconciliou com Deus o gênero humano conforme o que está escrito: porque foi do agrado do Pai que residisse nele toda a plenitude (Cl 1, 19). Logo, compete muitíssimo a Cristo ser sacerdote.

II. É ao mesmo tempo sacerdote e hóstia.

Todo sacrifício visível é sacramento, isto é, signo sagrado de um sacrifício invisível. O sacrifício invisível é aquele pelo qual o homem oferece a Deus seu espírito, como diz Davi: O meu sacrifício, Ó Deus, é

um espíri to contrito (Sl 50, 19), portanto tudo o que representa a Deus, para que o espírito do homem seja elevado a Deus, pode ser chamado sacrifício. E o homem necessita do sacrifício por três razões.

1º Para a remissão do pecado, pelo qual o homem se afasta de Deus, e por isso diz o Apóstolo que ao sacerdote pertence oferecer dons e sacrifícios pelos pecados (Hb 5, 1).

2º Para que o homem se conserve no estado de graça, unido sempre a Deus, em quem está a sua paz e salvação; razão pela qual também se imolava na antiga Lei a vítima pacífica pela salvação dos que a ofereciam.

3º Para que o espírito do homem se una perfeitamente a Deus, o que ocorrerá principalmente na glória. Por isso na Lei antiga se oferece o holocausto, que era consumido inteiramente no fogo.

Todos estes bens nos vieram pela humanidade de Cristo.

1º Nossos pecados foram destruídos; como diz São Paulo: Foi entregue por nossos pecados (Rm 4, 25).

2º Por ele recebemos a graça que nos salva, segundo o que está escrito: tornou-se a causa da salvação eterna para todos os que lhe obedecem (Hb 5, 9).

3º Por ele alcançamos a perfeição da glória: Portanto, irmãos, tende confiança de entrar no santuário pelo sangue de Cristo (Hb 10, 19).

Portanto, Cristo, enquanto homem, não somente foi sacerdote, senão também hóstia pacífica e holocausto.

— S. Th., IIIa, q. 22, a. 1 e 2

27 de janeiro: Síntese da pregação de Cristo

O Verbo do eterno Pai, que compreende em sua imensidade todas as

coisas, para voltar a levar à excelência da glória divina o homem apequenado pelos pecados, quis fazer-se pequeno, tomando nossa pequenez, sem depor sua majestade.

E para que ninguém se escuse de receber a doutrina da palavra celestial, que havia entregado aos estudiosos ampla e claramente por meio dos volumes da Sagrada Escritura, compendiou brevemente sua doutrina da salvação humana em favor dos ocupados nos cuidados da vida.

A salvação humana consiste em conhecer a verdade, para que não seja obscurecido o entendimento humano pelos diversos erros; em prosseguir para o seu verdadeiro fim, cuidando que, seguindo fins indevidos, não se aparte da verdadeira felicidade; na observância da justiça, para que não se manche com os diversos vícios. Cristo condensou em alguns breves artigos de fé o conhecimento da verdade, necessária para a salvação humana. Daí que diga o Apóstolo: Porque Deus cumprirá a sua palavra com justiça plena e prontamente sobre a terra (Rm 9, 28); perto está a palavra em sua boca e em seu coração (Rm 10, 8).

Quanto à intenção humana, ele a retificou por uma breve oração, na qual, para ensinar-nos a orar, nos mostrou como deve dirigir-se nossa intenção e nossa esperança. Quanto à justiça humana, que consiste em observar a Lei, a resumiu no preceito único da caridade: A caridade é o cumprimento da lei (Rm 13, 10).

O Apóstolo ensinou também que toda a perfeição da vida presente consiste na fé, esperança e caridade, como em três capítulos abreviados de nossa salvação dizendo: Agora permanecem três coisas: a fé, a esperança e a caridade (1Cor 13, 13). Por isso diz Santo Agostinho que em três coisas é honrado Deus.

A reta razão requer a reta ordem, porque o amor não pode ser reto se com anterioridade não se estabelece o devido fim de nossa esperança; e isto não é possível sem o co nhecimento da verdade. Assim, a fé, que nos é necessária para conhecer a verdade, ocupa o primeiro lugar; logo a esperança, pela qual se orienta nosso desejo ao devido fim; e por último é necessária a caridade, pela qual se ordena totalmente o amor.

— Ad. Regin.

28 de janeiro: O poço deleitoso

Disse-lhe a mulher: Senhor, tu não tens com que a tirar e o poço é fundo; onde tens essa água viva? (Jo 4, 11).

I. Pela altura ou profundidade do poço se entende a profundidade da Sagrada Escritura e da sabedoria divina: É grande a sua profundidade, quem a sondará? (Ecl 7, 25). A bomba com que se tira a água da sabedoria salvadora é a oração: Se algum de vós necessita de sabedoria, pede-a a Deus (Tg 1, 5).

O poço da doutrina sagrada se recomenda por três razões: por sua grande autoridade, já que é dada pelo Espírito Santo; por sua doçura e suavidade: Quão doces são tuas palavras ao meu paladar (Sl 118, 103); por sua fertilidade e fecundidade, porque não só se comunica aos sábios, mas também aos ignorantes.

II. Propriedades da sagrada doutrina.

É água corrente. Quando diz: virá a ser nele uma fonte de água que saltará para a vida eterna (Jo 4, 14), demonstra que sua doutrina é água viva pelo movimento mesmo da água. Por isso diz que é fonte que corre: o ímpeto do rio alegra a cidade de Deus (Sl 45, 5).

É água ascendente. Um é o curso da água material, isto é, para baixo; e outro o desta água espiritual, pois se dirige para cima. Por esse motivo diz: a água material não tira a sede; porém a água que eu dou, não somente tira a sede, senão que é viva, porque está unida à fonte. Por isso diz: far-se-á nele uma fonte.

É água que sobe até o céu. Virá a ser nele uma fonte de água que saltará para a vida eterna (Jo 4, 14). Uma fonte que leva à vida eterna através das boas obras. Por isso diz: da água que jorrará, isto é, que faz jorrar até a vida eterna, onde não há sede. E em outro lugar diz o mesmo Evangelista:

Àquele que crê em mim, como disse a Escritura, correrá de seu ventre (quer dizer, bons desejos) rios de água viva (Jo 7, 38). E o Profeta Daniel: Em ti está a fonte da vida (Sl 35, 10), o Espírito Santo, que é espírito de vida.

— In Joan., IV

29 de janeiro: Deveres para com o Verbo de Deus

I. Se o Verbo de Deus é o Filho de Deus, e se todas as palavras de Deus guardam certa semelhança com mesmo Verbo, devemos antes de tudo escutar com agrado as palavras de Deus; pois é sinal de que amamos a Deus, se escutamos com gosto suas palavras.

1º Devemos crer nas palavras de Deus, porque por elas o Verbo de Deus habita em nós, quer dizer, Cristo, que é o Verbo de Deus: Para que Cristo habite pela fé em vossos corações (Ef 3, 17), e não tereis em vós permanente a sua palavra, porque não credes no que ele enviou (Jo 5, 38).

2º É necessário que meditemos continuamente no Verbo de Deus, que vive em nós, pois não só é necessário crer, senão, ademais, meditar; de outra maneira, não nos serviria de nada. Esta meditação é muito eficaz contra o pecado: No meu coração escondi tuas palavras para não pecar contra ti (Sl 118, 11); e em outro lugar se diz do varão justo: E na sua lei medita dia e noite (Sl 1, 2). Por isso se diz da Santíssima Virgem que guardava todas essas coisas em seu coração (Lc 2, 51).

3º É necessário que o homem comunique a outros a palavra de Deus, aconselhando, pregando e inflamando. Por isso diz o Apóstolo: Nenhuma palavra má saia da vossa boca, senão só a que seja boa para edificação da fé, de maneira que dê graça aos que ouvem (Ef 4, 29); A palavra de Cristo more em vós outros abundantemente em toda a sabedoria, ensinando-vos e admoestando-vos uns aos outros (Cl 3, 16); e por último: que pregues a palavra, que instes a tempo e fora de tempo, que repreendas, rogues,

admoestes com toda a paciência e doutrina (2Tm 4, 2).

4º A palavra de Deus deve ser levada à prática, como diz a Escritura: Sede, pois, praticantes da palavra, e não somente ouvintes, enganando-vos a vós mesmos (Tg 1, 22).

II. Estes cinco deveres cumpriu em sua ordem a Santíssima Virgem Maria quando engendrou o Verbo de Deus em si mesma. Porque primeiro escutou: O Espírito Santo virá sobre ti (Lc 1, 35). Em segundo lugar, consentiu pela fé: Eis aqui a escrava do Senhor (Lc 1, 38). Em terceiro lugar, o teve e levou em suas entranhas. Em quarto lugar, lhe deu a luz. Por último, o nutriu e amamentou, como canta a Igreja: ao Rei dos anjos somente a Virgem amamentou, cujo peito enchia o céu.[35]

— Opusc. VII, in symb.

30 de janeiro: Observância da palavra de Deus

I. Se alguém ouve as minhas palavras e não as guarda, não o condenarei (Jo 12, 47).

Deve-se advertir que são bem-aventurados os que ouvem a palavra de Deus e a guardam, crendo-a interiormente no coração e praticando-a exteriormente com as obras. Mas os que a ouvem e não procuram praticá-la, se fazem por isso mais culpáveis: Não são justos perante Deus aqueles que ouvem a lei, mas os seus praticantes serão justificados (Rm 2, 13). E São Tiago: Sê, pois, praticantes da palavra e não somente ouvintes (Tg 1, 22).

Se alguém ouve as minhas palavras e não as guarda, não o condenarei (Jo 12, 47). De duas maneiras pode dizer-se que alguém condena a um outro; ou como juiz ou como causa de condenação. Pois não somente condena o homicida o juiz que dita a sentença, senão também que lhe condena o próprio homicídio perpetrado, que é causa de sua condenação. Assim, pois, diz Jesus: Eu não te julgo, quer dizer, não sou eu causa de

condenação, senão ele mesmo. Por isso diz Oséias: Tua perdição, Israel, está em ti; só em mim o teu socorro (Os 13, 9). E isto, precisamente, porque não vim para julgar o mundo, mas para salvá-lo (Jo 12, 47), isto é, não fui enviado para condenar, mas para salvar.

II. Quem me despreza e não recebe as minhas palavras tem quem o julgue (Jo 12, 48). Como se dissesse: os que não guardam minhas palavras, crendo e praticando, não ficarão impunes, quem quer que seja. A razão se funda em que, se não recebem a palavra de Deus, desprezam o dito por Deus, cujo Verbo é ele mesmo, como o que não obedece o mando de seu senhor. E diz Jó: Fugi da espada (de Deus), porque a espada é vingadora das iniqüidades, e sabei que há uma justiça (Jó 19, 29).

III. A palavra que anunciei, esta o julgará no último dia (Jo 12, 48). O que equivale a dizer, segundo Santo Agostinho: Sou Eu o que jugará. Porque Cristo aludiu a si mesmo em seus discursos, e se anunciou a si mesmo. Pois Ele é a palavra que falou, e que falou de si mesmo, como diz São João: Embora dê testemunho de mim mesmo, o meu testemunho é digno de fé, porque sei de onde vim e para onde vou (Jo 8, 14). Como se dissesse: o mesmo que lhes falei e que, no entanto, eles desprezaram, esse mesmo lhes julgará.

— In Joan. XII

31 de janeiro: Utilidade de meditar os mistérios de Cristo

Meditei todas as tuas obras (Sl 152, 5).

I. As coisas da divindade são por si mesmas as que mais excitam o amor e, por conseguinte, a devoção, porque se deve amar a Deus sempre sobre todas as coisas; porém, a debilidade do espírito humano faz que, assim como necessita de guia para o conhecimento das coisas divinas, da mesma maneira deve ser conduzido ao amor pelo conhecimento das coisas sensíveis, entre as quais a principal é a humanidade de Cristo, segundo o

que se diz no Prefácio:[36] Para que conhecendo visivelmente a Deus, por ele (por Cristo) sejamos levados ao amor das coisas invisíveis. Por conseguinte, as que pertencem à humanidade de Cristo, de certo modo nos tomam pela mão, excitam em nós muito particularmente a devoção, e freqüentemente maior devoção se desperta a partir da consideração da Paixão de Cristo, e dos outros mistérios da humanidade, do que da consideração da divina grandeza; apesar de que a devoção consiste principalmente nos mistérios divinos.

— S. Th., IIa IIae, q. 82, a. 3 ad 2

II. Cristo dizia aos Apóstolos depois de lavar-lhes os pés: Sabeis o que vos fiz? (Jo 13, 12); como se dissesse: Certamente vês minhas ações, porém ignorais, no entanto, por que fiz isto. Pergunta, portanto, para mostrar a grandeza do feito, e mover a meditar nisto.

Os feitos de Deus devem ser meditados por causa de sua profundidade, como diz o Salmo (Sl 91, 6): Quão magníficas são tuas obras, Senhor! Muito profundos são os teus pensamentos. Apenas podemos conhecer suficientemente as ações de Deus, segundo aquilo do Eclesiastes: verifiquei em toda a obra de Deus que o homem nada pode descobrir do que se faz debaixo do sol (Ecl 8, 17).

Sua meditação é agradável: Pois vós me alegrais, Senhor, com vossos feitos, e exulto com as obras de vossas mãos (Sl 91, 5).

Sua meditação é útil, porque leva ao conhecimento de seu autor: as obras que o Pai me deu para executar, essas mesmas que faço, testemunham a meu respeito que o Pai me enviou (Jo 5, 36).

— In. Joan. XIII

III. Se alguém considera com intenção piedosa a conveniência da Paixão e Morte de Cristo, encontrará tanta profundidade de sabedoria, que sempre se lhe apresentarão coisas novas e mais elevadas, e por experiência verá quanta verdade há no que diz o Apóstolo: Nós pregamos o Cristo crucificado, que é escândalo para os judeus e loucura para os gentios; mas para os que são chamados, tanto judeus como gentios, pregamos a Cristo, virtude de Deus e sabedoria de Deus (1Cor 1, 23-24); e mais adiante: Pois

a loucura de Deus é mais sábia do que os homens (1Cor 1, 25).

— Contra Sarracenos

1 de fevereiro: Jesus chama à porta

Eis que estou à porta e bato (Ap 3, 20).

Eis que estou, à espera da penitência. Esperai o Senhor, para que tenha misericórdia de vós (Is 30, 18). E no Cântico dos Cânticos: Ei-lo que está atrás de nossa parede (Ct 2, 9). À porta do coração, que é o livre-arbítrio. Nenhum de vós transporá o limiar da sua casa até pela manhã (Ex 12, 22). Esta porta está fechada, enquanto o homem tem vontade de pecar, de modo que o senhor não pode entrar, pois como diz o livro da Sabedoria: Na alma maligna não entrará a sabedoria (Sb 1, 4).

E chamo, inspirando, flagelando, pregando, e concedendo benefícios: Eis a voz do meu amado. Ele bate. Abre-me minha irmã, minha amada (Ct 5, 2).

Se alguém me ouvir (Ap 3, 20), quer dizer, com um ouvido do coração, que é a inteligência, e com o outro que é o da obediência, minha voz, quer dizer, minha inspiração, ou flagelação, ou pregação ou colação de benefícios que se dizem voz de Deus, porque por elas nos chama a si o Senhor, e no entanto são poucos os que escutam.

E me abris a porta de seu coração, quer dizer, a vontade, pela qual entra Cristo na alma, e que se diz abrir-se a Cristo pelo consentimento ao bem, e ao Diabo pelo consentimento ao mal.

Nele entrarei infundindo-lhe a graça, como entra o sol na casa pela janela aberta, introduzindo seus raios, pois o sol não entra de outra maneira se não se abre a porta, e uma vez aberta esta, entra.

E cearei com ele, isto é, me deleitarei em sua fé e obras. E ele comigo, porque se alegrará do meu auxílio. Cearei com ele e ele comigo, quer dizer,

me reconciliarei com ele e ele comigo. Porque a ceia comum é sinal de reconciliação mútua e de amor recíproco.

Também ceia Deus com o homem infundindo-lhe a graça, com a qual é confortado o homem, e o homem com Deus, correspondendo à graça; e assim um ceia com o outro pondo cada um a sua parte.

Porém, Deus ceia primeiro com o homem, porque age com anterioridade, infundindo a graça ou excitando o livre-arbítrio; e o homem ceia depois com Deus, cooperando com a graça ou consentindo com a inspiração. Por isso se diz na Epístola aos Hebreus: Cuidando para a que ninguém falte a graça de Deus; porque brotando de alguma raiz de amargura, não é limpa (Hb 12, 15).

Assim mesmo ceia Deus com o homem reconfortando-lhe em seus merecimentos. E assim diz Isaías: Eis meu repouso, deixai repousar aquele que está fatigado (Is 28, 12). E o homem ceia com o Senhor nos dons que lhe aperfeiçoam: Serei saciado quando aparecer tua glória (Sl 16, 15).

Igualmente ceia o Senhor com o homem aqui abaixo; e o homem, com Deus no Céu. Porém, a ceia que Deus obsequia ao homem é melhor que a que o homem oferece a Deus, pois, como diz o Apóstolo: Tenho para mim que os sofrimentos da presente vida não têm proporção alguma com a glória vindoura que se manifestará em nós (Rm 8, 18). Por isso diz o Evangelista São João: Bem-aventurados os que foram chamados às bodas do Cordeiro (Jo 19, 9).

— In Apoc., cap. 3

2 de fevereiro: Purificação da Santíssima Virgem Maria

Concluídos os dias da sua purificação segundo a lei de Moisés, levaram-no a Jerusalém para o apresentar ao Senhor (Lc 2, 22).

Neste Evangelho podemos notar sete virtudes da Santíssima Virgem: a

humildade em uma purificação, que ela não necessitava; o amor à pureza, nesta purificação superabundante; o amor à obediência, segundo a Lei; o respeito ao Filho ao levá-lo ao templo: levaram-no; a devoção aos lugares santos: a Jerusalém; a ação de graças na oblação do Filho: para apresentá-lo ao Senhor, porque o oferecemos a ti, Senhor, que no-lo deu; e a pobreza na oblação: um par de pombas, que era a oblação dos pobres.

A Santíssima Virgem, ao querer ser purificada, sem ter necessidade, nos ensinou como devemos purificar-nos, nós que o necessitamos. Devemos purificar-nos de oito modos, como pode coligir-se do texto:

1º Da mancha do pecado. O Senhor o purificou de seus pecados (Ecl 47, 13).

2º No conhecimento, quanto à inteligência. De coração puro (1Tm 1, 5), isto é, de entendimento sem erro.

3º Com efeito, quanto ao amor. Os que invocam o Senhor com a consciência pura (2Tm 2, 22).

4º No espírito, pela reta intenção. Purificai-nos do velho fermento (1Cor 5, 7), isto é, a hipocrisia. Guardai-vos do fermento dos fariseus, que é a hipocrisia (Lc 12, 1).

5º Na boca, quanto às palavras. A palavra é pura, como é agradável, é aprovada pelo Senhor (Pr 15, 26).

6º Nas mãos, quanto às ações. Levantando as mãos puras (1Tm 2, 8).

7º Em todo o corpo, quanto a maneira de viver.

8º Nos bens, quanto à supressão de coisas supérfluas. Todos os ramos sem fruto serão cortados (Jo 15, 2).

— Serm.

3 de fevereiro: Apresentação de Cristo no

Templo

Cristo quis nascer sob a Lei a fim de que remisse aqueles que estavam sob a lei (Gl 4, 5) e para que a justificação da Lei se cumprisse espiritualmente em seus membros. Mas da prole nascida se estabelece duplo preceito na Lei. Um geral, que se referia a todos, a saber, que cumpridos os dias da purificação da mãe, se oferecesse um sacrifício pelo filho ou filha;[37] e este sacrifício tinha por objeto, ou a expiação do pecado, em que a prole havia sido concebida e nascida, ou também certa consagração da mesma, posto que então era apresentada pela primeira vez no templo. Por isso se oferecia algo em holocausto e algo pelo pecado.

Existia outro preceito especial na Lei acerca dos primogênitos, tanto nos homens como nos animais, porque o Senhor havia reservado para si todo primogênito dos filhos de Israel, posto que, para livrar o povo de Israel, havia matado os primogênitos do Egito desde o homem até os animais, com exceção dos primogênitos de Israel. Este mandato se estabelece no Êxodo (Ex 13), em que se prefigurava Cristo, que é o primogênito entre muitos irmãos (Rm 8, 29). Logo, posto que Cristo nasceu de mulher como primogênito e quis nascer sob a Lei, demonstra o Evangelista haver-se observado com ele estas duas coisas: 1º O que se refere aos primogênitos, quando disse: levaram-no a Jerusalém para apresentá-lo ao Senhor: todo primogênito masculino será consagrado ao Senhor (Lc 2, 22-23). 2º O que pertence comumente a todos, quando disse: e para oferecem sacrifício prescrito pela lei do Senhor, um par de rolas ou dois pombinhos (Lc 2, 24).

A humanidade de Cristo sempre esteve muito presente a Deus e, não obstante, devia ser apresentada por nós. Porque assim como o Filho de Deus não se fez homem e foi circuncidado na própria carne para própria utilidade, senão para fazer-nos deuses por sua graça e para que sejamos circuncidados espiritualmente, assim também é apresentado ao Senhor por nós, para que nós mesmos aprendamos a apresentar-nos a Deus. E isto se fez depois de sua circuncisão, para demonstrar que ninguém é digno dos olhares de Deus se não está circuncidado de seus vícios.

Manda-se, efetivamente, no Levítico (Lv 12) que aqueles que pudessem,

oferecessem pelo filho ou filha um cordeiro e, ademais, uma rola ou pomba; porém, os que não pudessem oferecer um cordeiro, oferecessem duas rolas ou dois pombos. O Senhor que, sendo rico se fez pobre por vosso amor, a fim de que fôsseis ricos por sua pobreza (2Cor 8-9), quis que se oferecesse por ele a oferenda dos pobres, do mesmo modo que em seu nascimento quis ser envolto em trapos e reclinar-se em um presépio.

— S. Th., IIIa, q. 37, a. 3

4 de fevereiro: Como devemos apresentar-nos a Deus

Quatro coisas são necessárias, as quais estão indicadas misticamente na oblação de Cristo, a saber: pureza de mente, humildade de coração, tranqüilidade de alma e fecundidade de boas obras.

1º Em primeiro lugar, pelo tempo da oblação, a qual se verificou uma vez cumpridos os dias da purifica ção, se expressa misticamente que não podemos oferecer-nos a Deus se não nos purificamos primeiro de toda imundícia de alma e de corpo, como se lê no Eclesiástico: Os olhos de Deus são mais claros que o sol, e não podem voltar-se à iniqüidade (Eclo 23, 28). E o Evangelho de São Mateus: e disse: na verdade vos digo que, se vos não converterdes e vos não tornardes como meninos, não entrareis no reino dos céus (Mt 18, 3). A isto diz São Beda: "Se não tiveres inocência e pureza de alma como as criancinhas, não entrareis no reino dos céus". Não entrará coisa contaminada (Ap 21, 27). Duas coisas devemos purificar em nós mesmos: o entendimento, para que conheça, e a vontade para que queira.

2º A segunda, a saber, a humildade de coração, está assinalada pelo fato de que quis oferecer-se conforme a lei, Ele, que não estava sujeito a essa Lei, posto que o Verbo de Deus se fez carne por obra do Espírito Santo. E quis oferecer-se desse modo em sinal de humildade, para ensinar-nos a fazermo-nos dignos dos olhares de Deus pelos méritos da humildade. O

olhar atento pode ver todos os tesouros (Jó 28, 10), quer dizer, que vê com a luz de sua graça e de sua sabedoria a alma que se humilha, porque ninguém vale tanto aos olhos de Deus como aquele que se tem por nada ante seus próprios olhos: Não é verdade que, quando eras pequenino a teus olhos, foste cabeça dos filhos de Israel? (1Rs 15, 17).

3º Significa a tranqüilidade da alma pelo fato de que foi oferecido em Jerusalém, que se interpreta "pacífica ou visão de paz". Por isso diz o Apóstolo: Segui a paz com todos e a santidade, sem a qual ninguém verá a Deus (Hb 12, 14). A este respeito diz Santo Agostinho: "A paz é serenidade do espírito, tranqüilidade da alma, simplicidade do coração, vínculo de amor, consórcio da caridade. E quem não quiser observar o testemunho da paz não poderá chegar à herança do Senhor. Nem pode ter concórdia com Cristo o que quiser estar em desacordo com o cristão". E será de sábado em sábado, diz Isaías (Is 66, 23); ao que acrescenta a Glosa: porque descansará no futuro quem aqui se abstém de más ações.

4º A quarta (a fecundidade das boas ações) se designa pela circunstância de que Cristo foi oferecido com dons: Não comparecerás vazio em minha presença (Ex 23, 15), isto é, de boas obras, segundo acrescenta a Glosa. Se a arca do coração está repleta de boa vontade, não estará vazia de dons a mão.

— De Humanitate Christi

5 de fevereiro: O Templo de Deus

E logo virá ao seu templo o Dominador, quem vós buscais (Ml 3, 1).

Estas palavras podem entender-se da vinda ao seio da Virgem. Pois ela é templo admirável de Deus sobre todos os santos.

I. Porque é admiravelmente grande pela longitude e latitude da caridade. Pois assim como teve mais fé, esperança e caridade que qualquer criatura, assim também teve mais grandeza. A casa que edificava o rei Salomão ao Senhor tinha sessenta côvados de largura (1Rs 6, 2).

II. Porque é amplamente formoso. Não havia parte alguma no templo que não estivesse coberta de ouro (1Rs 6, 22); pois nada havia na Virgem que não estivesse cheio de santidade: És formosa, amiga minha (Ct 6, 3).

III. Porque está pintado com figuras variadas, isto é, decorado com as virtudes de todos os anjos e santos. E nelas fez (nas paredes do templo) querubins […] e diversas figuras (1Rs 6, 29).

IV. Porque está adornado com grandes e maravilhosas colunas. A sabedoria edificou para si uma casa, talhou sete colunas (Pr 9, 1). Pelas sete colunas pode entender-se as sete virtudes que se advertem na Santíssima Vir gem no Evangelho da festa da Purificação.

V. Consagrado pela intervenção da Santíssima Trindade. Santificou seu tabernáculo o Altíssimo (Sl 45, 5). O Espírito Santo virá sobre ti (Lc 1, 35).

VI. Porque por causa de sua grande dignidade goza do privilégio de que se salvem todos os réus e malfeitores que se refugiem nele, e de que sejam escutadas todas as orações que se derramem nele.

VII. Porque foi edificado para que nele se fizesse homem o Filho de Deus.

Acudamos, pois, com confiança ao templo da graça, para que encontremos misericórdia no tempo oportuno.

— Serm. XXIII

6 de fevereiro: Devemos seguir o Senhor

E o seguia grande multidão de gente (Jo 6, 2).

Devemos seguir a Cristo por três motivos: porque nada há mais fácil antes da morte, nada mais seguro na morte, nada mais proveitoso depois da morte.

1º Nada mais fácil antes da morte, porque ele mesmo nos ensinou o caminho: Cristo também sofreu por vós, deixando-vos o exemplo, para que sigais as suas pisadas (1Pd 2, 21). E eis aqui o teu caminho. Que não tem pecado: eis aqui o caminho da pureza; Em cuja boca não se encontrou engano: eis aqui o caminho da verdade; Sofrendo, não ameaçava: eis aqui o caminho da paciência final. (1Pd 2, 22-23). Pois pouco seria seguir-lhe até o término do estado de vida pela penitência, e retroceder depois pela reincidência.

2º Nada mais seguro na morte. Porque aqueles que se uniram a ele na vida, serão protegidos por ele na morte. Porque o peregrino bom e fiel não abandona a seu companheiro na enfermidade, senão que o assiste diligentemente. Por isso diz São João: As minhas ovelhas ouvem minha voz, eu as conheço e elas me seguem. Eu lhes dou a vida eterna: elas jamais hão de perecer, e ninguém as arrebatará de minha mão (Jo 10, 27-28).

O Diabo é como o lobo que espreita as ovelhas que entram e saem do aprisco; porém, o Senhor é como o bom pastor, que, quando tira as ovelhas, vai adiante delas, e as ovelhas lhe seguem, e ele as leva aos pastos. Porque precede às almas que saem do mundo, para abrir-lhes a porta e introduzi-las na vida eterna. Por isso se lê no Evangelho: Depois de conduzir todas as suas ovelhas para fora, vai adiante delas; e as ovelhas seguem-no, pois lhe conhecem a voz. Mas não seguem ao estranho, antes fogem dele (Jo 10, 4-5).

3º Nada mais proveitoso depois da morte. Por isso se diz: Jesus disse-lhe: se queres ser perfeito, vai, vende o que tens, e dá-o aos pobres, e terás um tesouro no céu; e (depois) vem e segue-me (Mt 19, 21). Por isso, sobre aquilo de São Mateus (Mt 19, 29): E todo aquele que deixar a casa, ou os irmãos, ou as irmãs, ou o pai, ou a mãe, ou a mulher, ou os filhos, ou os campos, por causa do meu nome, receberá o cêntuplo, e possuirá a vida eterna, exclama São Bernardo: “Que infâmia é que vacilem os homens em abandonar o simples pelo cêntuplo? Onde está o ganancioso? Onde está o ambicioso? Onde está o buscador deste século? Por que a avareza despreza, e dormem os homens ante um negócio seguro e uns mercados tão lucrativos? Pois se lhe seguis, recebereis o cêntuplo por um e possuireis a vida eterna”.

7 de fevereiro: O jugo de Cristo

1º Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração, e achareis descanso para as vossas almas (Mt 11, 29). Tomai o meu jugo, quer dizer, a doutrina do Evangelho. Toda a Lei nova consiste em duas coisas: na mansidão e na humildade. Pela mansidão o homem se ordena ao próximo. Pela humildade, a si mesmo e a Deus. Com relação a isto diz Isaías: Estendia as minhas mãos todo o dia para (Israel) um povo rebelde, que andava por caminho mau, após os seus pensamentos (Is 65, 2). Daí que a humildade faça o homem capaz de Deus.

2º Da utilidade de levar o jugo havia dito: Vinde a mim todos os que trabalhais (fatigando-vos) e vos achais carregados, e eu vos aliviarei (Mt 11, 28). Que alívio é este? E achareis descanso para vossas almas (Mt 11, 29). Pois o corpo não se alivia enquanto esgotado; mas quando desaparece o esgotamento, então se diz que está aliviado. Como é a fome no corpo, assim é o desejo na mente; por isso é um alívio a satisfação dos desejos. Por isso diz o profeta: Ele enche de bens teu desejo (Sl 102, 5). E este é o descanso da alma. No Eclesiástico se diz: Trabalhei pouco e obtive muito repouso (Eclo 51, 35). Assim, os mansos não sossegam no mundo; por isso achareis repouso eterno, quer dizer, o cumprimento dos desejos.

3º Porque o meu jugo é suave e o meu peso é leve (Mt 11, 30).

Em todas as coisas a doutrina de Cristo é um jugo suave porque muda o coração, e não nos faz amar as coisas temporais senão as espirituais. Pois para o que ama as coisas temporais é mais pesado perder o módico que perder o muito para o que ama as coisas espirituais. A Lei antiga não proibia as coisas temporais, por isso lhes era penoso perdê-las. Porém, agora, mesmo quando a princípio é algo pesado, depois, não obstante, é pouco molesto. Guiarei-te pelas sendas da justiça, nas quais, depois de ter entrado, não vacilarão teus passos (Pr 4, 11, 12).

Ademais, quanto à ação, a Lei obrigava com atos externos. Mas nossa Lei está unicamente na vontade. Por isso se diz: O reino de Deus não é comida nem bebida (Rm 14, 17).

Assim mesmo, a Lei de Cristo é agradável, e por isso acrescenta o Apóstolo: mas a justiça, a paz e o gozo no Espírito Santo.

Certamente as adversidades são muitas, porque: Todos os que querem viver piedosamente em Jesus Cristo sofrerão perseguição (2Tm 3, 12). Porém, essas perseguições não são pesadas, porque estão temperadas com amor; e quando alguém ama a um outro, não lhe é pesado o que sofre por ele. Por isso o amor faz leves as coisas pesadas e impossíveis. Se, pois, alguém ama bem a Cristo, nada lhe é pesado, e, por conseguinte, a Lei nova não nos sobrecarrega.

8 de fevereiro: Imitação de Cristo

Dei-vos o exemplo para que, como eu vos fiz, assim façais também vós (Jo 13, 15)

I. Nos atos humanos mais movem os exemplos que as palavras; pois o homem executa e escolhe o que lhe parece bom. Por isso mais eficazmente demonstra o que é bom escolhendo ele mesmo, que ensinando o que deve ser escolhido. Daí, quando alguém diz uma coisa, porém faz outra, melhor persuade aos demais pelo que faz, do que pelo que ensina. Por conseguinte, é absolutamente necessário dar exemplo com os feitos.

Mas o exemplo de um simples homem não era suficiente para arrastar o gênero humano a imitá-lo; ou porque a razão humana desfalece na reflexão, ou porque é enganada no exame mesmo das coisas.

E por esse motivo se nos dá o exemplo do filho de Deus, que é infalível e suficiente para tudo. Por isso diz Santo Agostinho: “Que soberba não será sanada, se é sanada pela humildade divina? Do mesmo modo, que avareza, e assim em tudo o mais?”.

Porém, adverte como é conveniente que o Filho de Deus seja para nós um exemplo de virtudes. Ele é a arte da criação, convém que seja também exemplar da justificação. Cristo padeceu por nós, deixando-nos o exemplo para que sigais suas pegadas (1Pd 2, 21). O meu pé seguiu as suas pisadas, eu guardei o seu caminho, e não me desviei dele (Jó 23, 11).

— In Joan. XIII

II. Cristo é um exemplo infalível, pois de nenhuma maneira pode pecar. Pode ser considerado como viandante, como disciplinador e como Deus.

Como viandante, parece ser o guia que nos conduz pelo caminho direito. Pois é necessário em cada gênero que o primeiro regulador não possa torcer-se; porque, em caso contrário, existiria erro em todas as coisas que se regulassem por ele. Por isso possuiu Cristo tanta plenitude de graça, que não podia pecar, mesmo como viandante. Pela mesma razão foram também confirmados os que estiveram próximos a ele, para que tampouco pudessem pecar mortalmente os Apóstolos, mesmo como viandantes, ainda que pudessem pecar venialmente.

Na medida que foi disciplinador, sua mente esteve totalmente unida ao fim, de modo que não podia agir senão em ordem ao fim.

Enquanto Deus, sua alma e seu corpo foram como órgão da divindade, porquanto a divindade regulava a alma, e esta o corpo. Porquanto não podia o pecado tocar sua alma, do mesmo modo que Deus não pode pecar.

Também podemos participar de algum modo de nosso guia, se procurarmos unir nossa mente ao fim, se deixamos Deus reger nossa alma.

— 3 dist. 12, q. 2, a. I

9 de fevereiro: A videira e os ramos

Eu sou a videira verdadeira; e meu Pai é o lavrador (Jo 15, 1).

A videira é o próprio Senhor. Por isso diz: Eu sou a videira por certa

semelhança. Porque assim como a videira parece sem valor, no entanto, ultrapassa a todas as árvores pela doçura do fruto, do mesmo modo Cristo, desprezado pelo mundo, porque era pobre e parecia rude e sofredor de ignomínia, no entanto, levou frutos dulcíssimos conforme aquilo do Cântico dos Cânticos: Seu fruto é doce à minha garganta (Ct 2, 3). Por conseguinte, Cristo é videira que leva vinho, que embriaga interiormente, e é o vinho da compulsão; é ademais um vinho confortante, o vinho de nossa reparação.

E meu Pai é o lavrador. Deus nos cultiva, para que com seu trabalho melhoremos, posto que extirpa em nossos corações as más sementes. Abre nosso coração com o arado da palavra, planta as sementes dos preceitos, recolhe o fruto da piedade.

Porém, a videira de que aqui se trata era perfeita e não necessitava do cuidado do agricultor. Daí que todo o empenho do agricultor devia ser dedicado aos ramos. Os ramos são da natureza da videira, pelo que estão unidos a Cristo como ramos dessa videira.

Todo ramo que não der fruto, será cortado (Jo 15, 2). Aqui se indica o trabalho do agricultor com os ramos maus, quer dizer, para cortá-los da videira. Por isso diz: Todo ramo, quer dizer, todo fiel, que não der fruto na videira, em mim, sem o qual nada pode frutificar, será cortado da videira. Donde se infere que não só são cortados de Cristo alguns porque agem mal, senão também porque são negligentes em fazer o bem. Por esse motivo dizia de si mesmo o Apóstolo: Pela graça de Deus sou aquele que sou, e sua graça não foi vã para mim (1Cor 15, 10). E em São Mateus se lê que foi tirado o talento daquele que não retirou fruto dele, senão que o escondeu (Mt 25, 25-26). E também que o Senhor mandou arrancar a figueira estéril (Lc 13, 7).

E todo aquele que der fruto, será limpo, para que dê mais fruto (Jo 15, 2). Neste lugar se descreve a solicitude do agricultor com os ramos bons, estimulando-os para que frutifiquem mais. Porque de fato sucede com a videira natural que, tendo o ramo muitas vergônteas, frutifica menos pela dispersão da seiva entre todos, por isso os vinhateiros cortam as vergônteas supérfluas. Do mesmo modo ocorre no homem; pois se o homem bem disposto e unido a Deus inclina seu afeto a coisas diversas,

apequena sua virtude, e se faz mais ineficaz para agir bem. Daí é que Deus, para que frutifiquem bem, corta e purifica freqüentemente tais impedimentos, enviando tentações e tribulações que lhe façam mais robusto para agir, e por isso diz: o limpará, ainda que seja puro; pois ninguém é tão puro nesta vida que não deva ser limpo mais e mais. E isto para que dê mais frutos, isto é, para que cresça em virtude, a fim de que sejam tanto mais produtivos quanto mais limpos estão.

— In Joan., XV, 1 e 2

10 de fevereiro: Estudo da sabedoria, principalmente da Sabedoria Encarnada

I. Entre todos os estudos do homem, o da sabedoria é o mais perfeito, mais sublime, mais útil e mais delicioso.

O mais perfeito, porque quanto mais o homem se aplica a ele, maior é a sua participação na verdadeira bem-aventurança. Por isso diz o sábio: Bem-aventurado o homem que vive na sabedoria (Ecl, 14, 22).

Mais sublime, porque por ele o homem se aproxima principalmente à semelhança de Deus, que o fez todo com sabedoria. E como a semelhança é causa do amor, o estudo da sabedoria une principalmente a Deus por meio da amizade. Por isso se diz que a Sabedoria é um tesouro infinito para os homens; os que fazem uso dela são introduzidos à amizade de Deus (Sb 7, 14).

É mais útil, porque por meio da sabedoria se chega ao reino da imortalidade: o desejo da sabedoria conduz ao reino eterno (Sb 6, 21).

É o mais delicioso, porque nem há amargura em suas palavras, nem tédio em seu trato, senão alegria e gozo (Sb 8, 16).

— S. contra Gent., l. I, cap. 2

II. Existe uma diferença entre o conhecimento de Deus adquirido pelas ciências e o adquirido pela fé. O conhecimento de Deus adquirido pela ciência ilumina somente o entendimento, mostrando que Deus é a causa primeira, que é uno e sábio etc. Mas o conhecimento de Deus por meio da fé ilustra o entendimento, e alegra o coração, pois não somente diz que Deus é a causa primeira, senão também que é nosso Salvador, que é redentor, que nos ama e que se encarnou por nós; coisas estas que inflamam o coração. Por isso deve dizer-se que por meio de nós manifesta, ao que crê, em todo o lugar o perfume do seu conhecimento, isto é, a notícia de sua suavidade, porque esse perfume se difunde por todas as partes. E no livro do Eclesiástico: Eu, como a videira, dei fruto, etc (Ecl 24, 23). E por último no Gênesis: sim, o odor de meu filho é como o perfume de um campo que o Senhor abençoou (Gn 27, 27).

— In 2Cor 2, 14

III. É necessário adiantar-se sempre no estudo da sabedoria.

Como a perfeição do homem consiste na união com Deus, é necessário que o homem, com todas as suas forças e tudo o que há nele, se esforce e tenda ao divino, para que seu entendimento se aplique à contemplação e sua razão à busca das coisas divinas, conforme aquilo do profeta: Para mim a felicidade é aproximar-me de Deus (Sl 72, 28).

Porém, como Deus dista infinitamente da criatura, nenhuma criatura se move para Deus em vista de igualar-se a Ele, seja recebendo dele, seja conhecendo-o. A criatura se move para assimilar-se a Deus mais e mais no possível, e assim também o espírito humano deve tender sempre a conhecer a Deus mais e mais, segundo seu próprio modo de ser. Por isso diz Santo Hilário: “O que piedosamente vai atrás das coisas infinitas, ainda que não as alcance, não obstante, aproveitará progredindo”.

— In Boet., De Trinit

11 de fevereiro: Aparição da Santíssima Virgem Maria

Apareceu a bondade do Salvador nosso Deus, e seu amor para com os homens (Tt 3, 4).

I. A bondade e humanidade do Salvador apareceu no próprio Salvador e na Santíssima Virgem, pois Maria foi cheia de graça.

1º O transbordar de sua alma chegou até sua carne, até seu corpo. É muito para os santos possuir graça o bastante para santificar sua alma; porém, a alma da Santíssima Virgem foi tão cheia de graça que se derramou em sua carne, para que pudesse conceber o Filho de Deus. Por isso diz Hugo de São Vitor: "Porque em seu coração ardia singularmente o amor do Espírito Santo, por isso fazia maravilhas em sua carne, em tal medida que dela nascesse Deus e homem". O Santo que nascerá de ti será chamado Filho de Deus (Lc 1, 35).

2º Sua plenitude chegou a todos os homens. É muito para um santo ter uma graça que lhe baste para salvar-se. Porém, é mais ter uma suficiente para sua salvação pessoal e de outros muitos; porém, se tivesse uma graça suficiente para sua salvação e de todos os homens do mundo, este seria perfeito. Isto ocorre em Cristo e na Santíssima Virgem; porque em todos os perigos podes obter a salvação das mãos da mesma Virgem gloriosa. Por isso diz o Cântico dos Cânticos: Mil escudos, isto é, remédios contra os perigos, estão pendentes dela (Ct 4, 4). Ademais, podes contar com sua ajuda em toda obra de virtude, como disse ela mesma: Em mim toda a esperança de vida e virtude (Ecl 24, 25).

— Exp. Salut. angel.

II. Um renovo sairá do tronco de Jessé (Is 11, 1). A Virgem é dadivosa por seis utilidades que nos pro porciona.

1ª Porque nos dividiu o mar, quer dizer, o mundo, para que passemos. E tu, levanta a tua vara, estende a mão sobre o mar e divide-o (Ex 14, 16).

2ª Porque da pedra, que é Cristo, nos tirou a água da graça para que bebamos. Toma a tua vara […] falai ao rochedo diante deles, e ele dará águas (Nm 20, 8).

3ª Porque nos dá o mel da devoção, a fim de fortalecer-nos. Estendeu a ponta de uma vara que tinha nas mãos e molhou-a no mel (1Rs 14, 27).

4ª Porque por ela vencemos o Diabo. E havendo chegado a ele, arrancou à força a vara que tinha nas mãos do egípcio, isto é, do Diabo (2Rs 23, 21).

5ª Porque, graças a sua mediação, solicitamos a clemência divina. E estendeu a ela um cetro de ouro (Est 5, 2), com o qual se mostrava o sinal da clemência.

6ª Porque ela nos livra das mãos de todos os inimigos. De Sião fará sair o Senhor o cetro do teu poder (Sl 109, 2).

— Serm. In Annuntiat. B. Mariae

12 de fevereiro: Estado dos pecadores

I. Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas! Porque sois semelhantes aos sepulcros caiados, que por fora parecem formosos aos homens, mas por dentro estão cheios de ossos mortos e toda a podridão (Mt 23, 27).

Chama-se sepulcro o lugar onde descansa um corpo morto. Os corpos mortos dos santos são templos de Deus, nos quais habita Deus, como diz o Apóstolo: o templo de Deus, que vós sois, é santo (1Cor 3, 17).

O corpo é morada da alma, e a alma é trono de Deus; e assim como o corpo é morada da alma, do mesmo modo a alma é morada de Deus. O Senhor está em seu templo santo (Sl 10, 5). Porém, o corpo do pecador é sepulcro, porque contém um morto, pois a alma morre pelo peca do; por isso os maus são chamados sepulcro: Sepulcro aberto é sua garganta (Sl 13, 3). No interior do sepulcro está o corpo morto, enquanto que no exterior há às vezes uma imagem que parece um rosto vivo: Conheço tuas obras, que tens nome, vives e estás morto (Ap 3, 1).

Por isso se diz: que parecem formosos por fora (os sepulcros), por causa do ornato exterior, e por dentro estão cheios de ossos de mortos (Mt 23, 27), isto é, de toda podridão e de toda imundícia. Depois disso se acrescenta: Assim também vós por fora pareceis justos aos homens, mas

por dentro estais cheios de hipocrisia e iniqüidade (Mt 23, 28).

II. Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas! Porque limpais o que está por fora do copo e do prato (Mt 23, 25). São Jerônimo vê nisto uma maneira de falar, e o aplica a toda limpeza que se mostra por fora. No prato se serve a comida; no copo, a bebida. Mas o homem se chama prato. A comida, na qual Deus se deleita, são as obras boas que faz. Minha comida é fazer a vontade do Pai que me enviou (Jo 4, 34). Consta que o uso do copo e do prato não está na superfície externa, senão no interior. Limpa o copo exteriormente o que exteriormente dispõe seu corpo. Porém, vós sois desta maneira: Por dentro estais cheios de rapina e imundície (Mt 23, 25).

Purifica primeiro o que está dentro do copo e do prato (Mt 23, 26). Pois toda a pureza exterior depende da pureza interior, como se lê em São Mateus: Se o teu olho for são, todo o teu corpo será luz (Mt 6, 22). Por isso ensina que é preciso limpar o coração; e assim tudo estará limpo. Por isso diz: purifica primeiro o que está dentro; porque tudo o que se faça exteriormente será bom, se procede de boa vontade. Guarda o teu coração com toda a diligência (Pr 4, 23).

— In Matth., XXIII

13 de fevereiro: Não se deve adiar a conversão

Acomoda-te sem demora com o teu adversário, enquanto estás em caminho com ele, para que não suceda que (esse) adversário te entregue ao juiz, e o juiz te entregue ao seu ministro, e sejas posto em prisão (Mt 5, 25).

I. Nosso adversário é Deus, como diz o Êxodo: Eu, o Senhor, tenho aversão ao ímpio (Ex 23, 7). Ou melhor, é a palavra divina que se opõe aos que querem pecar: Toda escritura divinamente inspirada é útil para ensinar e para repreender (2Tm 3, 16). Ou também a consciência que remorde: Arguirei a ti e colocar-te-ei perante o teu rosto (Sl 49, 21).

A palavra de São Mateus pode interpretar-se destes diversos modos.

Quando diz, acomoda-te logo com o teu adversário, quer dizer, com Deus e com a palavra divina. Este acordo deve fundar-se na esperança da promessa, no temor do castigo, na execução do mandamento, na fuga do proibido. Enquanto estás em caminho com ele, isto é, em estado de mérito. Virá a noite, quando ninguém poderá trabalhar (Jo 9, 4). Com ele, isto é, com quem andas retamente no caminho de Cristo ou do mundo. Logo, quer dizer, sem tardança: não te demores a converter-se ao Senhor (Ecl 5, 8).

II. Não suceda que te entregue, para que não seja causa ocasional de que sejas entregue. E diz talvez (no texto latino da Vulgata), para não tirar a ocasião de fazer penitência. Não suceda que te entregues ao adversário, a saber, Deus ou a palavra divina, ou a consciência que remorde, ao juiz, nas mãos de Cristo. E o juiz, ou seja, Cristo, te entregue ao ministro, quer dizer, o anjo, que recolhe a cinza para queimá-la; ou ao ministro, quer dizer, ao Diabo executor.

E sejas trancafiado no cárcere (Is 24, 22), isto é, no abismo do Inferno. E colocou-o no abismo, e ali o encerrou (Ap 20, 3). Em verdade te digo que não sairás dali até que, quer dizer, nunca. Santo Agostinho acrescenta: "Até que não significa aqui o fim da pena, senão a continuação da miséria, como se dissesse: sempre pagas, e nunca acabas de pagar".

Pagues até o último centavo, quer dizer, os pecados mais mínimos, porque nada ficará sem castigo.

— In Matth., V.

14 de fevereiro: Adesão a Cristo

Eu sou o caminho, a verdade e a vida (Jo 14, 6).

I. O caminho é o próprio Cristo, porque por meio dele temos acesso ao Pai. Porém, como esse caminho não está distante do término, senão unido a ele, acrescenta: verdade e vida. E assim é ao mesmo tempo caminho e término; caminho por sua humanidade; término, por sua divindade. Por

isso diz enquanto homem: Eu sou o caminho; e enquanto Deus acrescenta: a verdade e a vida. Estas duas coisas designam convenientemente o término desta vida. Porque o término deste caminho é o fim do desejo humano; além disso, o homem deseja duas coisas principalmente: conhecer a verdade e continuar sendo o que é. E Cristo é o caminho para conhecer a verdade, porque ele mesmo é a verdade. É também o caminho para chegar à vida, porque é a vida.

II. Deste modo Cristo se designou a si mesmo como caminho unido ao término, pois ele é término que contém em si tudo o que se pode desejar, a saber: a verdade e a vida. Se buscas, portanto, por onde passar, receba a Cristo, pois ele é o caminho. Este é o caminho, anda nele (Is 30, 21). E Santo Agostinho diz: "Anda pelo homem, e chegarás a Deus". Porque é melhor coxear no caminho, que correr fora do caminho: o que coxeia no caminho, ainda que avance pouco, se aproxima do término; porém, o que anda fora do caminho, quanto mais corre tanto mais se afasta do término.

Se buscas, por conseguinte, aonde ir, adere-te a Cristo, pois ele é a verdade à que devemos chegar.

Se buscas onde permanecer, una-te a Cristo, porque ele é a vida: Pois quem me acha encontra a vida, e alcança o favor do Senhor (Pr 8, 35).

III. Ali há segurança. Se queres estar seguro, adere-te a Cristo; não poderás desviar-te, porque ele é o caminho. Daí que aqueles que aderem a Cristo não andam fora do caminho reto. Por outra parte, não pode ser enganado, porque ele é a verdade e ensina toda a verdade. Não pode, ademais, ser perturbado, porque ele é a vida e a fonte da vida (Jo 10, 10). Porque, como assegura Santo Agostinho,[38] disse o Senhor: "Eu sou o caminho, a verdade e a vida, como se dissesse: Por onde quereis ir? Eu sou o caminho. Aonde quereis ir? Eu sou a verdade. Onde quereis permanecer? Eu sou a vida". Pois, segundo disse Santo Hilário,[39] o que é caminho não conduz a lugares extraviados, nem engana com o erro o que é a verdade, nem leva à morte o que é vida.

Ou, de outro modo, três coisas se aperfeiçoam por Cristo. Porque é caminho para os que exercitam a vida ativa; Cristo é verdade para os que

perseveram na contemplação; e dirige a intenção dos ativos e contemplativos para a vida eterna. Assim, pois, o Senhor é, para nós, caminho para ele, e por ele ao Pai.

— In Joan., XIV.

15 de fevereiro: Amor de Cristo aos discípulos

Como o Pai me amou, assim também vos amei. Perseverai no meu amor (Jo 15, 9).

I. O termo como denota às vezes igualdade de natureza, porém, às vezes, semelhança na ação. Aqui o como denota semelhança de graça e de amor. Porque o amor com que o Filho ama aos discípulos é certa semelhan ça do amor com que o Pai ama o Filho. Pois como amar a alguém é querer o bem para ele, o Pai ama o Filho segundo a natureza divina enquanto quer para ele o bem infinito que ele mesmo possui. O pai ama o filho, e mostra-lhe todas as coisas que faz (Jo 5, 20).

Também lhe ama segundo a natureza humana, para que simultaneamente seja Deus e homem.

Para nenhuma dessas coisas amou o Filho aos discípulos. Porque não os amou para que fossem Deus por natureza, nem para que se unissem a Deus em pessoa; mas os amou para algo semelhante a essas coisas, isto é, para que fossem deuses pela participação da graça: Eu disse: sois deuses (Sl 81, 6). Pelo qual nos foram dadas muitas e preciosas promessas; para que por elas sejais feitos participantes da natureza divina (2Pd 1, 4). Para elevá-los, ademais, à unidade de afeto, porque o que se eleva ao Senhor é um espírito (1Cor 6, 17). Porque aqueles que conheceu em sua presença, a estes também predestinou para serem feitos à imagem de seu Filho, para que Ele seja o primogênito entre muitos irmãos (Rm 8, 29).

Assim, pois, maior bem pôs Deus Pai no Filho, segundo as duas naturezas, que o Filho nos discípulos, ainda que, no entanto, pôs um bem semelhante.

II. Perseverai no meu amor (Jo 15, 9), como se dissesse: Posto que haveis recebido tão grande benefício do meu amor, permanecei nele para que me ameis. Ou permanecei em meu amor, porque eu os amo, quer dizer, em minha graça, para que não os aparteis dos bens que preparei. Esta exposição é mais adequada, de modo que seu sentido é: perseverai neste estado para que sejais amados por mim por um efeito da graça. Cada um permaneça na vocação a que foi chamado por Deus (1Cor 7, 20). Quem permanece em caridade, em Deus permanece, e Deus nele (1Jo 4, 16).

— In Joan., XV

16 de fevereiro: Permanência em Cristo

I. Como os ramos não podem de si mesmos dar fruto, se não estiverem na videira, assim vós, se não estiverem em mim (Jo 15, 4).

Demonstra-se neste lugar que a permanência em Cristo é necessária para frutificar. Como se dissesse: Deveis permanecer em mim para que frutifiqueis, porque assim como os ramos, o ramo material, não pode de si mesmo dar fruto, se não estiver ligado à videira, desde cuja raiz sobe a seiva para vivificar os ramos, assim também vós não podeis dar fruto. Logo a permanência em Cristo é a condição da frutificação. Por isso se diz dos que não permanecem em Cristo: E que fruto retirais daquelas coisas que hoje vos envergonham? (Rm 6, 21); e Jó: Será estéril a congregação do hipócrita (Jó 15, 34).

Esta semelhança é conveniente, porque eu sou a videira e vós sois os ramos. Como se dissesse: Estais em relação a mim, como os ramos em relação à videira. Diz-se destes ramos: Estendeu seus ramos até o mar (Sl 79, 12).

II. O que está em mim e eu nele, este dará muito fruto.

Aqui se demonstra que a permanência em Cristo é eficaz; pois não somente é necessária a permanência do homem em mim para que

frutifique, senão que também é eficaz; porque o que está em mim, crendo, obedecendo, perseverando, e eu com ele, ilustrando-o, socorrendo-o, dando-lhe perseverança, este, não outro, dará muito fruto. Leva triplo fruto nesta vida. O primeiro deles é abster-se dos pecados; o segundo, dedicar-se a obras de santidade; o terceiro, aplicar-se na edificação dos outros: A terra será saciada do fruto de tuas obras (Sl 103, 13). Leva, ademais, um quarto fruto na vida eterna. Este é o fruto último e perfeito de nossos trabalhos.

A razão desta eficácia é porque sem mim não podeis fazer nada. Disse, pois, o Senhor que sem ele não somente não podemos fazer coisas grandes, senão que nem sequer as mínimas; e mais ainda, nada. Isto não é de se maravilhar, porque nem Deus fez coisa alguma sem Ele: Nada do que foi feito se fez sem Ele (Jo 1, 3). Pois nossas obras provêm da natureza, ou da graça divina. Se da natureza, de modo que todos os movimentos da natureza procedem do mesmo Verbo de Deus, nenhuma natureza pode mover-se a fazer algo sem Ele. Se da graça, como Ele é o autor da graça, pois a graça e a verdade foram feitas por Jesus Cristo (Jo 1, 17), é evidente que sem Ele não pode fazer-se nenhuma obra meritória. Por isso diz o Apóstolo: Não que sejamos capazes por nós mesmos de ter algum pensamento. Nossa capacidade vem de Deus (2Cor 3, 5). Se, pois, nem sequer podemos pensar algo se não é por Deus, muito menos podemos fazer outras coisas.

— In Joan., XV

17 de fevereiro: A vida em Cristo

Para mim o viver é o Cristo (Fl 1, 21).

I. Cristo é vida, porque é princípio de todas nossas ações.

E com efeito, a vida implica certa moção. Diz-se que vivem os seres que se movem por si mesmos. Daí que aparece como fonte da vida do homem o que é nele princípio de seu movimento. Este princípio é aquele ao qual se une o afeto como um fim, porque por este se move o homem a todas as

coisas. Por isso alguns chamam sua vida a aquilo que os move a agir, como os caçadores à caça, e os amigos à amizade. Assim, pois, Cristo é nossa vida, porque ele é o princípio total de nossa vida e ação. Por esse motivo, disse o Apóstolo: Para mim o viver é o Cristo, pois somente Cristo o movia.

E acrescentava: e o morrer uma ambição, e fala com propriedade, pois qualquer um considera para si como uma ambição quando pode aperfeiçoar a vida imperfeita que possui. Assim, o enfermo tem por lucro a vida sã. Nossa vida é Cristo: Vossa vida está escondida com Cristo em Deus (Cl 3, 3). Porém, aqui é imperfeita: Enquanto estamos no corpo, vivemos ausentes do Senhor (2Cor 5, 6), e por isso quando morremos corporalmente, se aperfeiçoa nossa vida, quer dizer, Cristo, ao qual então estamos presentes.

— In Phil., I.

II. Cristo é vida, porque nele está todo nosso afeto. E vivo, já não eu; mas Cristo que vive em mim (Gl 2, 20). Diz-se que o homem vive daquilo no qual põe todo seu amor e seu gozo. Por isso os homens que se apaixonam pelo estudo ou a caça, dizem que sua vida são essas ocupações. Mas todo homem possui certo afeto particular com o qual busca o seu bem. Quando alguém vive buscando unicamente seu bem, vive para si somente; porém, quando busca o bem dos demais se diz que também vive para eles. O Apóstolo que havia deixado de lado toda preocupação pessoal por seu amor à cruz de Cristo, dizia que estava morto para si mesmo, com estas palavras: Estou pregado na cruz juntamente com Cristo (Gl 2, 19), isto é, o afeto próprio ou particular foi removido de mim pela cruz de Cristo. Por isso dizia: E vivo já não eu, como se tivesse no afeto o próprio bem; mas Cristo que vive em mim, isto é: somente tenho a Cristo no afeto, e o próprio Cristo é minha vida.

— In Gal., II

III. Cristo é vida, porque é o fim de nossa vida. Cristo morreu por todos; para que os que vivem não vivam já para si, mas para aquele que morreu por eles e ressuscitou (2Cor 5, 15).

Cada qual deve considerar-se como se tivesse matado a si mesmo. Para

que os que vivem vida natural, não vivam já para si, isto é, não para si mesmos e para seu bem unicamente, mas para aquele que morreu por eles e ressuscitou, quer dizer, para Cristo; para que ordenem toda sua vida ao serviço e honra de Cristo.

A razão destas coisas se funda em que cada um toma como regra de sua conduta o fim da vida. Além disso, se Cristo é o fim de nossa vida, devemos regular essa vida, não segundo nossa vontade, senão segundo a vontade de Cristo. Adverte que São Paulo disse duas coisas, a saber: que Cristo morreu e que ressuscitou por nós. Logo, duas coisas se exigem de nós: se Cristo morreu por nós, também nós devemos morrer para nós mesmos, quer dizer, negarmos a nós mesmos por ele; e se Cristo ressuscitou por nós, também nós devemos, de tal modo, morrer para o pecado, para a antiga vida e para nós mesmos, para que ressuscitemos, no entanto, para a nova vida de Cristo. Por isso não disse o Senhor unicamente: E então disse Jesus aos seus discípulos: se algum vir após mim, negue-se a si mesmo, e tome a sua cruz (Mt 16, 24), senão que acrescentou: e siga-me, isto é, na nova vida, crescendo nas virtudes.

— In 2Cor., V.

18 de fevereiro: A paz e a vitória por Jesus

Referi-vos estas coisas para que tenhais a paz em mim. No mundo haveis de ter aflições, mas tende coragem porque Eu venci o mundo (Jo 16, 33).

I. Tudo quanto vos disse de palavra, ou quanto vos falei em todo o Evangelho, foi com o fim de que, voltando-se a mim, tenhais paz em mim. Pois o fim do Evangelho é a paz em Cristo. Muita paz para os que amam tua lei (Sl 118, 165). A razão é que a paz do coração se opõe à sua perturbação, que procede dos males que sobrevêm e se acrescentam. Mas se alguém chora alguma vez, não obstante o gozo, sobrepujando àqueles males, faz que não permaneça perturbação. Daí é que os homens mundanos, que não estão unidos a Deus por amor, têm tribulações sem a paz; porém, os santos, que têm a Deus no coração pelo amor, mesmo quando padecem tribulações por parte do mundo, têm paz em Cristo.

Estabeleceu a paz em suas fronteiras (Sl 147, 14). Porque nosso fim deve ser aqui ter paz em Deus. Recusou consolar-se a minha alma, isto é, nas coisas mundanas, porém recordei-me de Deus, e me deleitei (Sl 76, 3).

II. A perseguição causada pelo mundo é a que faz necessária esta paz. Por isso diz: No mundo haveis de ter aflições (Jo 16, 33), e em outros lugares: Não estranheis, irmãos, se o mundo vos aborrece (1Jo 3, 13). Porque não sois do mundo […] por isso o mundo vos aborrece (Jo 15, 19).

III. O anúncio antecipado da tribulação gera confiança contra ela. Tende coragem, Eu venci o mundo (Jo 16, 33). Porque ele nos livra, como se dissesse: Recorrei a mim, e tereis paz, e isto precisamente porque Eu venci o mundo, que os oprime.

Cristo venceu o mundo: 1º Arrebatando-lhe as armas com que ataca; essas armas são suas coisas cobiçáveis; porque venceu as riquezas pela pobreza: Sou desvalido e pobre (Sl 85, 1); os homens, pela humildade e pelos opróbios; as voluptuosidades, pelos sofrimentos e pelos trabalhos.

Aquele que, pois, assim vence essas coisas, vence o mundo, e isto é o que faz a fé, como disse São João: Esta é a vitória que vence o mundo, nossa fé (1Jo 5, 4); porque sendo a fé a substância das coisas que se esperam (Hb 11, 1), as quais são espirituais e eternas, nos faz desprezar os bens carnais e transitórios.

2º Vence o mundo, excluindo o príncipe do mundo: E despojando os principados e potestades, os expôs ao ridículo, triunfando deles pela cruz (Cl 2, 15). Por isso nos ofereceu ao Diabo para que o vencêssemos: Brin carás com ele como um pássaro, ou o prenderás com a coleira, para divertir seus servos? (Jó 40, 24). Depois da Paixão de Cristo, brincam com ele, literalmente, jovenzinhas servas de Cristo e os meninos.

3º Convertendo assim os homens do mundo. O mundo se rebelava movendo traições por meio dos homens mundanos, aos quais Cristo atraiu para si: Todo o mundo corre atrás dele (Jo 12, 19).

Assim, pois, não devemos temer as dificuldades, porque o mundo foi vencido.

— In Joan., XVI

19 de fevereiro: A porta estreita

Entrai pela porta estreita, porque larga é a porta, e espaçoso o caminho que conduz à perdição, e muitos são os que entram por ela (Mt 7, 13).

I. Para que ninguém possa interpretar do que havia dito o Senhor, pedi e recebereis, que o homem alcançaria tudo de Deus sem obras boas, Cristo ensina que é preciso também fazer obras boas. Pois disse: entrai, isto é, empenhe-se em entrar.

Santo Agostinho dá duas explicações. Cristo é a porta: Eu sou a porta (Jo 10, 9), porque sem ele não se chega ao reino. Esta porta é estreita pela humildade, pois se humilhou até a morte. Por isso disse Isaías: Esta sentença de ruína o Senhor executará no centro de toda a terra (Is 10, 23). Por isso entrai pela porta estreita, isto é, pela humildade e pela Paixão de Cristo. Pois não foi necessário que Cristo padecesse estas coisas e que assim entrasse em sua glória? (Lc 24, 26); e também o é para nós. Por conseguinte, devemos entrar no reino de Deus por muitas tribulações.

Também se disse que essa porta é a caridade. Esta é a porta do Senhor; os justos entrarão por ela (Sl 117, 20). Esta porta foi estreitada pelas leis divinas, e por ela devemos entrar observando a Lei e os preceitos.

II. Cristo assinala o motivo de entrar pela porta estreita: porque larga é a porta, e espaçoso o caminho que conduz à perdição (Mt 7, 13). Descreve duas portas, uma larga e outra estreita. A porta larga é assim porque foi alargada pelo Diabo, alargada pela presunção e pelo orgulho. É larga essa porta, porque é largo o que recebe a todos, pois não há coisa alguma que a preencha. Esta porta é também a iniqüidade e o vício, e é larga de muitas maneiras: A maldição e a mentira, o homicídio, e o roubo, e o adultério a inundarão (Os 4, 2).

Existe, ademais, um caminho largo, e este é obra do pecado. Este caminho é espaçoso, porque em seus começos parece ser largo, ainda que

depois se estreite, pois sua saída vai parar na perdição, já que o salário do pecado é a morte (Rm 6, 23). E muitos são os que entram por ela (Mt 7, 13). Aqui assinala o número, pois literalmente o número dos néscios é infinito (Ecl 1, 15).

III. Que apertada é a porta, e estreito o caminho que leva à vida! Esta é contrária à anterior, e é estreita porque está estreitada segundo a regra da Lei e é caminho contra caminho. Poderia parecer que o caminho da caridade é largo: Guiar-te-ei pelas sendas da justiça, nas quais, depois de ter entrado, não vacilarão seus passos (Pr 4, 11); mas o caminho dos pecadores é, pelo contrário, estreito. Por isso se disse no livro da Sabedoria: Andamos por desertos sem caminhos (Sb 5, 7). Porém, devemos saber que existe o caminho da carne e o caminho da razão. O caminho da caridade é o caminho estreito na senda da carne, porém, no caminho da razão é o contrário.

E poucos são os que o tomam. Difícil e raro é encontrá-lo no caminho do espírito, porém no caminho da carne, não. A razão se infere de que o caminho da carne é o prazer e este está à mão; porém, o caminho do espírito está oculto. Quão grande é, Senhor, a abundância da tua doçura, que tens escondida para os que o temem! (Sl 30, 20). Está oculto, por isso o encontram poucos. Porém, alguns o encontram e retrocedem, dos quais se disse: Aquele que põe sua mão no arado e olha para trás, não é apto para o reino de Deus (Lc 9, 62).

— In Matth., VII.

20 de fevereiro: Renúncia das coisas temporais

Renunciando à impiedade e aos deuses mundanos, vivamos neste século em sobriedade, justiça e piedade (Tt 2, 12).

I. O homem está constituído entre as coisas deste mundo e os bens espirituais, nos quais consiste a bem-aventurança eterna, de tal modo que quanto mais se adere a uns, tanto mais se desvia dos outros e vice-versa; daí que quem totalmente se apega às coisas deste mundo e faz delas seu

fim, tomando-as como razão e regra de suas ações, aparta-se totalmente dos bens espirituais; e pela razão mesma desta desordem se corrige pelos preceitos.

Porém, não é necessário que o homem renuncie totalmente aos bens deste mundo para chegar ao fim mencionado, porque pode o homem, usando das coisas deste mundo, sem fazer delas seu fim, chegar à eterna bem-aventurança; à qual, no entanto, chegará melhor e mais livremente renunciando totalmente aos bens deste mundo, e por isso no Evangelho se dão conselhos acerca disso.

Os bens deste mundo, pertencentes aos costumes da vida humana, são de três classes, a saber: riquezas de bens exteriores, que correspondem à concupiscência dos olhos; deleites carnais incluídos na concupiscência da carne; e honras, condensadas na soberba da vida (1Jo 2, 16). O abandonar de todo estas três coisas, quanto é possível, pertence aos conselhos evangélicos. Nestes três se funda, além disso, toda religião que professa o estado de perfeição; porque as riquezas se abdicam pela po breza; os deleites carnais pela castidade perpétua; a soberba da vida pela servidão da obediência.

II. A observância em absoluto destas três virtudes pertence em geral aos conselhos propostos; porém, a observância de cada um deles pertence ao conselho circunstancialmente, quer dizer, em cada caso; por exemplo, quando o homem dá alguma esmola a um pobre, sem estar obrigado, segue o conselho nesse caso particular; e do mesmo modo, quando alguém se abstém dos deleites carnais por algum tempo determinado, para dedicar-se à oração, segue o conselho por aquele tempo; igualmente quando alguém não segue sua vontade em algum ato que licitamente possa executar, segue o conselho em tal caso; como também se faz bem a seus inimigos, quando não está obrigado, ou se perdoa uma ofensa, da que justamente poderia exigir vingança. E assim todos os conselhos particulares se reduzem também àqueles três gerais e perfeitos.

— S. Th., Iª IIae, q. 108, a. 4

Notas de Rodapé

1 Trata-se da obra Meditationes ex operibus S. Thomae Derromptae, que con- tém meditações para todo o ano litúrgico. Aqui apresentamos somente as medi- tações para o Advento e Natal — NE.

2 Chegado o tempo da Septuagésima, devem omitir-se as que sobram do mês de fevereiro, ou talvez também janeiro, para tomar as que dão começo àquele domingo. As meditações omitidas então se utilizarão depois da festa do Sacra- tíssimo Coração até o primeiro dia de julho.

3 De Trinit. l. XIII, cap. 10.

4 De civ. Dei, l. XI, cap. 2.

5 De Trinit., l. XIII, cap. 10.

6 De Catechiz. rudibus, cap. 4.

7 Serm. De nativitate Domini, 22 de Temp.

8 Serm. De nativitate Domini, 13 de Temp.

9 De Trinit., l. XIII, cap. 17.

10 De vera relig., cap. 16.

11 Serm. De nativitate Domini, I.

12 De Trinit., l. XIII, cap. 13.

13 Serm. De nativitate Domini, I.

14 De verbis Domini.

15 Tract. II in Joan.

16 Estas palavras fazem parte do Exultet iam angelica, co- nhecido vulgarmente por A angélica, atribuído a Santo Ambrósio.

17 Cael. Hier., cap. 4.

18 De Trinit., l. XIII, cap. 18.

19 Orth. Fid., l. III, cap. 1.

20 Orth. Fid., l. III, cap. 1.

21 De circum. Serm. 2.

22 Joan., VIII, 44.

23 São Tomás, na Catena Aurea, sobre a passagem de Lc 4: Quia et aliis civita- tibus.

24 Codex Alcan.

25 São Tomás, na Catena Aurea, Mt 5.

26 Hom. XV in Matth.

27 De doctr. Christ., l. III, cap. 12.

28 Hom., XIII, super Matth.

29 Super Marc., II.

30 Super illud, Matth., VIII: Accedens unus scriba.

31 A med. Er habetur in eo conc., part. 3, cap. 9.

32 Hom. XVI in Matth.

33 Verba movent, exempla trahunt (Horat. Epist. ad Pis.).

34 Super Luc., cap 1, In mense sexto.

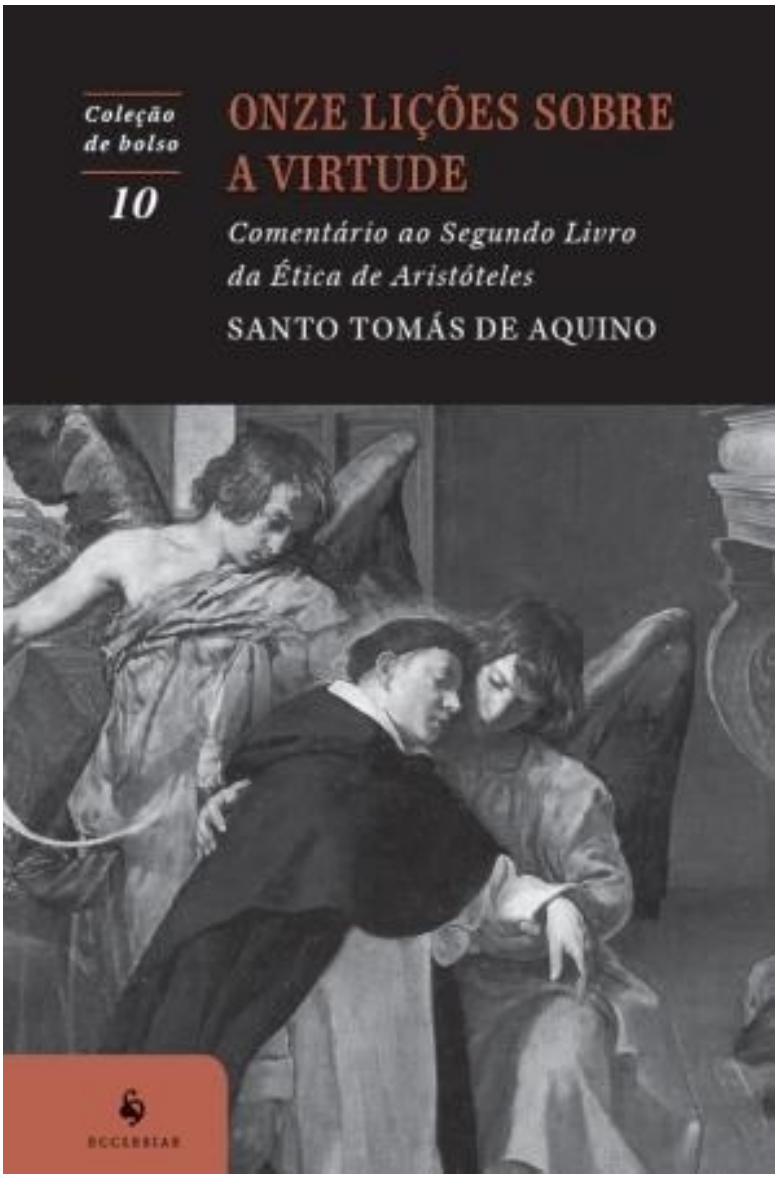
35 Responsório VIII da festa da Circuncisão – festa que deixou de existir em 1962 — NR.

36 Prefácio de Natal: Ut, dum visibiliter Deum cognoscimus, per hunc invisibi- lium amorem rapiamur.

37 Lev. XII.

38 De verbis Domini, serm. 54.

39 De Trinitate, 7.



Onze lições sobre a virtude (2ª Edição)

Tomás de Aquino, Santo

9788584913817

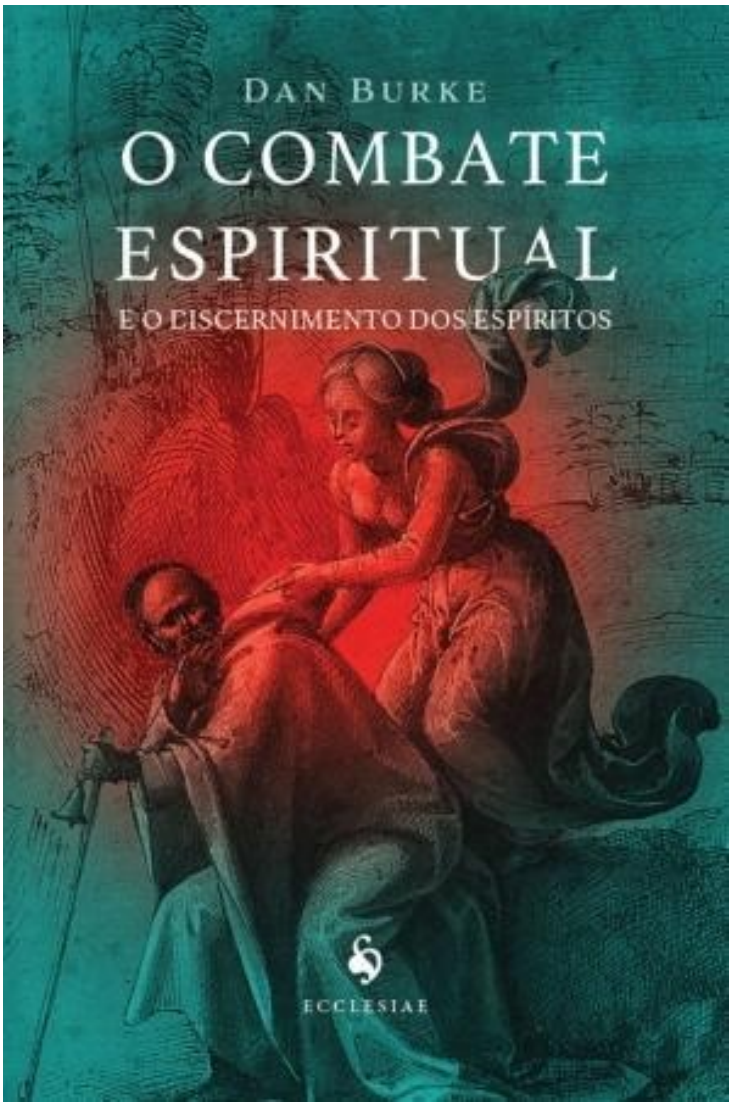
148

Compre agora e leia (Publicidade)

Uma obra fundamental que oferece um comentário profundo sobre o Segundo Livro da Ética de Aristóteles. Neste estudo, é examinado o conceito de virtude, explicando como ela se encontra

em um equilíbrio delicado entre a responsabilidade e a esperança, e como os hábitos, vícios e paixões influenciam nossa jornada rumo à virtude. A obra propõe uma reflexão sobre como a prática contínua de virtudes pode moldar o caráter humano e nos guiar em direção a escolhas racionais e bem fundamentadas.

Compre agora e leia (Publicidade)



O combate espiritual e o discernimento dos espíritos

Burke, Dan

9788584913909
140

Compre agora e leia (Publicidade)

As regras para o discernimento dos espíritos compostas por Santo Inácio de Loyola, sabedoria já provada pelos séculos, ajudaram incontáveis almas a reconhecer a voz do Senhor em meio aos embates da vida. Esse grande santo, de soldado dissoluto que era, tornou-se luminoso exemplo de santidade, um verdadeiro guerreiro de Deus.Nós, também, não devemos fugir da batalha por nossas almas. É à luz dos ensinamentos do fundador da Companhia de Jesus que Dan Burke elabora aqui um breve e confiável manual para se discernir a voz de Deus das seduções do demônio e reconhecer os períodos de consolação e desolação na vida espiritual. Essa veneranda riqueza da mística católica é aqui apresentada de forma didática e acessível, a fim de nos munir das táticas para combater eficazmente as investidas do inimigo e, assim, progredirmos na luta pelo Reino de Deus em nós.

Compre agora e leia (Publicidade)

O privilégio de ser Mulher

von Hildebrand, Alice

9788584913619

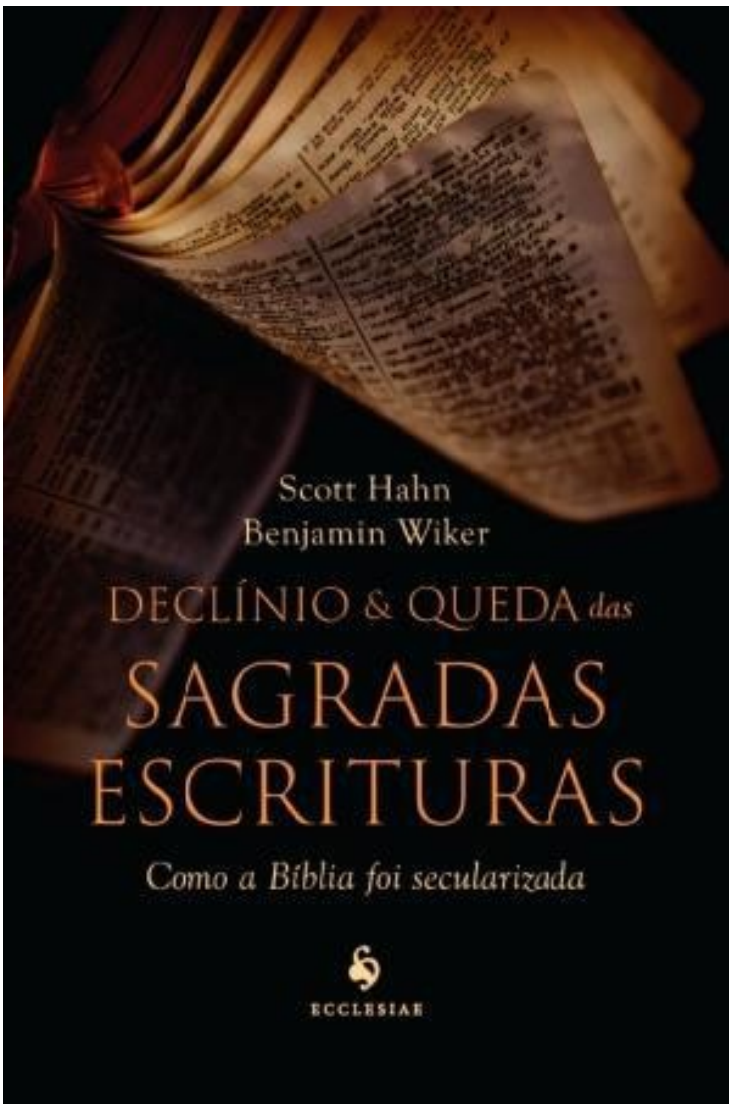
124

Compre agora e leia (Publicidade)

Uma coisa é certa: quando chegar a hora, nada que tiver sido produzido pelo homem subsistirá. Um dia, todas as realizações humanas serão reduzidas a um monte de cinzas. Por outro lado, todas as crianças nascidas de mulher viverão eternamente, pois a elas foi concedida uma alma imortal, feita à imagem e semelhança de Deus.Sob essa luz, a afirmação de Simone de Beauvoir

de que "as mulheres não produzem nada", mostra-se especialmente ridícula."

Compre agora e leia (Publicidade)



Declínio e queda das Sagradas Escrituras

Hahn, Scott

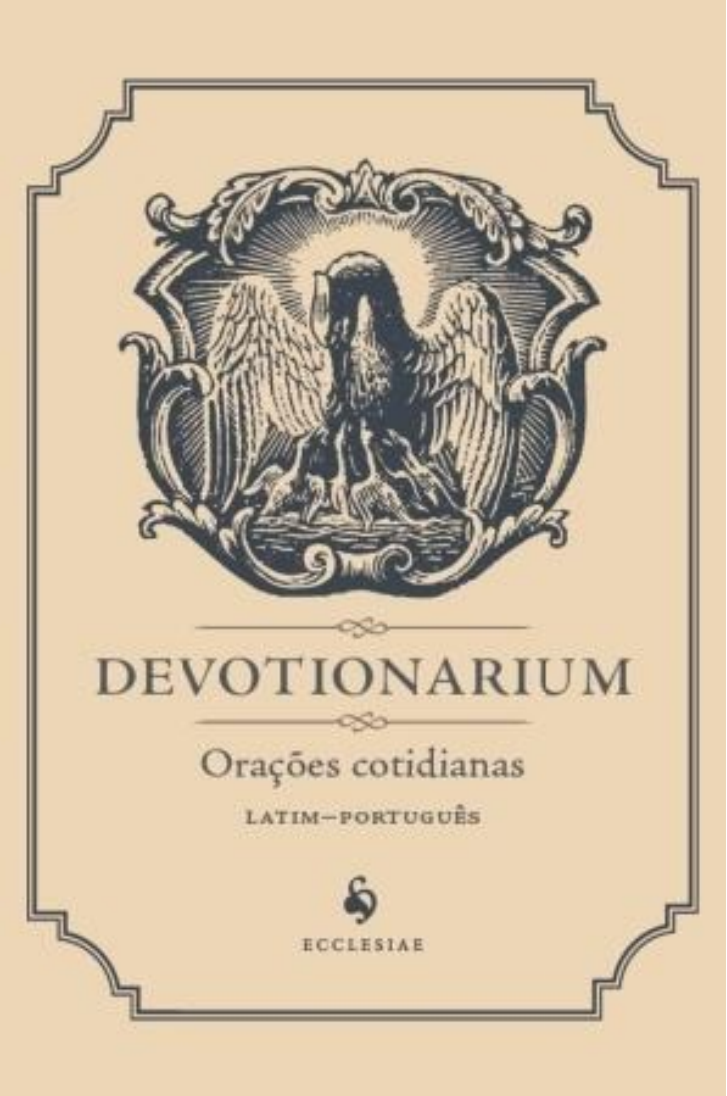
9788584913435

280

Compre agora e leia (Publicidade)

Quando se desmoronam os fundamentos, que pode fazer o justo? — Sl 11, 3 Vivemos numa era em que praticamente todos os aspectos da vida humana foram absorvidos por disputas ideológicas. Mas e se a própria Bíblia — por séculos o coração espiritual da civilização ocidental — também tiver sido politizada? Quando o texto sagrado passa a ser lido como um artefato humano, desprovido de inspiração divina, perde-se não apenas a fé em suas verdades, mas também os alicerces morais que sustentaram toda uma cultura. A substituição da Escritura por métodos críticos e visões céticas abriu um abismo profundo entre o mundo moderno e o cristianismo histórico, ecoando com inquietante atualidade a pergunta do salmista: "Quando se desmoronam os fundamentos, que pode fazer o justo?". Scott Hahn e Benjamin Wiker traçam a surpreendente origem desse processo, revelando como a politização da Bíblia começou ainda no século XIV, muito antes da ciência moderna, e culminou na descristianização da cultura contemporânea. Com clareza e profundidade, os autores desmontam os pressupostos da crítica bíblica moderna e convidam o leitor a reencontrar a Sagrada Escritura como ela sempre foi: palavra viva de Deus, fundamento da verdadeira teologia e farol para uma civilização que busca reencontrar seu caminho.

Compre agora e leia (Publicidade)



Devotionarium: Orações cotidianas

Ecclesiae, Editora
9788584913688
220

Compre agora e leia (Publicidade)

Devotionarium é um compilado de orações e devoções do tesouro da Igreja para acompanhar o fiel católico nos diversos momentos do dia e nas mais variadas ocasiões: ele contém as principais orações da fé católica em latim e português, orações da manhã e da noite, a Nossa Senhora, a São José, orações para antes da Santa Missa, para a ação de graças, hinos,

ladainhas e preces para diversas necessidades.*Com imprimatur

Compre agora e leia (Publicidade)